



175

ANOS DA BATALHA
DO PASSO DO ROSÁRIO

ACADEMIA DE HISTÓRIA
MILITAR TERRESTRE DO BRASIL

2002
175 ANOS
DA BATALHA DO
PASSO DO ROSÁRIO

Cláudio

Moreira Bento



Porto Alegre, abril de 2003

© do autor

1ª edição: 2002

Tiragem: 1000 exemplares

Composição da capa: Flávio A. de O. Camargo & Capitão de Fragata Carlos Norberto Stumpf Bento

Gravura TD da Capa: Flávio A. de O. Camargo

Fotografias da Capa: Monumento de Brasília (Cláudio Moreira Bento) e Monumento de Rosário do Sul (Sandro L.O. Camargo)

Composição dos mapas: Flávio A. de O. Camargo

Diagramação: Flávio A. de O. Camargo & Cláudio Moreira Bento

Revisão de texto: Norma Zanchetti

Divulgação: Genesis Edições

Revisão final e de provas: Os autores

Fotolitos e impressão: Metropole LTDA

Pedidos desta obra:

Academia de História Militar Terrestre do Brasil

AMAN - Av. Presidente Vargas, 442

Campos Elíseos - Resende - RJ

27542-570

Tel: (24) 354 3355 r. 5051

email: ahimtb@resenet.com.br

www.resenet.com.br/users/ahimtb

CIP - CATALOGAÇÃO INTERNACIONAL NA PUBLICAÇÃO

P659p	<p>Bento, Cláudio Moreira 2002 : 175 Anos da Batalha do Passo do Rosário. Cláudio Moreira Bento. - Porto Alegre : Genesis, 2003.</p> <p style="text-align: center;">144p.: 21 cm</p> <p style="text-align: center;">ISBN 85-87578-07-3</p> <p>1. Brasil - História - Império. 2. Brasil. Exército. I. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD: 98104</p>
-------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Catálogo na publicação:

Departamento Nacional do Livro

ISBN: 85-87578-07-3

Sumário

	Pág.
Prefácio	vii
Apresentação	xi
Carta de Caxias ao IHGB sobre Passo do Rosário	xiii
Carta do Cel Bento ao Cel Aldílio Sarmento Xavier ...	xvii

1ª Parte

Marchas Estratégicas dos Exércitos para a Batalha do Passo do Rosário (20 Fev 1827)

Introdução.....	21
Situação Geral.....	22
Marchas Estratégicas dos exércitos.....	24

2ª Parte

Estudo dos Fatores de Decisão Militar na Batalha do Passo do Rosário

Introdução.....	41
O terreno da Batalha.....	42

Cobertas e Abrigos para o Exército do identes

	Pag.
Condições Meteorológicas.....	54
Situação dos Exércitos.....	54
Missão dos Exércitos.....	55
Organização, efetivos, composição e valor dos exércitos.....	58
Lideranças.....	62
Experiência anterior em combate.....	66
Instrução.....	67
Disciplina.....	69
Forças Morais.....	70
Cavalhadas.....	74
Situação das Informações.....	78
Armamento e munição.....	81
Artilharia.....	82
Engenharia.....	83
Alimentação.....	84
Uniformes.....	85
Equipamento de Campanha.....	86

Quanto a Situação dos dois

3ª Parte

O Anjo da Vitória - Marechal José de Abreu

O Anjo da Vitória - Marechal José de Abreu.....	99
Mal José de Abreu e Barão do Cerrro Largo (1775-1827).....	104
Lista parcial das principais fontes brasileiras, argentinas e uruguaias sobre a Batalha do Passo do Rosário ou Ituzaingô (20 fev 77).....	105
Academia de História Militar Terrestre do Brasil.....	114
Sobre o Autor.....	117
Convenções.....	123

Prefácio

"O homem sensato se adapta ao mundo; o insensato insiste em tentar adaptar o mundo a ele. Todo o progresso depende, portanto, do homem insensato".

A análise superficial da citação do jornalista inglês Sir George Bernard Shaw revela que o coronel Cláudio Moreira Bento é um homem insensato. É insensato porque poderia ter sido o soldado exemplar que foi, mas cumprir o seu dever não era suficiente. É insensato porque poderia estar contando estórias para seus netos, mas preferiu fazer história para os soldados e para o povo brasileiro. É insensato porque decidiu escrever sobre a maior batalha campal do Brasil em termos de combatentes e de controvérsias e esclarecê-la. É insensato porque apresenta, com base nos fundamentos da arte

militar, uma análise crítica, profunda, detalhada e original da decisão militar de uma das batalhas em que mais se escreveu e que mais incertezas produziu. É insensato porque insiste em resgatar para as gerações de militares e de brasileiros, soldados comuns que se tornaram incomuns e que o Brasil esqueceu.

Como resultado dessa insensatez, o Cel Bento tem nos proporcionado uma história imparcial, crítica e pragmática. Sua análise carteziana é a sua ferramenta de trabalho. Sua interpretação é o progresso no entendimento de nossa história militar e seus ensinamentos são um passo adiante na evolução da nossa doutrina militar. Tem sido assim nos mais de 60 títulos por ele publicados e, absolutamente, na obra **2002 - 175 da Batalha do Passo do Rosário**, ora apresentada.

A Batalha do Passo do Rosário ou de Ituzaingô, denominada pelos argentinos, ocorreu em 20 de fevereiro de 1827. Esta batalha integra uma séria de outras batalhas e combates que ocorreram na chamada Guerra da Cisplatina (1825-1828) e constituiu-se no principal embate pela disputa da então Província da Cisplatina, em poder do Império do Brasil. Até o momento, ainda gera discussão e polêmica sobre o verdadeiro desenlace deste encontro entre o Exército Republicano das Províncias Unidas do Prata e o Exército Imperial do Brasil.

O envolvimento do exército argentino na campanha da Cisplatina teve o único interesse de anexar a província e retomar o sonho do vice-reinado de Buenos Aires. A Argentina reclamou para si a vitória da Batalha do Passo do Rosário, o que efetivamente não se configurou e até hoje é tida como um "triunfo incompleto". Na realidade, após cessarem as hostilidades e a paz ser declarada, Argentina e Brasil se retiraram do território e ambos foram avais do último país sul-americano a obter a independência. A Batalha do Passo do Rosário teve apenas um vencedor: a República Oriental do Uruguai, que surgiu, providencialmente, "como um algodão entre dois cristais".

Os fatos que antecederam a batalha e o desenlace de todo o conflito são fartamente documentado por vários autores das principais nações envolvidas. Entretanto, quando comparadas e analisadas em conjunto, estas informações não oferecem subsídios seguros pois a parcialidade e os exageros são verificados de ambas as partes. Para aumentar a controvérsia e suscitar mais dúvidas, o comandante em chefe do exército republicano, ao defender-se posteriormente da sua atuação na batalha, escreveu um documento, onde justifica seus

erros como se tivessem sido planejados. Este documento tem sido considerado por autores renomados e tem gerado interpretações não condizentes com o caráter do general Alvear. Somente uma análise crítica e imparcial poderia auxiliar no melhor entendimento desta batalha.

Com base nestas considerações, o Cel Bento resgatou, pacientemente, um quadro mais próximo do que realmente aconteceu no dia 20 de fevereiro de 1827. Analisou detalhadamente os preparativos para a batalha e o contexto político e militar existente, bem como o desenrolar dos acontecimentos e os apresentou pela primeira vez em 1977, na forma de artigos publicados na Revista Defesa Nacional. Após 25 anos desta publicação, o Cel Bento revisou e ampliou sua interpretação e agora a disponibiliza para o público interessado em História e Doutrina Militar Terrestre do Brasil.

Na primeira parte da obra, o Cel Bento faz uma descrição detalhada do dia-a-dia das marchas estratégicas realizadas pelos exércitos até o local da batalha, hoje município de Rosário do Sul, no estado do Rio Grande do Sul. A seguir, apresenta um estudo inédito dos fatores de decisão militar envolvidos na batalha, essenciais para esclarecer o desenlace do conflito e proporcionar novas interpretações aos estudiosos da história militar desta batalha. Na parte final de sua obra, o Cel Bento, resgata para a história, um dos personagens mais belos e interessantes do conflito que resultou na independência do Uruguai. Trata-se de José de Abreu, ou do Anjo da Vitória, como o imortalizou Simões Lopez Neto. Um soldado de origem humilde, fruto da miscigenação de raças na "fronteira do vai-e-vem" do sul do Brasil e que chegou ao posto de Marechal-de-Campo por seu desempenho em combate e foi agraciado com o título de Barão do Cerro Largo pelos serviços prestados ao império. Sua nobreza não residia no seu título mas na honra, no caráter, na lealdade e na dedicação para com sua pátria e o imperador. Após uma vida de glórias e de vitórias militares, comandou sua última carga na batalha do Passo do Rosário contra o Exército Republicano de Alvear e passou para eternidade como um soldado comum de feitos incomuns.

Estes cenários de estudo histórico-biográfico-militar e a análise crítica interpretada pelo historiador militar Cel Cláudio Moreira Bento, gaúcho e natural de Canguçu, fazem desta obra o referencial contemporâneo e a última palavra para a leitura da Batalha do Passo do Rosário, ocorrida a 175 anos.

Flávio A. O. Camargo

Riverside, julho de 2002

Apresentação

A presente publicação reproduz basicamente nosso estudo sobre a Batalha do Passo do Rosário em seu sesquicentenário em 20 Fev 1977.

É complementada em seu início pela visão de Caxias em 1854 da batalha do Passo do Rosário em carta que enviou ao IHGB de que era membro honorário e mais por carta que dirigimos ao Cel Aldílio Sarmiento Xavier, então Diretor da Biblioteca do Exército sobre assunto em tela.

Complementamos com dados biográficos relativos ao Marechal José de Abreu que morreu em ação e versão popular sobre sua morte no conto: O Anjo da Vitória, de autoria do Capitão da Guarda Nacional J. Simões Lopes Neto e mais uma relação das principais fontes de História argentinas e brasileiras sobre esta batalha para apoiar estudos futuros deste evento tão rico em lições de Arte e Ciência Militar .

Sugere-se que o assunto seja acompanhado pelos esboços a cores constantes deste trabalho e especialmente para ele elaborados com a cooperação do Dr. Flávio Camargo.

No mais para os profissionais militares votos de que retirem ensinamentos deste evento dentre do espírito assim definido pelo Marechal Ferdinando Foch, o comandante da vitória aliada na 1ª Guerra Mundial:

“Para alimentar o cérebro (comando) de um exército na paz, para melhor prepará-lo para a eventualidade indesejável de uma guerra, não existe livro mais fecundo em lições e meditações do que da História Militar.”

Cláudio Moreira Bento, Cel
Acadêmico Emérito - Presidente da AHIMTB

Carta de Caxias

A Batalha do Passo do Rosário segundo o Duque de Caxias

O Duque de Caxias, patrono da AHIMTB teve trabalho seu transcrito na **Revista do IHGB** conforme relataremos a seguir:

Em 20 de fevereiro de 1827 teve lugar próximo da atual cidade de Rosário do Sul a maior batalha campal travada no Brasil contra forças terrestres argentinas e orientais (uruguayas) cujo resultado foi indeciso para uns, entre os quais me alinhio e vitória ou derrota para outros.

Em 28 agosto 1854, decorridos 27 anos da batalha. O então Marquês de Caxias, sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) desde 11 Mai 1847 (sesquicentenário de ingresso em 11 Mai 1997) respondeu um questionário de 9 quesitos que lhe dirigira o secretário do IHGB, Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

Caxias recém egresso da vitoriosa campanha contra os ditadores Oribe e Rosas 1851-52 respondeu ao Questionário com apoio em dados que colhera *in loco*, onde acampara por mais de 4 vezes e em depoimentos de vários oficiais brasileiros, argentinos e uruguayos que participaram da batalha.

Sintetizado o seu pensamento de como interpretou a batalha:

“Os brasileiros dispunham de 5007 h: (Cavalaria: 2.731h; Infantaria: 2.036h; Artilharia: 240h).

Os argentinos e orientais 10.557h: (Cavalaria: 8.379; Infantaria: 1538; Artilharia: 600h).

Não participaram da batalha 1.720 brasileiros o que subiria o efetivo brasileiro na batalha para 6.627, caso eles tivessem combatido.

O movimento inimigo retrocedendo do passo do Rosário foi estratégico e poderia ter sido previsto. Mas não o foi, por não ter sido levado em conta que um exército invasor e superior não poderia fugir à perseguição de um inferior, numericamente, e nem abandonar as posições que ocupara, sem haver conquistado o fim a que viera.

O campo em que Alvear esperou as tropas brasileiras, que

marchavam às cegas e sem possuir informações seguras sobre o inimigo, pode por Alvear ser escolhido e nele exercitou-se por 2 ou 3 dias, segundo ouvi de oficiais argentinos e uruguaios e inclusive do Cel Eugênio Garzón que interroguei (1). Os brasileiros surpreendidos tiveram de aceitar a batalha no terreno para onde foram atraídos.

A posição do inimigo de antemão escolhida, forçosamente deveria ser muito favorável do que a deixada para os brasileiros. Mas em abono a verdade, não foi à posição favorável ao inimigo que lhe favoreceu na batalha. Se os brasileiros logo que tiveram conhecimento do inimigo tivessem mudado a frente à direita, mas para cima, teriam anulando esta vantagem de posição, obrigando o inimigo a manobrar para combatê-lo e logo a seguir o impedir de adotar nova linha de batalha.

A surpresa impediu a reflexão (estudo da situação). E tudo foi confusão ao se avistar o inimigo onde ele não era esperado.

O terreno ocupado pelo inimigo era mais próprio à Cavalaria do que à Infantaria e dominava a terreno ocupado pelos brasileiros, sendo assim mais favorável a sua Artilharia, superior a nossa quantitativa a qualitativamente.

Havia entre os exércitos uma sanga (riacho) sem água e que era um fosso enxuto que só dava passagem à Cavalaria em poucos lugares. E qualquer dos Exércitos que atravessasse a vista do outro teria dupla desvantagem de desfilar dominado pelas vistas e fogos do outro no ataque e, na retirada em caso de insucesso.

O nosso Exército não levando em contas as vantagens do inimigo, em efetivo e posição, ordenou o ataque.

Adotou a Ofensiva quando julgo deveria ter adotado a Defensiva e assim esperado o inimigo na posição que os brasileiros foram obrigados a ocupar. Assim compelia o inimigo a atacar as tropas brasileiras e por via de consequência deixar a posição que vantajosamente ocupava.

As formações dos dois exércitos foram sempre paralelas. As tentativas de flanqueamento (desbordamento) só foram feitas com vantagem pelo inimigo.

Pois no início da batalha conseguiam tomar-nos as bagagens, as munições de reserva, só escapando as cavalcadas que seus encarregados sem ordens e por iniciativa as conduziam para São Gabriel.

As duas divisões de Infantaria brasileiras permaneceram nas

posições e só as deixavam mediante ordens.

A batalha durou 11 horas, mais ou menos, e durante este tempo as unidades sustentaram as posições que lhes foram designadas pelo comandante.

A retirada foi competentemente ordenada pelo Comandante-em-Chefe e muito bem aconselhada na falta de reservas: a de munições tomadas no início da batalha, a de cavalcadas evacuadas para São Gabriel e a de tropas que haviam sido engajadas na batalha e se encontravam exaustas.

A ausência de 1200 homens da melhor Cavalaria ao comando do Cel Bento Manoel Ribeiro, que fora destacada com fim de observar o inimigo e com ordem de se reunir ao Exército, logo que ouvisse os primeiros tiros, o que não cumpriu, não obstante ter ouvido os estrondos da Artilharia inimiga. E antes, retirou-se para mais longe supondo o nosso Exército perdido.

É opinião geral de todos os oficias práticos da natureza da guerra (Guerra à gaúcha- vide artigo nosso na Antologia do Círculo de Pesquisas Literárias (CIPEL) com este título, em **Regionalismo Sul Rio Grandense**. Porto Alegre: CIPEL, 1996) que se faz nos campos do sul era de que os brasileiros não deveriam perseguir o inimigo que se retirava da frente do nosso.

Não pelo receio de combater, por ser ele superior em forças, mas por estratégia (ardil). A distância de Coronel Bento Manoel quando teve início a batalha não passava de 6 léguas castelhanas.

As baixas brasileiras foram mais de 200 e as argentinas e orientais em mais de 1000 (foram baixas da Cavalaria contra os quadrados da Divisão do General Crisóstomo Calado).

Fez bem a Marquês de Barbacena em ordenar a Retirada em direção a São Sepé, em razão dos brasileiros estarem faltos de munição logo no início da batalha, a Cavalaria quase inutilizada depois de 11 horas de batalha e no mesmo estado os mueres da nossa Artilharia.

Seria impossível ao Marquês de Barbacena tentar outra vez a sorte das armas enquanto não pudesse se refazer de munição e cavalcadas”.

Esta abordagem inédita e inexplorada do Duque de Caxias esta a sugerir que ela seja analisada à luz das obras **A Batalha do Passo do Rosário** do Gen Tasso Fragoso e **Batalha de Ituizangô** de Henrique O. Wiedersphan e nossos estudos sobre o mesmo tema publicados em **A Defesa Nacional** n: 672, ano 1977 e 680, ano 1978 e ora aqui republicados.

(1) O Gen Garzon casou com a antiga namorada de Caxias em Montevideu durante a Cisplatina 1825/18, em cujo contexto ocorreu Passo do Rosário onde Garzon combateu como coronel comandante de um Regimento de Infantaria adversário. Mais tarde aliados, Caxias e Garzón comandaram os exércitos do Brasil e Uruguai contra Oribe e Rosas em 1851-52.

Carta do Cel Bento

Carta do autor ao Cel Aldílio Sarmento Xavier

Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1983

Prezado Cel Sarmento Xavier
Diretor da BIBLIEx

Enviei-lhe exemplar de **A Defesa Nacional** contendo meu ensaio sobre Passo do Rosário. Este é o nº 672. O número 680 publica as Marchas Estratégicas dos exércitos. Infelizmente não possuo exemplar. Peço que os critique levando em conta esforço de torna-los entendidos por civis e adaptá-los aos nossos dias.

Da "5ª Batalha do Passo do Rosário" travada em 20 de outubro em seu Gabinete" chegamos ao consenso:

Passo do Rosário foi um combate de encontro e indeciso. A manobra em Retirada, atendia a Doutrina da Revolução Francesa. Ela foi imposta pelo vento soprando o incêndio do campo de batalha para a posição brasileira.

Quando da retirada em ordem de Barbacena e precipitada de Alvear, ambos desistiram, por exaustão de outras iniciativas militares, o que caracteriza a indecisão da batalha. Indagações!

Não fora o incêndio que envolveu a posição brasileira, teríamos perdido a batalha, ou sido desalojados?

Se a tivéssemos mantido, Alvear teria condições de desbordar e abrir caminho para São Gabriel?

Se tentasse atravessar o Passo do Rosário, teria conseguido?

Teria condições de permanecer em posição quanto tempo? Ainda mais com o retorno da Brigada de Bento Manoel?

Foi errado Barbacena retirar-se para o Passo São Lourenço, no rio Jacuí para facilitar o apoio em geral através do rio?

Existia alternativa melhor para o exército exaurido?

Peço que critique o trabalho levando em conta os fatores que analisei: Terreno, Missão, Inimigo e Meios.

Erros existiram de ambas as partes e crassos. Mas houve quem escrevesse: **"Na guerra vence quem era menos"**.

Parece que concordamos, a Batalha do Passo do Rosário não foi uma derrota como defendeu o General Tasso Fragoso.

Penso que ela merece uma publicação em que os colaboradores, doutrinariamente, engajem suas opiniões e as assinem, como sugeríamos.

Creio que assim o estudo da Batalha progrediria de seu estágio de 1922. Honrariam os participantes os conhecimentos da ECEME e os que seus instrutores e o caro amigo ministraram.

Cel Cláudio Moreira Bento
Chefe da 2ª Sec/EM 1ª RM

1ª Parte

**Marchas Estratégicas dos
Exércitos para a Batalha do
Passo do Rosário
(20 Fev 1827)**

MARCHAS ESTRATÉGICAS DOS EXÉRCITOS PARA A BATALHA DO PASSO DO ROSÁRIO (20 FEV 1827)

Introdução

Em 20 de fevereiro de 2002, transcorreu o sesquicentenário da Batalha do Passo do Rosário, que, pelos efetivos em presença, foi a maior batalha campal travada no Brasil.

No nº 672 de **A Defesa Nacional**, reproduzido mais adiante, foi analisada a situação no dia da batalha, à luz dos Fatores da Decisão: Missão, Terreno, Inimigo e Meios, do Exército do Sul, sob o comando do Marquês de Barbacena, e do Republicano, sob o comando do Gen Alvear.

O presente artigo estuda, dia a dia, as Marchas Estratégicas dos dois Exércitos, desde 26 de dezembro de 1826 até 20 de fevereiro de 1827 - o dia da Batalha, que o leitor poderá reconstituir à luz de mapa do Rio Grande do Sul e do Uruguai como um excelente exercício.

É enfatizado o grande momento, pouco lembrado, da marcha estratégica do Exército do Sul quando, em feito estratégico notável, conseguiu transferir-se da bacia do Uruguai para a bacia da Lagoa dos Patos; transpor o correntoso rio Camaquã-Chico; tomar posição nas serras do Camaquã, favorável à sua superioridade em Infantaria; operar junção, em lugar seguro, com as demais peças de manobra trazidas pelo Marechal Brown desde Pelotas, que passaram a integrá-lo, e, finalmente, interpor-se entre o Exército Republicano e as direções estratégicas que demandavam Porto Alegre e Rio Grande, frustrando o plano do Exército Republicano de isolar o grosso do Exército do Sul, em Santana, de suas bases de apoio em Rio Pardo, Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas.

Esse foi um grande momento de nossa História Militar – possivelmente pela primeira vez enfatizado – que muito pesou na reconciliação da memória de Barbacena com a opinião pública nacional, memória desde então deformada, juntamente com a de D. Pedro I depois da sua Abdicação. Esse feito histórico notável de Barbacena muito pesou em sua consagração como denominação histórica da unidade de Artilharia de Juiz de Fora, segundo nos informou o Cel Manoel Soriano Neto, Diretor do Centro de Documentação do Exército.

Neste estudo, subsídios históricos, para que deles se tirem os ensinamentos doutrinários militares, são oferecidos ao leitor e pesquisador interessados. Este trabalho homenageia, no ano dos 175

anos do Passo do Rosário, a memória do soldado brasileiro que participou da marcha e da batalha, cumprindo com valor, bravura e patriotismo seu dever militar, a despeito das condições bastante adversas que enfrentou e superou com galhardia, como se verá mais adiante, na análise dos fatores da decisão.

Situação Geral

Com o desembarque – na praia de Agraciada, no Uruguai, em 19 de abril de 1825, 4 meses após a batalha de Ayacucho – de 33 orientais provenientes de Buenos Aires, liderados pelo Coronel Lavalleja, teve início o movimento de independência da última nação de origem espanhola da América do Sul.

Em pouco tempo a revolta atingiu os muros de Montevidéu, com grande respaldo popular e substancial apoio de Buenos Aires.

Em 25 de agosto de 1825, em Florida, uma assembléia de orientais (uruguaios) declarou a independência da Província Cisplatina e sua confederação às Províncias Unidas do Rio da Prata (Argentina).

No Rio Grande, elevado a Província em 25 de maio de 1825, o Governador procurou tomar providências militares, enviando a Esquadra Brasileira em auxílio ao Governador Lécor, da Cisplatina, para dominar-se a revolta dos orientais auxiliados pelo argentinos.

O Marechal Abreu, Barão do Serro Largo, Comandante das Armas da Província do Rio Grande, procurou mobilizar os poucos militares disponíveis, que logo entraram em ação.

Os orientais submeteram as praças de Montevidéu, Colônia e Mercedes a rigoroso cerco, mas elas resistiram às investidas.

Em 4 de setembro de 1825, o Coronel Bento Manoel Ribeiro bateu os orientais em Áquila.

Em 23 e 24 de setembro, os orientais bateram os contingentes enviados pelo Marechal Abreu em Rincón de Las Gallinas.

Em 12 de outubro de 1825, Bento Manuel Ribeiro foi batido no combate de Sarandi, travado junto a um dos afluentes do rio Yi. Como decorrência de Sarandi, os orientais ficaram com o pleno domínio da campanha do Uruguai.

Lécor ficou reduzido à posse de Montevidéu, Colônia e Santa Tereza. O Marechal Abreu, com os reduzidos elementos de que

2002 - 175 Anos da Batalha do Passo do Rosário

dispunha, estabeleceu um cordão defensivo na fronteira do Rio Grande com a Província Cisplatina, após retornar ao Rio Grande.

Nesse contexto, adverso para o Brasil, em 25 de outubro de 1825 o Congresso de Buenos Aires proclamou a Província Cisplatina reintegrada às Províncias Unidas do Rio da Prata. Em consequência, o Império do Brasil declarou guerra às Províncias Unidas do Prata em 10 de dezembro de 1825.

O Tenente General Lécor e o Marechal Abreu foram demitidos como responsáveis pelos sucessos militares dos orientais.

Abreu foi substituído, em fevereiro de 1826, pelo Brigadeiro Francisco de Paula Massena Rosado. Ao passar o comando, declarou com orgulho que, enquanto fora o Comandante das Armas da Província do Rio Grande de São Pedro, não cedera ao inimigo um só centímetro de seu território, e de fato isso aconteceu.

Abreu, o "Anjo da Vitória", tornou-se legendário por suas brilhantes vitórias obtidas contra Artigas no período 1816-21, como tenente-coronel. Apesar de tático e líder de combate incomparável na guerra de guerrilhas, não foi o homem ideal para conduzir, 4 anos após, como Marechal e Comandante de Armas do Rio Grande, a batalha no campo estratégico.

A essa situação fora guindado após a Independência, em razão do retorno a Portugal de 3 divisões que guarneciam o Brasil Colônia e de oficiais capacitados para planejamento e condução da batalha estratégica.

O Império do Brasil decretou o bloqueio naval do estuário do Rio da Prata, anunciado em 31 de dezembro de 1825.

Durante o ano de 1826 e início de 1827, enquanto se processava a concentração nas Províncias Unidas (a partir de fevereiro de 1826), nossa Marinha travou com a das Províncias Unidas uma série de batalhas e combates: **Corales** (9 fevereiro de 1826), **Colônia** (25 de fevereiro –13 de Maio), **Montevideú** (11 de abril de 1827), **Lara Quilmes** (29 e 30 de julho de 1826), **Banco Santana** (8 de fevereiro de 1927), **JuncaL** (7 de fevereiro de 1827), etc., que terminaram por neutralizar o potencial naval do adversário, suprir e apoiar as praças de Montevideú e Colônia e dificultar o livre apoio logístico de Buenos Aires ao seu Exército nas províncias do Rio Grande do Sul e Cisplatina.

Ao final dos anos 1826, as Províncias Unidas do Rio da Prata mantinham concentrado em Durazno, na atual República do Uruguai, o Exército constituído de orientais e argentinos, sob o comando do argentino General Carlos Maria Alvear.

O Império do Brasil mantinha suas melhores tropas do sul concentradas em Montevidéu e Colônia.

Em Santana do Livramento atual, na cochilha de Santana, Massena Rosado determinou a concentração de todo o Exército.

Em Jaguarão estacionou, sob o comando do Coronel Bento Gonçalves, a Ala Esquerda deste Exército, após recusar participar da concentração em Santana.

Em 12 de setembro de 1826, o Tenente General Felisberto Caldeira Brant Pontes de Oliveira e Orta, Marquês de Barbacena, foi nomeado substituto de Massena Rosado no comando do Exército do Sul, na Província do Rio Grande de São Pedro, em razão do infeliz e desastrado comando do Exército por Massena Rosado e divergências deste com o Presidente do Rio Grande.

Em 9 de dezembro de 1826, chegou a Porto Alegre o Imperador D. Pedro I. Vinha para acelerar os trabalhos e iniciar a ofensiva na Guerra da Cisplatina 1825-28, em curso.

O Imperador trouxe, em sua comitiva, reforços militares e o Marechal de Campo Henrique Brown, contratado em 12 de março de 1826 para lutar no Sul.

Vale lembrar que fazia pouco o Brasil havia enfrentado a consolidação de sua Independência na Cisplatina, no Pará, Maranhão e Bahia, bem como a Confederação do Equador em 1824 no Nordeste. Além disso, seu Exército só foi organizado no final de 1824 e a Defesa do Brasil fora desfalcada com as 3 divisões de Portugal que guarneciam a Bahia, o Rio de Janeiro e a Cisplatina, sendo levados para Portugal os melhores quadros militares do Brasil Colônia.

E assim o Brasil teve de improvisar seu Exército. Essa circunstância adversa foi pouco enfatizada. Por outro lado, o Exército de Alvear era um exército organizado e veterano das lutas pela Independência na bacia do Prata.

Marchas Estratégicas dos Exércitos (Mapa 01)

Durante 55 dias, de 26 de dezembro de 1826 até 20 de fevereiro de 1827, dia da Batalha do Passo Rosário ou de Ituizangô, ocorreram as marchas estratégicas do Exército Republicano, de Alvear, e do Exército do Sul, do Marquês de Barbacena.

☆☆☆☆☆ **ATENÇÃO** ☆☆☆☆☆

Acompanhar os movimentos dos dois exércitos dia a dia através de mapa com o título Marchas Estratégicas dos Exército, anexo a publicação.

Marchas diárias dos Exércitos		
1826	Exército Republicano	Exército do Sul
26 DEZ	Início da marcha estratégica do Exército Republicano, ao comando de Alvear, na direção de BAGÉ, a partir do acampamento em ARROIO GRANDE.	O Exército do Sul, ao comando de Massena Rosado, permanece no ACAMPAMENTO REAL DA CAROLINA em SANTANA, há um ano.
29 DEZ	O Exército Republicano transpôs o rio Yi, em DURAZNO.	O Marquês de Barbacena aproxima-se de SANTANA para assumir o comando do Exército do Sul.
1827	Exército Republicano	Exército do Sul
01 JAN	O Exército Republicano encontra-se acampado às margens do arroio das CONCHAS. Alvear assumira o comando do Exército em DURAZNO, exatamente 4 meses antes, em 1º Set. 1826. Tempo precioso para organizá-lo, equipá-lo, instruí-lo e planejar seu emprego. Completava assim, trabalho relativo ao Exército Republicano, que iniciara como Ministro da Guerra.	Barbacena assumiu o comando do Exército do Sul em SANTANA. O encontrou "nu, descalço, sem munição de guerra e boca, sem remédios ,sem cavalos e reduzido há um ano a mais humilhante defensiva", segundo escreveu a D. Pedro I.
02 JAN	O Exército Republicano continuou acampado junto ao arroio das CONCHAS.	Barbacena deu início a cuidadosa inspeção. Sua presença levantou os ânimos do Exército do Sul. Pouco a pouco, foi adotando providências enérgicas para devolver ao Exército a operacionalidade perdida e, particularmente, a sua mobilidade.
03 JAN	Do arroio das CONCHAS, Alvear destacou o corpo de Lavallega para fazer a cobertura do flanco esquerdo do Exército e colher informações sobre Exército do Sul.	Barbacena prosseguiu no trabalho de recuperar a operacionalidade do Exército do Sul.
05 JAN	O Exército Republicano atravessou o rio NEGRO e acampou. Lavallega despachou elementos na direção de Santana.	Barbacena continuou no seu trabalho, desconhecendo a marcha do Exército Republicano sobre BAGÉ.
09 JAN	Elementos avançados do Corpo de Lavallega atravessaram o rio TAQUAREMBÓ.	Os elementos do Exército do Sul que cobriam o acampamento de SANTANA, ao Sul não possuem informações sobre o inimigo.

1827	Exército Republicano	Exército do Sul
11 JAN	Ao anoitecer, Lavalleja atingiu as margens do arroio JAGUARI, A vanguarda de Lavalleja, ao comando de Servando Gomez, atuou junto às avançadas do Exército do Sul e fez 26 prisioneiros. Deles obteve informações sobre a situação em Santana.	Barbacena reuniu Conselho de Guerra que decidiu a mudança de acompanhamento de SANTANA, para a região de BAGÉ, com apoio em informe de que o Exército Republicano marchava sobre SANTANA. Informe colhido com a ação de Servando Gomez sobre SANTANA.
13 JAN	O Exército Republicano acampou ao norte de TAQUAREMBÓ em local onde, neste dia, lavrou violento incêndio no campo, dominado com grande esforço. Ao incêndio seguiu-se à noite, um violento temporal.	O Exército do Sul iniciou seu deslocamento. Foi acampar nas pontas do CUNHAPERU, aonde foi reunir-se à noite BARBACENA, que estivera bastante doente, segundo Seweloh, seu ajudante em assuntos de Engenharia.
14 JAN	Lavalleja rearticulou seu dispositivo na confluência do CUNHAPERU com o TAQUAREMBÓ. Ai fez um prisioneiro brasileiro, integrante de um grupo de reconhecimento despachado de SANTANA. Os demais conseguiram fugir levando preciosas informações para o Marquês de Barbacena em seu acampamento. Lavalleja sabia que o Exército do Sul marchava, mas não sabia se sobre ele ou sobre BAGÉ. Dúvida!	O Exército do Sul permaneceu no CUNHAPERU onde juntou-se a ele a Brigada Bento Manoel. Face as informações colhidas por seus elementos de reconhecimento, Barbacena lançou, à noite desse dia, como flanco guarda, uma coluna ao comando do Brigadeiro Barreto, nucleada pela brigada Bento Manoel. Presume - se que daí Barbacena enviou ordem a Brown em JAGUARÃO e Abreu em marcha para Rio Pardo, para unirem-se ao Exército, na região de Bagé.
16-17 JAN	O Exército Republicano ao alvorecer de 17. Percorreu 60 km de deserto, sob o calor o calor sufocante e sem encontrar uma gota d'água. Foi acampar na margem direita do rio NEGRO. A cavalhada deu sinais de grande fadiga. Em 16, Lavalleja foi informado que coluna do Exército do Sul marchava a seu encontro. Atravessou então o JAGUARI, onde recebeu ordens de Alvear para prosseguir.	Em 16 o Exército do Sul permaneceu nas margens do CUNHAPERU. Em 17 marchou. Até a cabeceira do IBICUI-MIRIM onde acampou. Barbacena, a partir daí, decidiu acelerar sua marcha. Para aliviar mais a coluna, determinou que o material dispensável ao Exército fosse levado para SÃO GABRIEL, bem como os doentes. Em 17, O Marechal Brown recebeu, em PELOTAS, ordem de BARBACENA para operar, junção como Exército do Sul, na região de BAGÉ.

20 JAN	O Exército Republicano atravessou o rio NEGRO no passo do MAZANGANO. Objetivo, parafraseando o General Alvear, "não perder a vantagem de manobrar pelo flanco esquerdo do Exército do Sul e levando sempre adiante seu projeto de interceptar a comunicação do Exército do Sul com a vila de RIO GRANDE e ocupar a vila de BAGÉ." Até aí eram imprecisas as informações que Alvear dispunha sobre os movimentos de BARBACENA e BROWN. Lavalleja atingiu o arroio S. LUIZ.	O Exército do Sul acampou junto a LAGOA FORMOSA. Brown já marchava, por terra, na direção de CANDIOTA, com a maior parte de sua coluna. Por água, desde PELOTAS, e até a confluência do rio JAGUARÃO com o JAGUARÃO, enviou ao comando do Major Manoel Soares de Jesus, o destacamento de tropas alemães, constituído pelo 27º Batalhão de Caçadores e Esquadrão de Lanceiros Alemães. Até aí eram imprecisas as informações que Barbacena dispunha sobre os movimentos de Alvear.
-------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

1827	Exército Republicano	Exército do Sul
21 JAN	O General Alvear informou a seus comandantes de divisão que Bento Gonçalves vinha contra o Exército Republicano, razão pela qual iria acampar na planície. A partir desse dia, o Exército Republicano ficou separado pelo rio Negro, de sua Vanguarda e, com o flanco direito não apoiado.	O Exército do Sul marchou e foi acampar no arroio PONCHE VERDE. Bento Gonçalves aproximou-se do flanco direito do Exército Republicano e mandou informar Barbacena dessa circunstância. A cobertura de Brown vinha sendo realizada pelo alferes José Teodoro da Silva (Juca Teodoro).
22 JAN	O Exército Republicano marchou neste dia. A certa altura de sua marcha, foi dado o alarma ao avistar-se elementos de reconhecimento de Bento Gonçalves.	O Exército do Sul atravessou o SANTA MARIA no passo D. PEDRITO, onde acampou. Barbacena informou que os flancos do Exército Republicano estavam sob observação das colunas de Bento Manoel.

<p>23 JAN</p>	<p>Alvear anunciou que o Exército do Sul, ao comando de Barbacena, marchava contra seu Exército. Neste dia Lavallega penetrou em BAGÉ com um grupo de 100 homens. Ali permaneceu 3 horas. Estrondo, ouvidos ao longe, causaram alarme no Exército Republicano. Uns imaginaram tratar-se de descargas de canhões e de mosquetes sobre Lavallega. Outros imaginaram tratar-se de trovões ao longe. A última hipótese veio a confirmar-se, ao desabafar violento temporal sobre o Exército Republicano, em marcha. Nesse dia Alvear deplorou ter de subordinar as operações ao estado dos cavalos. Declarou a certa altura "Se o Exército do Sul viesse a seu encaço através do rio NEGRO, marcharia na direção do JAGUARÃO, para em seguida contramarchar e travar combate nas campinas onde se encontrava então."</p>	<p>O Exército do Sul ainda permaneceu no passo D. PEDRITO. Daí Barbacena escreveu ao Ministro da Guerra: "Alvear, com seu Exército reunido, vem encontrando por BAGÉ. Não sei seu efetivo. Sem dúvida, sua intenção é colocar seu Exército entre mim em SANTANA e Bento Gonçalves em JUGUARÃO (CERRITO), para batermos por partes. Sem dúvida teria conseguido se eu tivesse demorado um instante em ordenar a imediata junção, ou embaraçar-me com a dificuldades, de toda a ordem que enfrentei, logo ao assumir o comando em SANTANA, falta de cavalos, cartuchos podres e falta e falta imediata solução" (paráfrase). As colunas de Bento Gonçalves operaram junção em SANTA TECLA. Assim asseguram uma boa cobertura ao Centro do Exército do Sul, além de ficarem em condições de se reunirem a ele anulando neste dia a manobra de Alvear de colocar-se entre Barbacena e Bento Gonçalves a batê-los por partes.</p>
<p>24 JAN</p>	<p>Lavallega penetrou em BAGÉ neste dia. Após foi encontrar-se com Alvear, para conferência, no passo do VALENTE. Estes dois chefes continuavam separados.</p>	<p>O Exército do Sul atingiu o TAQUAREMBÓ-CHICO. Barbacena determinou que Barreto se reunisse a ele naquele local e dia. Determinou que a brigada de Bento Gonçalves cobrisse o Exército, em SANTA TECLA, face a BAGÉ.</p>
<p>25 JAN</p>	<p>O Exército Republicano reuniu-se todo junto ao passo do VALENTE, a vista de BAGÉ.</p>	<p>Choveu toda a noite de 24/25 sobre o Exército do Sul, impedindo-o de atravessar nesse dia o TAQUAREMBÓ-CHICO, por ter ficado a nado.</p>

☆☆☆☆☆ **OBSERVAÇÃO IMPORTANTE** ☆☆☆☆☆

Das 22,00 horas de 26 às 05,00 de 30 de Jan 1827 desabou sobre a região onde operavam os exércitos do Sul e o Republicano violento temporal, caracterizado por trovões, raios, fortes ventos e chuvas torrenciais que se prolongam por cerca de 80 horas. O Exército Republicano, em razão dela, ficou ilhado em BAGÉ onde pernitoou cinco noites. O Exército do Sul foi colhido pelo temporal em seu acampamento na GUARDA VELHA do TAQUAREMBÓ GRANDE, antiga guarda fundada pelos espanhóis após 1777 e de onde foram desalojados na Guerra de 1801. Ao término da chuva, o Exército do Sul já havia realizado a maior parte de sua difícil travessia do rio CAMAQUÃ-CHICO. O período de 26 de janeiro de 1826 a 2 de fevereiro de 1827 foi de grande significação no contexto da marcha estratégica de cada exército. Recordamos, dia-a-dia, como foram usados pelos dois exércitos.

1827	Exército Republicano	Exército do Sul
26 JAN	<p>Ao amanhecer teve início a ocupação de BAGÉ pelo Exército Republicano que se prolongaria por cerca de 116 horas, até as 10.00 horas de 31. "A vila foi alvo de saque e vítima de cenas de desordem, desolação e vandalismo . A soldadesca se entregou ao saque e ao roubo na vila, abundantemente sortida. A embriaguez, a violação do lar doméstico, traziam aterrorizadas as débeis mulheres e as indefesas crianças, únicos habitantes encontrados" (IRIARTE. <i>Memórias</i>). Ao anoitecer desabou violento temporal sobre BAGÉ. "Ele durou toda a noite, redobrando, de tempo em tempo, sua violência com inaudito furor." (BRANDSEN. <i>Escritos</i>.). Caiu um raio que incendiou 2 ou 3 edifícios. "O furacão arrancou as estacas da barraca e nos tapou, estragando toda a nossa janta. Todo a noite choveu como um dilúvio e a passamos no barro." (DEL PINO. <i>Diário de La Guerra</i>.).</p>	<p>O Exército do Sul após esperar um dia que o TAQUAREMBÓ-CHICO baixasse seu nível, realizou a transposição do mesmo neste dia. "Marchou até a GUARDA VELHA DO TAQUAREMBÓ onde acampou em condições de muita segurança, em posição dominante e excelente para a Artilharia e Infantaria". À noite, o Exército do Sul foi colhido de modo mais brando pelo temporal que atingira violentamente o Exército Republicano em BAGÉ. Bento Gonçalves foi atingido, em SANTA TECLA, pelo violento temporal caído à noite.</p>
27 JAN	<p>Ao amanhecer, BAGÉ era só desolação, em consequência do temporal e do início dos saque que continuaram por todo o dia. Os arriões em torno de BAGÉ estavam a nado e o Exército Republicano ilhado. Servando Gomes entrou na via com alguns prisioneiros brasileiros. A chegada de um esquadrão do Exército Republicano, em BAGÉ, provocou alarma com clarins e um tiro de canhão, ao ser confundido com tropas do Exército do Sul marchando sobre BAGÉ. Alvear mandou publicar ordens proibindo, sob pena de</p>	<p>O Exército do Sul, em razão das fortes chuvas caídas na noite anterior e durante todo este dia, permaneceu inativo na GUARDA DA VELHA DO TAQUAREMBÓ. Bento Gonçalves em SANTA TECLA, realizava a cobertura do Exército do Sul e vigiava o Exército Republicano em BAGÉ.</p>
1827	Exército Republicano	Exército do Sul
27 JAN Cont.	<p>morte, o roubo e o saque. Em consequência foram fuzilados 2 homens. Apesar disso o saque continuou (DEL PINO).</p>	

28 JAN	O Exército Republicano permaneceu em BAGÉ, sob chuva. Segundo BRANDSEN e DEL PINO "realizou-se, sob a supervisão do Mansilha, a partilha da cachaça, açúcar, café etc... apreendidos na tomada de BAGÉ. E se refez em suprimentos valiosos e conseguiu fazer a remonta de sua cavahada."	Sob a cobertura de brigada Bento Gonçalves, em SANTA TECLA, o Exército do Sul marchou todo o dia sob forte chuva, até as nascentes do CAMAQUÁ-CHICO. Transportou-se neste dia da bacia do URUGUAI para a bacia da LAGOA DOS PATOS. Por outro lado, já barrava as direções BAGÉ - RIO PARDO e BAGÉ - PORTO ALEGRE e a BAGÉ - PELOTAS - RIO GRANDE com Brown.
29 JAN	Sob a orientação do Mansilla, Chefe do EM do Exército Republicano, prosseguiu a distribuição das mercadorias apreendidas em BAGÉ pelos diversos corpos. O tempo chuvoso continuou. Lavallega partiu na direção das pontas do CAMAQUÁ. Em SANTA TECLA entrou em choque com BENTO GONÇALVES que passou a retardá-lo.	O Exército do Sul, sob forte chuva e sob a cobertura de Bento Gonçalves, atingiu o passo do CAMAQUÁ-CHICO, encontrado-o cheio e torrentoso. Ainda neste dia o Exército do Sul construiu no local diversos botes de couro, mais conhecidos como pelotas, para serem usados como meios descontínuos na travessia do rio. Bento Gonçalves passou a escaramuçar e retardar a coluna da Lavallega.
30 JAN	A chuva amainou. O Exército Republicano recebeu ordem de ficar pronto para romper marcha. Através de 7 prisioneiros brasileiros, Alvear conheceu a disposição de Barbacena de aguardá-lo na serra em Caçapava e assim se expressou no Boletim n.º 3 desse dia. Barbacena "após andar em marchas e contramarchas, por direção falsa, em busca do Exército da República, ele encontra-se hoje, por fim, a 8 léguas de distância (cerca de 52 km). A habilidade das manobras do Exército Republicano o honram tanto, quanto desfavorece militarmente as do Barbacena."	Teve início a travessia do Exército do Sul para o outro lado do CAMAQUÁ - CHICO e que duraria 36 horas. A Artilharia e suas carretas e mais as de munições e alimentos, foram transpostas nos botes de couro (pelotas). A Cavalaria transpôs a nado. Os soldados da Infantaria, nus e com a água pelo peito, atravessaram o rio levando o uniforme, armamento, munição e equipamento sob macas improvisadas, que eram transportada por duplas. Bento Gonçalves, na cobertura da travessia, escaramuçou e retardou a coluna de Lavallega. Não perdeu um só homem e impôs baixas ao adversário.
31 JAN	O Exército Republicano deixou BAGÉ às 10:00 horas, após cerca de 116 horas de ali permanecer inativo. Sua marcha pouco rendeu em razão da cavahada estar cansada e estropiada. A tropa praticou algumas depredações sobre a propriedade de um brasileiro, terminando, a residência e o curral do brasileiro transformando-se em lenha, segundo DEL PINO. O Exército deixou SANTA TECLA a esquerda. Para explicar a inação de Alvear em BAGÉ, surgiu a versão não comprovada, e propagada pelo Coronel Angel Pacheco, de Alvear haver	A transposição continuou. Face a pressão de Lavallega, Barbacena ordenou que Barreto reforçasse Bento Gonçalves. Lavallega foi mantido a 3 km do local de travessia. O tiroteio com Lavallega cessou à noite quando o Exército do Sul havia completado a transposição e tomado posição em local seguro e incapaz de ser envolvido, cuja única via de acesso era o passo do CAMAQUÁ-CHICO que o Exército do Sul vencera com decisão e galhardia, sob a cobertura de Bento Gonçalves.
1827	Exército Republicano	Exército do Sul

<p>31 JAN Cont.</p>	<p>se apaixonado por uma bageense, em cuja casa se hospedara. Lavalleja enfrentou, até a noite, a retaguarda do Exército do Sul.</p>	
<p>01 FEV</p>	<p>O Exército Republicano marchou cerca de 26 a 30 km até as pontas do CAMAQUÃ-CHICO. Alvear supôs que o Exército do Sul se dirigia para o Passo dos ENFORCADOS ou S. SIMÃO. À noite foi colhido por forte temporal. Aí Alvear reconheceu não mais poder impedir a junção de Barbacena e Brown.</p>	<p>Barreto repassou o CAMAQUÃ-CHICO. O Exército do Sul marchou e ocupou no arroio das TRAÍRAS, "posição que era uma perfeita fortaleza, com acessos extremamente difíceis, nos quais se podem opor mil obstáculos a um inimigo que avance" (SEWELOH. Reminiscências). Junta-se ao Exército, o Brigadeiro Crisóstomo Calado vindo de Montevidéu.</p>
<p>02 FEV</p>	<p>Sob chuva, o Exército Republicano não marchou. Sua vanguarda internou-se um pouco nas serras do CAMAQUÃ á procura do Exército do Sul. Face a situação critica vivida pelo Exército Republicano , os principais opositores de Alvear como Lavalleja, Brandsen e Ângelo Pacheco decidiram apoiá-lo Sentiram que o Exército Republicano em que predominava a Cavalaria, não podia buscar Barbacena em posição defensiva na serra do CAMAQUÃ.</p>	<p>O Exército do Sul marchou e tomou posição na margem direita do arroio das PALMAS, entre o curral da estância de Severino Brasil e a de Mattheus Ruivo, em região de serras. Às 11:00 horas, Barbacena destacou a brigada de Bento Manoel para "hostilizar observar e informar sobre o movimentos do Exército Republicano, mas ficar em condições em reunir-se ao Exército do Sul, no local e hora indicados."</p>
<p>03 FEV</p>	<p>Alvear voltou a entender-se com Brandsen, Lavalleja e com Pacheco. O último o acusara de haver ficado inativo em BAGÉ por causa de um "menina bonita". As 11:00 horas, O Exército Republicano reiniciou a marcha, segundo o Exército do Sul. Acampou ainda nas pontas do CAMAQUÃ-GRANDE. Brandsen escreveu sobre o Exército do Sul "Ele logrou seus objetivos. Está em comunicação direta e perfeitamente livre com seus elementos marchando a seu encontro do Rio Grande e Porto Alegre."</p>	<p>O Exército do Sul permaneceu no mesmo local Seweloh, ajudante engenheiro de Barbacena reconheceu os passos de ENFORCADOS ou S. SIMÃO e o do CAÇÃO, todos no CAMAQUÃ-GRANDE. No passo dos ENFORCADOS deparou grande quantidade de famílias brasileiras foragidas e agrupadas em torno da venda de SIMÃO (margem direita). Concluiu que o Exército teria grande dificuldade em atravessar o CAMAQUÃ naqueles locais, por estar a nado. E que o passo do CAÇÃO era o melhor, desde que o caminho do acampamento até ele fosse melhorado, o que era difícil!</p>
<p>04 FEV</p>	<p>Alvear reuniu o Conselho de Guerra que firmou e seguinte resolução "Os generais abaixo assinados reunidos em junta de Guerra pelo em Chefe, declararam, após ouvir sua exposição: que marchas e manobras executadas pelo Exército foram as mais hábeis e acertadas e merecem a aprovação dos que abaixo firmam; que a demora do Exército em BAGÉ foi indispensável e necessária, pois não poderia ter-se movido em vista do estado intransitável dos caminhos e quebradas,</p>	<p>O Exército do Sul marchou na direção das nascentes do LEXIGUANA a procura de lenha e água. A junção de Brown era esperada a qualquer instante, e com eles os seguintes elementos: 4º Regimento de Cavalaria de 1ª linha de RIO GRANDE; 5º Regimento de Cavalaria de 1º linha de MONTEVIDÉU, com poucos homens, ao qual se juntou a Companhia Provisória de substitutos pretos e mulatos de RIO GRANDE; Esquadrão de Lanceiros Alemães (80 homens); 27º</p>

1827	Exército Republicano	Exército do Sul
<p>04 FEV Cont.</p>	<p>em consequência das chuvas; que em vista da posição escabrosa ocupada na serra pelo Exército do Sul, são de opinião que este não seja atacado e se manobre para tomar as pontas do SANTA MARIA". Assinam Mansilla, Lavallega, Soler e Laguna. Brandsen perguntou se estava perdida a esperança de impedir-se a junção de Brown e Barbacena e recebeu resposta positiva. Segundo Alvear: "a ocupação de parte do Brasil, é tomada de parte de recursos e de cavalcadas do mesmo, obrigaria o Exército do Sul, seja pelo clamor público, seja pela confiança em suas posições a apresentar-se em local em que o Exército Republicano poderá tirar o máximo rendimento de sua maior força - a Cavalaria".</p>	<p>Batalhão de Caçadores de Pernambuco que viera de Montevideú. Todas as tropas de Brown haviam parado para alguns treinamentos em Pelotas. Merece destaque, não só a cobertura de flanco exercida por Bento Gonçalves sobre Brown, como a que realizou sobre o Exército do Sul, durante 9 dias, de 23 de Jan. à 1º de Fev. contra a Vanguarda de Alvear ao comando de Lavallega. Por sua liderança da Revolução Farroupilha historiadores do Sudeste procuraram ocultar estas atuações meritórias de Bento Gonçalves. "A verdade é filha dos tempos !"</p>
<p>05 FEV</p>	<p>O Exército Republicano tendo como Retaguarda Lavallega, marchou até as cabeceiras do TAQUAREMBO. Na tarde desse dia, deixou BAGÉ pequena coluna constituída de 30 homens. Ela trazia desde MALDONADO, correspondência para o Exército de Alvear e alguns lanceiros alemães a serviço desse exército. Até esta data, pelo que se conclui, a população masculina de BAGÉ ainda não havia retornado à vila que continuava sobre controle do Exército Republicano.</p>	<p>Brown operou junção com Barbacena no acampamento arroio LEXIGUANA. O fato mereceu de Seweloh este comentário: "Está junção deve ser considerada obra-prima de estratégia." E a razão: Em 5 de jan O Exército Republicano se interpunha entre Barbacena e Brown, com enorme superioridade numérica. Estavam eles separados por 80 léguas. A posição central do Exército Republicano ameaçava todas as comunicações entre Barbacena e Brown e de cada um deles com as cidades da Província de SÃO PEDRO." A cobertura de Brown foi realizada inicialmente por Bento Gonçalves e após pelo alferes José Teodoro de Silva que nesse dia, à noite, penetrou em BAGÉ onde soube que a coluna de 30 adversários deixara o local, à tarde.</p>
<p>06 FEV</p>	<p>O Exército Republicano atravessou o TAQUAREMBO. Lavallega avançou pelo JAGUARI e foi informado que o Exército Republicano marchava para SÃO GABRIEL.</p>	<p>Desde o dia anterior, Brown assumira as funções de Chefe de Estado-Maior do Exército do Sul. Juca Teodoro destruiu a coluna que deixara BAGÉ. Fez 18 prisioneiros e matou 11.</p>

07 FEV	Ao meio-dia, o Exército Republicano bivacou junto ao passo REAL do JAGUARI. Deste ponto Alvear lançou a Brigada Zufriátegui, forte de 1.250 homens, para ocupar SÃO GABRIEL, de surpresa.	O Exército ainda continuou no arroio LIXIGUANA. À noite realizou-se experiência com 3 foguetes à Congrève. Ela resultou num acidente que custou a vida do tenente Siegener, pois os três foguetes estouraram muito perto do tenente que fazia a demonstração. A Brigada Bento Manoel se encontrava próximo ao JAGUARI.
-------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

1827	Exército Republicano	Exército do Sul
08 FEV	Marchou pela margem esquerda do arroio JAGUARI. O atravessou e acampou nas fraldas do cerro BATOVI, local onde funcionou uma guarda portuguesa que deu origem a SÃO GABRIEL, "a partir deste instante, o Exército Republicano passou a marchar sob a cobertura de destacamentos de segurança lançados a todas as direções. A marcha do Exército do Sul passou a ser envolvida por um enxame de bombeiros para observar seus possíveis movimentos e intenções" (paráfrase WIEDERSPHAN. A Campanha , p. 189).	O Exército ainda continuou no arroio LIXIGUANA. O tenente SIEGENER foi evacuado à noite para a vila de CAÇAPAVA, onde faleceu e foi sepultado dias após. O incidente foi assistido por Brown, parente do mais tarde famoso especialista em foguetes espaciais: Erich Von Braun.
09 FEV	A Brigada Zufriátegui ocupou SÃO GABRIEL. Neste dia houve alarme infundado no acampamento do Exército Republicano, do que resultou em preparativos para um combate. O suposto inimigo era Lavallega que vinha reunir-se ao grosso. Caiu em mãos de Zufriátegui, em SÃO GABRIEL, "6 carretas com armamento, munições, petrechos, fardamentos e bagagem de oficiais brasileiros que Barbacena havia mandado de SANTANA, para acelerar sua marcha até a junção com Brown."	O Exército do Sul, ao entardecer, ficou em condições de marchar, tendo com vanguarda as guerrilhas, tropa constituída de gente da Província do Rio Grande ou São Pedro, pouco disciplinada e exercitada. "Fazem sempre a vanguarda e causa prazer o cumprimento das obrigações dessa tarefa, e com uma perícia como se tivessem aprendido nas melhores escolas da Europa."

<p>10 FEV</p>	<p>Alvear penetrou em SÃO GABRIEL para reconhecimento. "Local fundado em 1813 pelo Ten Cel João de Deus Mena Barreto. Continha na época 51 casas, das quais 25 de pedra, muito boas e algumas assobradadas e 22 cobertas de palha. Sua ruas possuíam 18 palmos. Situava-se a vila sobre uma colina que oferecia condições para a defesa de um Exército em todas as condições", SEWELOH. Reminiscências. As direções defensivas oferecidas por SÃO GABRIEL não foram exploradas nem por Alvear nem por Barbacena. Para o Tasso Fragoso deveria ter sido o local de concentração do Exército do Sul, desde o início e não em SANTANA.</p>	<p>O Exército do Sul contramarchou e foi acampar junto ao passo do CAMAQUÃ-CHICO. Barbacena escreveu a Bento Manoel dizendo: "Estar convencido que o Exército Republicano se retira procurando primeiro roubar SÃO GABRIEL e SANTANA e mais o que encontrar no caminho. Amanhã procurarei as pontas do SANTA MARIA e dirigirei os movimentos do Exército do Sul, segundo as informações que receber de V.S. e da Brigada Bento Gonçalves que segue a Retaguarda do Exército Republicano" (paráfrase-ANDRÉA. Resposta, p. 452).</p>
<p>11 FEV</p>	<p>O Exército Republicano ultrapassou SÃO GABRIEL e prosseguiu sua marcha para o norte, coberto pela retaguarda ao comando de Lavalleja.</p>	<p>O Exército do Sul permaneceu junto ao CAMAQUÃ-CHICO. O mapa da força registrou 6.610 h, em seu efetivo. Bento Manoel foi reforçado com 500 homens.</p>

1827	Exército Republicano	Exército do Sul
<p>12 FEV</p>	<p>Alvear atingiu o VACACAÍ. Destacamento de Lavalleja ao comando do Major Alejandro Daniel "assaltou depósito de bagagens de três batalhões brasileiros onde foram encontradas 4 bandeiras imperiais, 2 do 3º BC, 1 do 18º BC 1 do 3º RC. Elas viriam constituir os Falsos Troféus de Ituizangô." WIEDERSPHAN. A Campanha, p. 152.</p>	<p>O Exército do Sul transpôs o CAMAQUÃ-CHICO. Barbacena escreveu para Bento Manoel dizendo-lhe se encontrar muito longe (65 a 80 km) do Exército do Sul e que assim teria dificuldade de se reunir a este, se atacado. Determinou que Bento Manoel não se afastasse além de 52 a 60 km. E que não sabia a intenção de Alvear.</p>

<p>13 FEV</p>	<p>O Exército Republicano transpôs o VACACAÍ-GRANDE. Ai teve lugar escaramuça entre uma coluna ao comando do Tenente Marcelino Ferreira de Amaral e um destacamento do Exército Republicano. O Tenente JUCA DEODORO conseguiu recuperar muito gado e cavalhadas arrebanhados pelo Exército Republicano. Alvear organizou nesse dia coluna ao comando do Mansilla para atuar contra Bento Manoel que fustigava seu flanco.</p>	<p>O Marechal Abreu operou junção com o Exército do Sul nas pontas do JAGUARI, Trazia 230 civis, que reunidos com outros chegados nos últimos dias, mal armados, mas muito bem montados, e atingiu o número de 560 que foram divididos em 11 companhias. Desertor, de nacionalidade francesa, prestou as seguintes informações sobre o Exército Republicano: "Efetivo 12.000. Cavalhada em mau estado. Grande número de deserções". A brigada de Bento Manoel foi suprida com cartuchos.</p>
<p>14 FEV</p>	<p>Lavalleja penetrara em SÃO GABRIEL, no dia anterior. Ali permaneceu todo este dia fazendo a Retaguarda. O Exército Republicano, após marchar toda a noite de 13/14, foi acampar junto ao arroio JACARÉ às 08:00 horas. Ali permaneceu durante todo o dia.</p>	<p>O Exército do Sul marchou todo o dia. Foi acampar comodamente nas pontas do VACACAÍ. A Coluna de Mansilla, composta de cerca de 2.000 homens, saiu ao encontro da Brigada Bento Manoel.</p>
<p>15 FEV</p>	<p>Lavalleja permaneceu cobrindo a Retaguarda do Exército Republicano em SÃO GABRIEL. Mansilla entrou em contato com a Brigada Bento Manoel e a recalcou para o norte, obrigando-a atravessar o rio IBICUI, no passo do UMBÚ. A cobertura da transposição foi feita a duras penas por 3 esquadrões do heróico 22º RC de 2ª linha de RIO PARDO. O combate que teve lugar entre retaguarda de Bento Manoel e vanguarda de Mansilla, passou à história como combate do UMBÚ. As perdas para ambos os lados se equilibraram. Cerca de 10 mortos e 12 feridos. As conseqüências estratégicas do mesmo, foram de graves repercussões para o Exército do Sul, como se verá. Bento Manoel, recalcado para o outro lado do IBICUI, não acompanhou Mansilla. Este rompeu o contato e marchou à noite na direção do passo do CACEQUI, em cuja direção Alvear marchava também à noite.</p>	<p>Bento Manoel escreveu a Barbacena sobre a situação na sua Zona da Ação, afirmou que o Exército Republicano iria atravessar o rio SANTA MARIA no passo S. SIMÃO. Acrescentou que estimava que o Exército Republicano atingiria o passo S. SIMÃO daí a dois dias ou a 17 Fev. Disse que prosseguiria para cortar Alvear e chegaria a tempo de tomar parte junto com Barbacena de uma grande batalha de destruição do Exército Republicano, a oeste de Alegrete, a partir de 23 de Fev. Esta falsa compreensão teve graves repercussões. Barbacena permaneceu no acampamento anterior. Foi dada organização ao Corpo de civis do Marechal Abreu que recebeu visita de Barbacena. Sob a direção de Brown realizaram-se exercícios militares, sem grandes resultados.</p>

<p>16 FEV</p>	<p>Alvear permaneceu no passo das MOÇAS VELHAS, do arroio CACEQUI, ao final da tarde. Lavallega ocupou SÃO GABRIEL até o início da tarde, quando marchou na direção de Passo do Rosário, á aproximação do Exército do Sul, ocasião em que fez 3 disparos de canhões, por certo para cientificar Alvear.</p>	<p>O Exército do Sul havia empreendido marcha noturna desde a noite anterior. Das 03:45 às 04:45, foi transposto o passo do PAU ARCADO no VACACAÍ. Às 10:00 horas, após marchas de cerca de 12:30 horas, o Exército acampou nas vertentes do VACACAÍ. Ali teve lugar pequeno incêndio. O escoamento do Exército do Sul foi de 34 minutos, segundo Seweloh.</p>
<p>17 FEV</p>	<p>Alvear permaneceu no passo das MOÇAS VELHAS, do CACEQUI. Ali recebeu comunicações de Lavallega que o Exército do Sul neste dia transpusera o VACACAÍ, ultrapassara SÃO GABRIEL e prosseguiria na direção do Passo do Rosário, no SANTA MARIA (paráfrase de Revillo). Alvear conheceu a 17, ou mais tarde, ao alvorecer de 18, através de Lavallega, que o Exército do Sul marchava para o Passo do Rosário.</p>	<p>O Exército do Sul penetrou em SÃO GABRIEL às 11:00 horas após iniciar a marcha às 03:00 da madrugada. A povoação estava devastada e sem moradores. Às 10:00 horas os últimos elementos de Lavallega a haviam evacuado e incendiado algumas casas. Barbacena recebeu carta de Bento Manoel, às 17 horas, afirmando que o Exército Republicano transporia o SANTA MARIA no passo S. SIMÃO, que devia ser atingido naquele dia. Em carta de 10, Barbacena transmitira a impressão a Bento Manoel de que o Exército Republicano procurava atingir ALEGRETE.</p>
<p>18 FEV</p>	<p>O Exército Republicano permaneceu em condições da marchar todo dia. Ao ser informado que o Exército do Sul suspendeu sua marcha às 10:00 horas da manhã, Alvear ordenou os deslocamentos do Exército Republicano para o passo do ROSÁRIO. O deslocamento teve início às 16:30, com a tropa aliviada do equipamento não imprescindível que foi deixado junto ao CACEQUI. Inclusive, parte do arquivo foi incendiada. Dita bagagem deixada no CACEQUI irá cair em mãos do Exército do Sul.</p>	<p>O Exército do Sul iniciou a marcha às 04:00 da madrugada. Foi acampar junto ao arroio do SALSO, às 10:00 horas, após atravessar o banhado INHATIUM. Do arroio do SALSO era possível ao Exército do Sul marchar, seja para o passo do ROSÁRIO, seja para o passo de CACEQUI onde se encontrava o Exército Republicano, circunstância desconhecida por Barbacena. Alvear, através de seus elementos de reconhecimento, soube da parada do Exército do Sul. Barbacena demorou-se em SÃO GABRIEL até às 14:00 horas. Chegou ao acampamento às 19:15, após 5 horas e 15 minutos.</p>

19 FEV	<p>Após 16:30 horas de haver partido de CACEQUI, o Exército Republicano atingiu o passo do ROSÁRIO. Desta longa marcha, cerca de 10 horas, parte o foi à noite. Ainda durante a noite das 04:00 às 06:00 o Exército Republicano fez um alto no local que no dia seguinte seria o cenário da Batalha do Passo do ROSÁRIO. Do Passo do ROSÁRIO, o Exército Republicano contra marchou das 18:00 às 23:00 horas, até o local onde terá lugar a batalha no dia seguinte.</p>	<p>O Exército do Sul começou a marchar às 05:30. Às 08:00 foi informado de que existia adversário nas proximidades. Chegou um emissário de Bento Manoel. Às 10:00 horas, após Seweloh cansar 3 cavalos procurando Bento Gonçalves, conseguiu levá-lo à presença de Barbacena. Todo o Exército levava cavalos de muda pelas rédeas. Às 12:30 acampou na atual estância do ROSÁRIO. A noite foi extremamente quente. Seweloh ao perder desenho de uma mulher que havia conhecido interpretou o fato como mau presságio.</p>
-------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

☆☆☆☆ **OBSERVAÇÃO IMPORTANTE** ☆☆☆☆

Recordemos a situação dos dois exércitos em 17 fev. O Republicano encontrava-se no passo das MOÇAS VELHAS no arroio CACEQUI. Ali foi informado por sua Vanguarda, desdobrada entre SÃO GABRIEL e passo do ROSÁRIO, que o Exército do Sul marchava para o último local. Alvear sentiu a possibilidade de ser cortada, a retaguarda, de sua linha de comunicações com Montevideu e Buenos Aires. O Exército do Sul encontrava-se reunido em SÃO GABRIEL e adjacências e separado da Brigada Bento Manoel por enorme distância. Com as informações de Bento Manoel a Barbacena, assegurando que o Exército Republicano iria atravessar o rio SANTA MARIA, no passo S. SIMÃO, aumentou a euforia do Marquês de Barbacena e sua convicção de que o Exército Republicano encontrava-se "em vergonhosa e precipitada fuga". Esta impressão Barbacena transmitiu ao Exército do Sul em Proclamação, e ao Ministro da Guerra em ofício, tudo em 17 de fevereiro, de seu QG em SÃO GABRIEL. Em 1960, o Grupo de História, e Geografia do 3º ano da ECEME em viagem de estudo ao Rio Grande do Sul, integrado pelos então majores Osvaldo de Faria, Jonas de Moraes Correia Neto, Leo Guedes Etchegoyen, José Maria de Toledo Camargo, Manoel Theofilo Gaspar de Oliveira Neto e Rubens Junqueira Portugal, chegaram à seguinte síntese sobre a ação de Barbacena, em trabalho intitulado – *Força resposta*. Após sua vitória estratégica de 5 Fev 1827, ao operar junção, em local seguro, na serra do CAMAQUÃ com a coluna de Brown. "Barbacena falhou no princípio do Objetivo. Não sabia o que fazer. Se o sabia não chegou a agir neste sentido. O espírito ofensivo esteve ausente. A segurança pelas informações foi relegada a plano secundário. Alvear já marchava há vários dias e Barbacena despreocupadamente organizava e instruía suas tropas. De atitudes tomadas e de erros cometidos, sobressaindo a inércia militar, resultaram mais violações de nosso território, com suas tristes conseqüências. E, afinal de contas, fugiu-nos das mãos uma possível vitória no Passo do ROSÁRIO."

É difícil acreditar-se que Alvear fizesse todo o seu Exército marchar desnecessariamente das cochilhas onde teria lugar a batalha no dia 20, até o passo do ROSÁRIO, durante 10:00 horas do dia 19.

Das 06:00 às 11:00 – das cochilhas até o passo do Rosário

Das 18:00 às 23:00 – do passo até as cochilhas.

A impressão de que estava realizando a transposição poderia ser dada por frações menores. O grosso e trens, sob a proteção da Vanguarda, poderiam ter ficado coberto das vistas do Exército do Sul, na depressão existente atrás da cochilha do Olho d' Água, ocupada pelo Exército Republicano durante a batalha.

SOUZA JÚNIOR em **Caminhos Históricos ...** p. 62-67 refuta que Alvear tenha feito o Exército Republicano marchar e contramarchar por 10 horas, do local onde teria lugar a batalha para o passo do ROSÁRIO, apenas para dar a impressão ao Exército do Sul que fugia. Concordamos!

Segundo Leonel Azevedo Dias, em seu trabalho **Campanha Del Brasil** p. 81, a decisão de contramarcha deu lugar ao que denominou "**Plan Subversivo de Lavalleja**", destinado a destituir Alvear do comando do Exército.

☆☆☆☆☆ **OBSERVAÇÃO IMPORTANTE** ☆☆☆☆☆

Ao final do dia 19, o Exército Republicano encontrava-se nas cochilhas onde iria ter lugar a batalha do Passo do ROSÁRIO. Recordemos na palavras de DIAZ, em estudo de 1971 sob o título **Campaña Del Brasil** (p. 80-81) o que ocorreu com o Exército Republicano junto ao passo do ROSÁRIO, na tarde de 19 de Fev. "O Exército Republicano retornou, retomando sua marcha desde às 06:00 horas da manhã e chegou às 11:00 no passo do ROSÁRIO ..." Desde o momento em que reconheceu o terreno imediato ao passo do Rosário, viu-se o risco que o Exército Republicano corria, naquela posição. Era pior sem dúvida que se possa imaginar para uma batalha, particularmente para um exército de Cavalaria, que era a nossa arma predominante. Era um banhado de uma milha ou mais de largura naquele ponto. Situava-se entre o rio e uma alta cadeia de cochilhas paralelas ao seu curso que dominava a planície formada pelo banhado. A natureza do banhado era arenosa, coberto de macegas e espadeiras em quantidade, de pequenos montículos de terra que eram outros obstáculos para a manobra da Cavalaria. O Exército Republicano parara num banhado abandonando as alturas.

O Exército do Sul se encontrava a hora e meia de jornada. Era, indispensável deliberar. Decidir com oportunidade. Se o Exército do Sul prosseguisse a marcha, estaria logo a um tiro de canhão ocupando as colinas. Então o Exército Republicano se viria de repente atacado e impossibilitado de contramarchar para uma posição apropriada, para usar todos os recursos da Arte e do Valor Militar. O Alvear deu ordem imediata para atravessar-se o rio SANTA MARIA. Mas este se encontrava a nado, até as picadas de acesso... À tarde um Esquadrão de Couraceiros passou o rio e o repassou...O Chefe, na página 25 de sua **Exposición**. Disse que as "ordens para passar o rio tinham por objetivos convencer o Exército do Sul que o Exército Republicano fugia". As manobras de Alvear a partir de SÃO GABRIEL são dignas de maiores encômios e admiração. Mas preferimos interpretar os fatos passados com o Exército Republicano junto ao passo do ROSÁRIO, das 11:00 às 18:00 horas de 19 de fevereiro, do seguinte modo, até prova ao contrário: Alvear pretendia atravessar o SANTA MARIA no passo do ROSÁRIO e, do outro lado, procurar melhores pastagens para refazer sua cavalhada e, um local plano onde pudesse tirar partido de sua superioridade em CAVALARIA. Ao chegar com todo o Exército junto ao passo do ROSÁRIO, constatou que o rio estava cheio. E da impossibilidade de realizar a transposição imediata de sua Infantaria e trens, imaginou oferecer batalha ao Exército do Sul na planície adjacente ao passo. Provado por reconhecimento que esta área era a pior possível para travar-se a batalha. Alvear decidiu contramarchar as 16:00 horas com todos os seus elementos de combate, para ocupar, mesmo à noite, as cochilhas que dominavam a planície adjacente ao passo, sobre a direção de progressão do Exército do Sul. Que a contramarcha foi decidida em Junta de Guerra. Em consequência, vários comandantes de regimentos de Cavalaria de 1º linha, sob a liderança do Coronel Lavalleja, reuniram-se para depor o Alvear e propuseram a Lavalleja que assumisse o comando. Isto só não chegou a concretizar-se por interferência do Coronel Oribe ao mostrar a Lavalleja que aquilo seria a ruína do Exército Republicano. Como consequência, Alvear conseguiu conjurar a situação. Para prevenir a interferência na sua ação, ordenou que só teriam validade para os comandantes de Divisão as ordens escritas e assinadas por ele. Enfim, apelou ao máximo para a Coordenação e Controle. Conseguiu a tempo superar as dificuldades do não reconhecimento prévio das condições da planície, adjacente ao mesmo, do ponto de vista de combate de Cavalaria.

1827	Exército Republicano	Exército do Sul
<p>20 FEV</p>	<p>Segundo interpreto, com apoio em ACEVEDO DIAS: Durante a noite quente e escura de 19/20, elementos de combate do Exército Republicano contramarcharam, das 06:00 às 11:00, em escalões sucessivos a uma distância de 5 a 6 km do passo do ROSÁRIO. O movimento foi feito sob a cobertura, a distância, da Vanguarda a comando da Lavalleja e, no local de destino, por um destacamento de 600 homens do Coronel Olazábal. Este recebeu a missão de resistir a todo custo, em caso de ataque. O local do acampamento foi entre a sanga do BRANQUIHO e a crista da coxilha ao OLHO D'ÁGUA, situada entre aquela sanga e da do BARRO NEGRO e, distante para o norte, cerca de 1,5 km da estrada passo do ROSÁRIO - CACEQUI. A ocupação do terreno não foi feita na forma planejada, em razão da escuridão, particularmente, pela Vanguarda ao juntar-se ao grosso, na mesma noite. Ao alvorecer, por volta das 05:00 horas, o Exército do Sul foi avistado distante 3 km. A vanguarda do Exército do Sul entrou em contato com a do Republicano. Não o avistado, prosseguiu por uma hora sem nada informar, tempo aproveitado por Alvear para reajustar o dispositivo, sem intervenção do Exército do Sul até o início da batalha. A batalha durou das 07:00 horas disparos de canhões do Exército Republicano marcaram o início da batalha. Disparos de canhões do Exército Republicano marcaram o início da batalha que durou das 07:00 às 14:00 horas. Ao final do mesmo, o grosso dos elementos Exército Republicano marcharam até o passo do ROSÁRIO onde acamparam e de onde avistaram enorme incêndio da vegetação do campo que servira de cenário para a batalha durante a manhã.</p>	<p>Segundo interpreto, o Exército do Sul acampava a 12 km do Exército Republicano e sua Vanguarda a 6 km, na altura da atual estância Itu. O Exército do Sul iniciou a marchar às 02:00 horas da madrugada. Às 04:00 foi acordar a Vanguarda (civis do Marechal Abreu e Brigada Bento Gonçalves) que já deviam estar marchando desde as 02:00. Se assim tivesse procedido teria atingido ao alvorecer e, possivelmente, ultrapassado o flanco direito do Exército Republicano distante 1,5 da estrada. E assim, enviado, com tempo, valiosas informações para o Barbacena. Ou seja que o Exército Republicano o esperava com toda a sua força sob a cobertura da coxilha, seguinte a sanga do BARRO NEGRO. Às 06:00 horas Barbacena soube por informações que elementos do Exército Republicano encontravam-se nas cochilhas, distantes 5 km do passo do ROSÁRIO. Das 06:00 às 07:00 Barbacena gastou para reconhecer e ocupar a posição ao sul sanga do BARRO NEGRO. Aos disparos de canhões do Exército Republicano, teve início a batalha. O Exército do Sul atacou em toda a frente, na convicção de estar realizando um combate de encontro com a vanguarda do Exército Republicano, enquanto este procedia a travessia do passo do ROSÁRIO. Foi surpreendido! Às 02:00 horas o Marquês de Barbacena ordenou o rompimento do contato com o Exército Republicano e a retirada na direção do passo das MOÇAS VELHAS, no arroio do CACEQUI. Não pôde contar na batalha com o concurso de 1.600 homens da Brigada de Bento Manuel.</p>

A presente interpretação buscou apoio particularmente nos seguintes estudos especificados na bibliografia FRAGOSO, **A Batalha**;

WIEDESPHAN, **A Campanha**; SOUZA JÚNIOR, **Caminhos Históricos**; CIDADE, **Lutas**; ECEME, **Guerra Cisplatina 1825-28**; EME, **História do Exército Brasileiro**; SEWELON, **Reminiscências**; ACEVEDO DIAS, **Guerra Del Brasil**.

2ª Parte

Estudo Militar dos Fatores de Decisão na Batalha do Passo do Rosário

**ESTUDO MILITAR DOS FATORES DE DECISÃO NA BATALHA
DO PASSO DO ROSÁRIO**

☆☆☆☆ **ATENÇÃO** ☆☆☆☆

Acompanhar com apoio nos 3 esboços coloridos **Terreno da Batalha**, anexos a esta publicação.

Introdução

No dia 20 de Fevereiro de 2002, como já mencionado, transcorreram os 175 anos da Batalha do Passo do Rosário ou do Ituzaingô, a maior batalha campal travada no Brasil, envolvendo 17.000 homens. Ela ocorreu próximo à atual cidade de Rosário, no Rio Grande do Sul, entre forças brasileiras integrantes do Exército do Sul, sob o comando do Marquês de Barbacena, e argentinas e orientais (uruguaias) integrantes do Exército Republicano, sob o comando do Gen argentino Carlos Maria de Alvear.

Passo do Rosário, para os brasileiros, ou Ituzaingô, para os argentinos e uruguaios, foi o mais expressivo evento militar inserido no contexto da guerra da atual República Oriental do Uruguai, para tornar-se independente do então Império do Brasil a que fora incorporado por Portugal, artificialmente, em 1821, como Província Cisplatina.

Nos últimos 150 anos, veteranos de Passo do Rosário, autoridades e historiadores platinos e brasileiros têm opinado sobre esse fato de modo mais passional do que racional, fruto, por vezes, de um justificável patriotismo.

A visão científica militar tem sido dificultada, seja pela carência de fontes primárias, principalmente argentinas, traduzidas por partes de combates emitidas logo após a batalha, seja por não haver um levantamento topográfico preciso do terreno, como o agora disponível, realizado em 1956 pelo Serviço Geográfico do Exército,

que será explorado pela primeira vez e reproduzido nos 3 esboços citados.

Distanciados 175 anos daqueles fatos, procurar-se-á no presente ensaio, com a maior isenção possível, analisar, com apoio em processo militar de Estudo de Situação, decorrente do Método de Descartes, a real situação dos dois exércitos em Passo do Rosário, através do ensaio de estudo dos fatores da Decisão Militar (Missão, Terreno, Inimigo e Meios).

Sem pretender esgotar o assunto, espera-se que este ensaio inédito e, acredita-se, de abordagem original possa contribuir para um melhor entendimento da Batalha do Passo do Rosário, na oportunidade de seu 175º aniversário.

O Terreno da Batalha

O estudo do fator da decisão – **Terreno** – deve ser acompanhado como referido pelos 3 esboços sob o título: **TERRENO DA BATALHA**, que integra o trabalho. Sua reconstituição apoiou-se na folha Estação Corte e Passo do Rosário da Carta RS - Escala 1:50.000, levantada em 1956 e desenhada e impressa, em 1959, pelo Serviço Geográfico do Exército.

Descrição (acompanhar pelo Mapa 01 - ao final)

O Terreno é formado por um grupo de coxilhas situado no ângulo limitado pelo rio Santa Maria e o arroio Ituizangô. Ele decresce de altitude à medida que se aproxima dos mesmos, dando, então, origem a várzeas, particularmente na direção do rio Santa Maria.

A **Sanga do Barro Negro** separava as coxilhas, que aqui passarão a ser denominadas de **Olho d'Água** (a oeste, cotas 144, 33 e 165 Cerro) e **Túmulo de Abreu** (a leste, cotas 135, 129 e 152).

Na época existiam dois caminhos que atravessavam a região e davam acesso ao passo do Rosário. O primeiro vinha do passo do Cacequi e foi usado pelo Exército Republicano para atingir o passo do Rosário em 19 Fev 27, e pelo Exército do Sul, para a retirada, em 20 Fev, na direção do rio Jacuí.

O segundo vinha de São Gabriel, através do banhado Inhatium, e foi usado pelo Exército do Sul, para aproximar-se do Passo do Rosário, em 19 e 20 Fev 1827, e pelo Exército Republicano, para deixar o campo de batalha, em 21 Fev 1827, em direção a São Gabriel.

Ambos os caminhos uniam-se, após atravessar a **Sanga do Barro Negro**, no topo da **cochilha do Olho d'Água**. Após a junção e travessia da **sanga do Branquilha** e várzea, atingia o passo do Rosário.

Tasso Fragoso assim descreveu a região, ao estudá-la por volta de 1910:

“Todo o terreno apresenta a feição geral da companhia do Rio Grande. Ondulações suaves se escalonam em todos os sentidos, tapizadas de relva, dando ao observador que as contempla pela primeira vez, a sensação estranha, posta em destaque por um geógrafo distinto, de um mar de vagas gigantescas e roladas, que mãos poderosas houvessem de súbito imobilizado, numa misteriosa solidificação.”

Deixando a poesia de lado, passar-se-á ao processo de estudo do terreno, com apoio no método de Descartes, aplicado ao estudo de seus aspectos táticos.

A - Observação e Campos de Tiro

B - Cobertas e Abrigos

C - Obstáculos

D - Acidentes Capitais

E - Vias de Acesso

A ponte sobre o passo do Rosário e a cidade de Rosário não existiam na época.

A-Observação e Campos de Tiro

Eram considerados bons a partir das alturas ao norte e ao sul da depressão da **cochilha do Túmulo** (passagem da estrada para Cacequi), sobre o anfiteatro em torno da **sanga do Barro Negro**. Entretanto, eram deficientes na depressão por onde passava a estrada, a partir da cota 129, para oeste.

Não existia observação na depressão atrás da cota 133 da **cochilha do Olho d'Água** e na depressão atrás desta, no vale da **sanga do Branquilha**.

A depressão no centro da **cochilha do Túmulo**, por onde passava a estrada, dissociava a posição quanto a campos de tiro e observação, além de ser dominada por fogos e vistas do contra- forte da **cochilha do Olho de Água** – cota 133.

Aqui parece residir a explicação do fato de as divisões de Infantaria do Exército do Sul não terem podido apoiar-se mutuamente. Caso contrário, invariavelmente, uma delas teria de lutar na depressão. A procura de dominância sobre a Cavalaria irá obrigá-la a procurar alturas de um lado e outro da depressão da cota 129.

Para o Exército Republicano, eram muito bons os campos de observação e tiro da **cochilha do Olho d'Água**, sobre o anfiteatro em torno da **Sanga do Barro Negro**. Campos que penetravam, fundo, na depressão da **cochilha do Túmulo**, por onde passava a estrada para Cacequi, particularmente da extremidade do contraforte da cota 133.

Comentário: Havia superioridade de observação e campos de tiro da posição do Exército Republicano e, continuidade desta, entre as cotas 144 e 165, com a vantagem de um **saliente** formado pelo **contraforte da cota 133**. Este assegurava excelente dominância de vistas e fogos, particularmente de Artilharia, sobre a rodovia do passo do Cacequi que flanqueava, logo a partir da travessia de sanga.

A posição do Exército do Sul era descontínua no centro.

A saliência dominante, no centro da posição do Exército Republicano, correspondia a uma depressão na do Exército do Sul.

A posição brasileira prestava-se mais à Defensiva do que à Ofensiva. Era superior, no tocante à Defensiva, a base de Infantaria, por situar-se mais próximo do corte da **sanga do Barro Negro** e pelo fato de a depressão, no centro, favorecer o cruzamento de fogos sobre forças que nela penetrassem. Desse modo, tiraria o melhor proveito da Artilharia no centro.

A posição do Exército Republicano prestava-se a uma Defensiva na base da Cavalaria, com apoio da Artilharia ao centro.

Existe espaço, entre as partes mais altas e extremas da posição, até **sanga do Barro Negro**, para contra-ataque de

Cavalaria, de cima para baixo, sobre os flancos de forças adversas progredindo ao longo das estradas, à procura da cota 144, da **Coxilha Olho d'Água**.

A Artilharia, no Centro, poderia dominar, com seus fogos, forças progredindo ao longo da estrada de Cacequi, a partir da **sanga do Barro Negro**.

Se o Exército do Sul tivesse ocupado posições na linha das cotas 125, ao norte da rodovia, e 152, mais para o norte, poderia tirar o máximo rendimento defensivo e mesmo ofensivo de sua Infantaria ao atacar, de cima para baixo, na direção balizada por COTA 152 – COCHILHAS – CERRO (165). Foi o que Caxias considerou em seu depoimento ao IHGB (Vide **A Defesa Nacional** nº 777; jul./set 1994.p. 69/98).

B-Cobertas e Abrigos

Para o Exército do Sul, o terreno era coberto de gramíneas e vegetação arbustiva esparsa. A **sanga do Barro Negro** era dominada pela vistas de ambos os exércitos. Portanto, não oferecia cobertura e abrigos aos dois contendores.

A posição do Exército Republicano oferecia melhores cobertas, seja atrás da **cochilha do Olho d'Água**, vale da **sanga do Branquilo**, seja atrás do contraforte da cota 133.

A depressão existente no centro da posição do Exército do Sul a fazia inferior, do ponto de vista de cobertas e abrigos.

Junto ao rio Santa Maria existia uma mata ciliar na qual o Exército Republicano encontrou considerável número de rio-grandenses acampados, após abandonarem suas estâncias, à sua aproximação, conforme menciona Acevedo Diaz.

Poderia servir de proteção para os trens do Exército Republicano, em caso de ataque pelo Exército do Sul.

Caxias considerou que a posição brasileira era ideal para a Defesa, ao invés da Ofensiva adotada pelo Exército do Sul.

Comentário: As depressões situadas atrás das cotas 144 e 133 conferiam superioridade à posição do Exército Republicano, pela possibilidade de nelas, mais junto à frente, se organizarem contra-ataques e ataques à base de Cavalaria, a coberto das vistas do Exército do Sul.

C-Obstáculos

A **sanga do Barro Negro** oferecia dificuldades de transposição, particularmente por tropas de Cavalaria em formação de ataque, não pelo volume das águas, mas pelas rampas de suas bordas criadas pela erosão.

Oferecia ainda passagem franca para uma formação de ataque, inclusive com Artilharia, na passagem da estrada para São Gabriel, e menos franca e com grande dificuldade para Artilharia, na passagem da estrada para Cacequi e acima da linha balizada pelas cotas 152 e 165 (CERRO).

O Passo do Rosário, nesse dia e no anterior, só podia ser atravessado a nado, constituindo-se num obstáculo para a Infantaria e os Trens. A Cavalaria podia atravessá-lo a nado, e a Artilharia podia ser rebocada pelas prolongas.

Alvear desistiu de atravessar o passo no dia anterior porque teria de deixar de um lado, a salvo, a Cavalaria e a Artilharia e, expostos, os Trens de Guerra e a Infantaria.

A várzea entre o passo e as cochilhas oferecia dificuldades ao emprego da Cavalaria, embora à primeira vista se apresentasse como ideal. Embora larga, era arenosa, coberta de macegas e de grande quantidade de montículos de terra que se constituíam outros tantos obstáculos para a manobra de Cavalaria.

Além disso não era plana, mas em rampa, embora suave, na direção das cochilhas. A Cavalaria deveria carregar de cima para baixo se tivesse de defender o Exército Republicano apoiado no rio Santa Maria.

A linha ao norte das cotas 152 e 163, com características de serra, não era ideal para o emprego da Cavalaria. Prestava-se à Infantaria.

Comentário: A **Sanga do Barro Negro** não impedia, mas dificultava os movimentos de formações de combate que a atravessassem. Oferecia passagem franca na altura da estrada velha de São Gabriel, passagem restrita na altura da estrada para o passo CACEQUI e nas cabeceiras da sanga.

O passo do Rosário, em caso de retirada, seria obstáculo para os Trens e Infantaria do Exército Republicano e, possivelmente, para a sua Artilharia, se feita sob pressão.

O terreno mais ao norte, desbordando as cabeceiras da **Sanga do Barro Negro**, dificultava o emprego da Cavalaria. Era mais propício à Infantaria. Caxias, em seu depoimento, julgou que esta seria a posição ideal para o Exército do Sul adotar a Defensiva.

A várzea, nas proximidades do rio SANTA MARIA e do arroio, dificultava o emprego da Cavalaria. Era mais propícia à Infantaria.

D-Vias de Acesso (Acompanhar pelo Mapa 02)

No terreno distinguem-se 4 vias de acesso para ambos os contendores, condicionados aos locais de passagem mais favoráveis na sanga do Barro Negro, principalmente.

1. Via de acesso nº 1 (SUL) ou VA-1

Balizamento: cota 135-Túmulo-Passagem Sanga-Estrada antiga S. Gabriel-cota 144.

2. Via de acesso nº 2 ou VA-2

Balizamento: cota 129 a 144, pela estrada antiga do passo do Cacequi.

3. Via de acesso nº 3 ou VA-4

Balizamento: idem anterior até a sanga. Após, passagem Sanga Barro Negro-cota 133.

4. Via de acesso nº 4 (NORTE) ou VA-4

Balizamento: cota 152-altura 150 entre Coxilha e árvore- cota CERRO (165)-144.

5. Comparação das Vias de Acesso (com vistas ao emprego da Infantaria).

FATORES DE COMPARAÇÃO	VA-1	VA-2	VA-3	VA-4
Segurança para progressão da Infantaria	03	01	02	05
Aproximação de meios	05	04	03	01
Orientação	03	05	04	02
Extensão	03	05	04	02

Espaço e liberdade de manobra da Infantaria	04	02	03	05
Dificuldade de emprego da Cavalaria inimiga	01	02	04	05
Dominância de fogos e vistas	02	01	01	05
Deslocamento da Artilharia	05	04	03	01
Dificuldade de flanqueamento pela Cavalaria inimiga	03	02	03	05
Dificuldade de Ação da Artilharia	03	02	03	05
Avaliação em Pontos	32	28	30	36

A melhor via de Acesso para um ataque, à base de Infantaria, seria a de nº 4, pelas seguintes razões (a que Caxias opinou como melhor em seu depoimento ao IHGB).

- Dominância de fogos e vistas;
- Maior espaço e liberdade de manobra;
- Maior dificuldade de interferência da Cavalaria adversária;
- Maior dificuldade de ação da Artilharia adversária;
- Maior segurança e impulsão na progressão de Infantaria (inicialmente no plano e, após, de cima para baixo).

A via de acesso nº 2, embora a melhor quanto a orientação, extensão e aproximação de meios, deslocamento da Artilharia, é dominada, facilita o flanqueamento e a ação frontal da Artilharia adversária sobre quem nela progrida.

6. Comparação das Vias de Acesso (quanto ao emprego da Cavalaria).

FATORES DE COMPARAÇÃO	VA-1	VA-2	VA-3	VA-4
Segurança para as cargas da Cavalaria	05	03	02	01
Possibilidade de desdobramentos	05	03	02	01
Aproximação dos Meios	05	03	02	01
Aproximação e apoio da Artilharia	05	03	02	01
Orientação	04	05	03	01
Extensão	04	05	03	01
Dificuldade de emprego da Infantaria inimiga	03	05	04	02
Dificuldades de emprego da Artilharia inimiga	04	02	03	05
Espaço e liberdade de manobra	05	03	04	01
Possibilidade de penetração e criação de flancos inteiros	02	04	04	02
Avaliação em Pontos	42	36	29	16

A melhor via de acesso para um ataque à base de Cavalaria seria a de nº1:

- Cargas da Cavalaria com maior impulsão e profundidade;
- Possibilidades de desbordamentos de flanco;
- Melhor para a aproximação de meios e de apoio de Artilharia;
- Maior espaço e liberdade de manobra, além de bem orientada e não muita extensa (**foi a usada pelo Exército Republicano**);

A via de acesso nº 2, embora mais curta e melhor orientada, é a mais contra-indicada para o emprego da Infantaria adversária e para a penetração na posição do Exército do Sul. Apresentava um ponto crítico na travessia da **sanga de Barro Negro** e dificuldade de ser apoiada por Artilharia. Podia ser flanqueada na depressão que dissociava a posição do Exército do Sul.

Comentário: A via de acesso nº 1, combinada com a de nº 2, era a que melhor tiraria proveito da superioridade em Cavalaria do Exército Republicano.

A via de acesso nº 4, combinada com a de nº 3, era a que melhor tiraria proveito da superioridade, em Infantaria, do Exército do Sul.

E-Acidentes Capitais (acompanhar pelo Mapa 02)

No terreno podem-se assinalar os seguintes acidentes capitais, cuja manutenção ou perda para o adversário resultaria em ganho ou perda da batalha, decidindo sua sorte.

De leste para oeste, podem-se registrar os seguintes acidentes capitais que serão mencionados por letras minúsculas e designados de AC.

Vale da sanga.

- a) entre as estradas a leste do Túmulo de Abreu;

Na cochilha do Túmulo.

- b) Região de cota 135;
c) Região de cota 129;
d) Região de cota 152;

Na sanga do Barro Negro.

- e) Região da travessia da sanga pela estrada velha de São Gabriel;
- f) Região da travessia da sanga pela estrada do passo do Cacequi;

Na cochilha do Olho d'Água.

- g) Região de cota 144;
- h) Região de cota 133;
- i) Região de cota 163 (CERRO);
- j) Região abaixo palavra Coxilhas;
- l) Alturas dominantes do rio Santa Maria;
- m) Região do Passo do Rosário;
- n) Retaguarda da cota 135.

Vantagens proporcionadas por estes pontos aos Exércitos em posição nas duas cochilhas.

AC-a: Local dos trens do Exército do Sul. Conquistado pelo Republicano, significaria a queda das bagagens em mãos do adversário e o controle das duas estradas, dificultando ou impedindo a retirada do Exército do Sul.

AC-b: Em mãos do Exército do Sul, base de partida para ataque sobre o AC-b (cota 144), contenção de ataque da cavalaria, tentando atingir a retaguarda, e abertura do caminho para São Gabriel. Em mãos do Republicano, chave de abertura para a região de trens do Exército do Sul e para a conquista de toda a posição ocupada por este e o domínio de uma linha de retirada.

AC-c: De posse do Exército do Sul, impedia o fracionamento em duas de suas posições. Assegurava base de partida para ataques ao longo da estrada e uma linha de retirada para o passo do Cacequi.

AC-d: De posse do Exército do Sul, impedia o envolvimento da posição pelo norte e assegurava base de partida para uma ataque de Infantaria pela melhor via de acesso.

De posse do Exército Republicano, assegurava condições de envolvimento da posição do Exército do Sul, pela retaguarda, e corte ou interferência na sua linha de retirada para Cacequi.

AC-e: De posse do Exército do Republicano, assegurava o livre trânsito de suas tropas para ataques à cota 135 e para uma retirada na direção de São Gabriel.

De posse do Exército Sul, assegurava livre trânsito de suas tropas para atacar a cota 144, ou procurar atingir os trens do adversário no passo do Rosário.

AC-f: De posse do Exército Republicano, assegurava livre trânsito de suas tropas para prosseguirem sobre as regiões das cotas 135, 129 e 152.

De posse do Exército do Sul, permitia a passagem de suas tropas para ataques, particularmente sobre a região da cota 135.

AC-g: De posse do Exército Republicano, impedia que o Exército do Sul rompesse a posição, ou envolvesse, ou prosseguisse sobre os trens em passo do Rosário. Permitia-lhe montar ataques sobre as cotas 135 e 129, através das duas passagens favoráveis da sanga do Barro Negro.

De posse do Exército do Sul, cortava as linhas de retirada do adversário para Cacequi e São Gabriel e criava condições de envolvimento simples da posição adversária.

AC-h: De posse do Exército Republicano, permitia-lhe fazer fogos de Artilharia e flanquear, com ações de Cavalaria, os adversários sobre a região de cota 144, ao longo da estrada do passo do Cacequi.

De posse do Exército do Sul, permitia-lhe minimizar os efeitos dos fogos da Artilharia adversária sobre suas forças, progredindo ao longo da estrada do passo Cacequi, na direção da **cochilha do Olho d'Água**.

Este acidente **é o ponto chave da defesa do Exército Republicano. Conquistado num ataque frontal, significaria o rompimento de toda a posição do Exército do Sul e a possibilidade de neutralizá-la com um amplo envolvimento.** Ela permite o prosseguimento, em profundidade, para cortar-se a linha de retirada dos trens do Exército Republicano, por estrada ligando os passos do Rosário e S. Simão.

AC-i: De posse do Exército Republicano, assegurava base de partida para ataques para o norte e a defesa de ataques provenientes daquela direção.

De posse do Exército do Sul, após ataque de Infantaria desferido pelo norte, constituía-se na chave da vitória, pois atingia pela retaguarda a cota 133 e, de cima para baixo, a cota 144. Força dali enviada poderia cortar a retirada pela estrada do Passo S. Simão, deixando o Exército Republicano como única alternativa, uma travessia forçada através do Passo do Rosário.

AC-j: De posse do Exército Republicano, defendia a posição da **cochilha do Olho de Água** e impedia que ela fosse desbordada pelo norte, atingindo a estrada que liga o passo S. Simão com o do Rosário e este, em última instância.

De posse do Exército do Sul, permitia-lhe desbordar profundamente a posição adversária, bem como prosseguir para conquistar toda a posição da **coxilha de Olho de Água** e tentar cercar e bater o adversário.

AC-l: Essas alturas, de posse do Exército Republicano, criavam condições de uma retirada na direção do passo do S. Simão e a travessia de alguns de seus elementos pelo passo do Rosário.

AC-m: De posse do Exército Republicano, permitia que procedesse à retirada do que pudesse através do passo do Rosário.

De posse do Exército do Sul, significava o cerco do Exército Republicano na região estudada.

Comentário: Na posição do Exército Republicano, existiam dois acidentes capitais considerados pontos-chave, cuja conquista significaria a queda da própria posição.

AC-g: Região da cota 144. Ponto-chave para um ataque frontal de ruptura pelo Exército do Sul, pela via de acesso nº 2.

AC-i: Região de cota 163 (cerro). Ponto-chave para um ataque de flanco do Exército do Sul, a base de Infantaria.

Na posição do Exército do Sul, existiam dois acidentes capitais considerados pontos-chave.

AC-b: Região da cota 135. Ponto-chave para um ataque de Cavalaria pela via de acesso nº 3.

AC-c: Região de cota 126. Ponto-chave para um ataque de Cavalaria pela via de acesso nº 2, combinado com um envolvimento pela via de acesso nº 1, por caracterizar a penetração e divisão, em duas, da posição do Exército do Sul, além de neutralizar a Artilharia e atingir as bagagens do Exército do Sul.

Conclusões

Do estudo de aspectos táticos do terreno conclui-se quanto às posições ocupadas pelos dois exércitos:

A do Exército Republicano era mais bem servida de cobertas e abrigos, de campos de observação e tiro. Neste caso, inclusive, de tiros de Artilharia, pois a tendência era colocar essa arma no centro.

Foi utilizada a via de acesso que melhor respondia à característica de superioridade de Cavalaria, com possibilidade de apoio de Artilharia do Exército Republicano, era a VA-1 (Sul).

No caso da posição ocupada efetivamente pelo Exército do Sul, a conquista da parte inferior da **coxilha do Túmulo do Abreu, entre as duas estradas, significaria:**

- Envolvimento e redução dos elementos que a defendessem;
- Conquista dos trens de guerra (bagagens etc. do Exército do Sul);
- Abertura de uma linha de retirada para São Gabriel;
- Base de partida, possivelmente, para uma tentativa de cerco e de aprisionamento dos remanescentes do Exército do Sul.

Nesse caso seriam pontos-chave os acidentes capitais **AC-b** e **AC-c.**

A posição ocupada pelo Exército do Sul era a pior em relação a cobertas, abrigos, campos de tiro e de observação. As dificuldades de travessia da **sanga do Barro Negro conferiam-lhe melhores condições para uma defensiva do que para uma ofensiva.**

Mas, mesmo assim, era inferior à do Exército Republicano, por estar dissociada pela depressão por onde passava a **estrada de Cacequí.**

A depressão era contra-indicada para ocupação por Infantaria e Artilharia, enfraquecendo, assim, o centro da posição.

A via de acesso que melhor respondia às características de superioridade de Infantaria do Exército do Sul era a VA-4 (Norte). No caso da posição efetivamente ocupada pelo Exército do Sul, a conquista da cota Cerro (165) por um ataque de flanco pela VA-4 (Norte), à base de infantaria, significaria:

- Envolvimento da região de cota 133 da **coxilha do Olho d'Água.**
- Possibilidade de conquista da região da cota 144 e parte da cota Cerro (165) por um ataque de fixação, com envolvimento, e, assim, a conquista da posição.
- Base de partida para o lançamento de elementos para a conquista de trens do Exército Republicano e corte de uma retirada pelo passo do Rosário e pelo de S. Simão.

Nesse caso, seria ponto-chave o **AC-i** de cota 163 (Cerro).

A posição ideal para o Exército do Sul ter ocupado era a das alturas acima da estrada para o passo do Cacequi, por lhe assegurar as melhores condições defensivas e ofensivas à base de Infantaria (Caxias considerou-a melhor, e não foi a ocupada).

Na verdade, o Exército do Sul irá efetivamente ocupar a parte da **coxilha do Túmulo** ao norte e ao sul da estrada para o passo do Cacequi, ficando suas **duas divisões de Infantaria dissociadas pela depressão da estrada e sem condições de se apoiarem mutuamente**.

Por outro lado, o Exército do Sul irá usar, para a ofensiva, a VA-2, a pior do ponto de vista de um ataque de Infantaria, ou uma via de acesso que, apesar de menos extensa e orientada, era dominada por fogos de Artilharia e sujeita a ataques de flanco à base de Cavalaria, além de atacar de cima para baixo.

Portanto, pode-se dizer que o Exército do Sul, para o ataque que irá desfechar sobre o Exército Republicano, usará a mais desfavorável das quatro vias de acesso e que o Exército Republicano usará a melhor do ponto de vista de sua superioridade em Cavalaria, com possibilidade de apoio de Artilharia. Pode-se dizer ainda que a região da cota 133 da **coxilha do Olho d'Água** e a depressão da **coxilha do Túmulo de Abreu**, que não eram assinaladas em levantamentos anteriores do terreno, exercerão papéis adversos contra o Exército do Sul.

Condições Meteorológicas

A noite de 19/20 foi muito quente e dominada por negra escuridão, até a saída da lua, entre uma e duas horas. O dia 20 amanheceu por volta das 06:00 horas. O calor era ardente. Soprava forte vento, ora do norte, ora do noroeste. A vegetação apresentava-se seca e, portanto, inflamável. Já haviam transcorrido cerca de 2/3 partes do verão na região. Os raios de um sol brilhante, nesse dia de céu limpo, incidiram na frente da posição do Exército Republicano e na retaguarda do Exército do Sul. Ao amanhecer, a **sanga do Barro Negro** esteve coberta por brumas que impediam a visão de seu corte.

Comentário: A escuridão, durante as 5 primeiras horas da noite de 19/20 Fev prejudicou a tomada de posição do Exército

Republicano na **coxilha do Olho d'Água** e o deslocamento da Vanguarda do Exército do Sul.

O vento, soprando sobre a posição do Exército do Sul, desempenhou papel adverso a este, por ocasião de incêndio ateadado, propositadamente, no campo de batalha, por cavalarianos do Exército Republicano.

Esse incêndio será estudado com detalhes sob o título "Os generais republicanos" **Vento** e **Fogo** (acompanhar o Mapa 03).

O calor ardente, após 6 horas de combate na parte ocupada pelo Exército do Sul, exerceu influência muito negativa, por aumentar a sede, que não podia ser mitigada no campo de batalha por inexistir água.

Situação dos Exércitos

Para uma melhor apreciação do valor quantitativo de ambos os contendores e do estágio das doutrinas militares em confronto em Passo do Rosário, impõe-se uma análise e comparação dos fatores da decisão militar, INIMIGO E MEIOS, sintetizados sob o título **Situação dos Exércitos**.

A análise e o comentário comparativo abordarão, em cada exército, os seguintes elementos:

A-Organização, efetivos, composição e valor

B-Lideranças (experiência anterior em guerra clássica)

C-Experiência anterior de combate dos quadros e tropa

D-Instrução

E-Disciplína

F-Forças Morais

G-Cavahadas

H-Situação de Informações

I-Armamento e Munições

J-Artilharia

L-Engenharia

M-Alimentação

N-Uniformes

O-Equipamentos

P-Transportes

Após análise e comparação desses elementos, será feita uma comparação geral, incluindo-se a superioridade do Exército do Sul, com vantagem numa batalha travada em terreno movimentado, e a do Exército Republicano em Cavalaria, com vantagem em terreno plano.

Acredita-se que na análise desses elementos resida a explicação dos resultados de 20 de fevereiro de 1827.

A Missão dos Exércitos

1. Missão do Exército do Sul ao comando do Marquês de Barbacena (Brasil).

a) No dia 17 Fev, em SÃO GABRIEL:

Marchar sem demora no dia 18, com bagagens aliviadas, através do banhado Inhatium e Passo do Rosário do rio Santa Maria, para cortar a retirada do inimigo, **"em precipitada e vergonhosa fuga"**, na direção de Santana, através do passo São Simão.

Com o concurso da 1ª Brigada de Cavalaria Ligeira (Bento Manuel) que iria atalhar a retirada inimiga, após atravessar o rio Ibicuí, procurar travar batalha decisiva com o inimigo e destruí-lo.

Ficar em condições de perseguir seus remanescentes até o dia em que, em Buenos Aires, vingarem as hostilidades que o exército inimigo cometeu em São Gabriel e Bagé.

b) Após o anoitecer de 19 Fev, no acampamento, próximo à Estância do Rosário atual, a 6 Km do Passo do Rosário:

Atacar o exército inimigo em 20 Fev, sem o concurso da 1ª Brigada de Cavalaria Ligeira (Bento Manuel), apesar do precário estado da cavalaria, com a finalidade de surpreendê-lo e destruí-lo, na ocasião em que procede a travessia do rio Santa Maria, no passo do Rosário, em situação tática crítica, com efetivos de um lado e outro do rio. Ficar em condições de atravessar o rio e perseguir os remanescentes do inimigo do outro lado.

c) Após iniciado o ataque em toda a frente e ficar evidente que o inimigo encontrava-se com toda a sua força presente no campo de batalha **"forte e inflanqueável"**:

Prosseguir com a 1ª Divisão (Barreto) no ataque principal, para romper o centro inimigo. Com a 2ª Divisão (Callado), retrain para a posição inicial, defender a ala direita e repelir o inimigo.

Com a 2ª Brigada de Cavalaria Ligeira (Bento Gonçalves), proteger o flanco direito nas alturas da nascente da **Sanga do Barro**

Negro e ficar em condições de proteger a retaguarda e os espaços entre as duas divisões. Com o Corpo de Abreu, proteger o flanco esquerdo.

Comentário: Fica evidente a deficiência de informações sobre o Exército de Alvear, de que Barbacena dispôs. Em consequência, foi surpreendido:

- Ao saber, ao anoitecer de 19 Fev, que Alvear estava tentando atravessar o rio no Passo do Rosário, e não no São Simão;

- Ao encontrar o inimigo em posição, ao amanhecer de 20, sobre as coxilhas que dominavam o passo do Rosário;

- Ao constatar, após iniciada a Batalha de 20 Fev, que estava enfrentando todo o Exército de Alvear em posição na **coxilha do Olho d'Água**, apoiado na **Sanga do Barro Negro**, contrariado naquilo em que fora levado a crer por informações imprecisas, ou seja, em seqüência:

- Perseguir um Exército **"em vergonhosa e precipitada fuga, na direção de Santana, através do passo São Simão."**

- Atacar a Retaguarda do Exército de Alvear, em posição na **coxilha do Olho d'Água**, cobrindo a operação de transposição do grosso no Passo do Rosário, razão de ser dispensável o concurso da 1ª Brigada de Cavalaria Ligeira (Bento Manuel).

Disso resultou travar batalha sem o concurso da 1ª Brigada de Cavalaria Ligeira (Bento Manuel), a 10 léguas de distância em linha reta, destacada do grosso, dias antes, com a missão de hostilizar, observar e informar os movimentos de Alvear, mas em condições de reunir-se ao Exército, no local e hora indicados.

Bento Manuel, ao ser recalçado pelo inimigo para o norte do rio Ibicuí Mirim, perdeu o contato com o inimigo e com Barbacena, de 15 a 22 de fevereiro. **Isto traria graves conseqüências, como se verá** (vide FRAGOSO, **A Batalha**, p.361-365 e WIEDERSPHAN, **A Campanha**, p. 113-118).

2. Missão do Exército Republicano de Alvear (Argentina e Uruguai)

a) Após conhecer, em 18 Fev, que o Exército do Sul saíra de São Gabriel e marchava para o Passo do Rosário, através do banhado Inhatium:

Aliviar bagagens no Passo do Cacequi. Marchar na noite de 18/19 Fev para o Passo do Rosário, sem interferência do inimigo, e

interpor o rio entre os dois exércitos. Tudo com a finalidade de escapar da armadilha que estava prestes a cair. Ou seja, ficar cercado nos campos, entre os rios Santa Maria, Cacequi e Vacacai, exauridos de pastos e gado cavalariço e outros recursos e com a mobilidade limitada, em razão do mau estado da cavalaria. Situação estratégica crítica, da qual somente poderia sair ao custo de grandes manobras.

A marcha seria realizada com a cobertura de uma retaguarda voltada para leste, na direção da marcha do grosso inimigo, e por um flanco-guarda voltado para o norte, para a Vanguarda do mesmo (Bento Manuel).

b) Ao anoitecer de 19 Fev, após constatar a impossibilidade de travessia do grosso de seu Exército no Passo do Rosário, por estar o rio Santa Maria invadível, em razão de chuvas recentes:

Face à impossibilidade de atravessar o rio, no Passo do Rosário, por apresentar-se invadível para o Grosso ("largo, cheio e caudaloso") e ao risco de apresentar combate ao inimigo numa várzea, contramarchar na noite de 19 para ocupar a **coxilha do Olho d'Água**, para ali oferecer batalha ao inimigo, caso ele se apresente com essa disposição. Para que esta contramarcha se efetue segundo a concepção do Comandante do Exército, para sua execução, somente serão obedecidas ordens pessoais expressas do Alvear.

Comentário: É evidente, hoje, à luz de estudos atuais, com apoio em fontes primárias até agora disponíveis, que ao marchar, na noite de 18/19, do Passo do Cacequi para o do Rosário e ao contramarchar do último para a **coxilha do Olho d'Água**, na noite de 19/20 Fev, Alvear não objetivou surpreender o Marquês de Barbacena, mas sim, no primeiro caso, antecipar Barbacena na travessia do Passo do Rosário e, no segundo caso, como única alternativa sensata, oferecer batalha a Barbacena na melhor posição possível, obrigado pela circunstância adversa de o rio estar invadível.

As fontes primárias argentinas e uruguaias sobre a Batalha do Passo do Rosário ou Ituzaingó são raras.

O Gen Alvear, em sua **Exposición ao Congresso**, em 1827, declarou que simulou uma retirada pelo Passo do Rosário para atrair o inimigo e batê-lo em local previamente escolhido.

Em 1832, Alvear teria declarado a Eugênio Garzón:

“Não posso olvidar que todos nossos generais eram de parecer que enfrentássemos o inimigo na planura traidora, da margem do Santa Maria. Deve o Sr. vangloriar-se de haver julgado muito bem o que devia ser feito e o que se fez” (SOUZA JUNIOR. **Caminhos**, p.67).

É possível que a publicação de outros depoimentos de participantes uruguaios e argentinos, ainda inéditos, venham a confirmar, ou não, as declarações de Alvear em sua **Exposición**.

A Batalha entre os dois exércitos era inevitável. Nenhum dos dois generais tinha condições morais de evitá-la. Alvear, a partir de Bagé, passou a adiá-la e procurar melhores condições para tirar vantagens de sua superioridade em Cavalaria, após refazer também sua cavalhada. Alvear deu maior tempo a Barbacena para, com o concurso de Bento Manuel, tentar:

- Impedi-lo de atingir ou de usar as ricas pastagens de Saican;
- Impedir-lhe a travessia do rio Santa Maria, confinando-o em área de pobres pastagens para a sua Cavalaria;
- Fazer-lhe travar batalha com todo o Exército inimigo.

O estudo da Batalha do Passo do Rosário ou Ituzaingô já completa 175 anos (2002). Não se pretende, com essa interpretação, esgotar o assunto que, certamente, continuará sendo estudado no futuro, como o foi até agora, através do processo de aproximações sucessivas.

A-Organização, efetivos, composição e valor

Exército do Sul de Barbacena

- a) Efetivo estimado: 7.800 combatentes;
- b) Composição e valor;

1ª Divisão de Infantaria (Divisão Callado)
2.ª Bda Infantaria (Bda Leite Pacheco)
13.º BI (Ten Cel Morais Cid) (Bahia)
18.º BI (Ten Cel Lamenha Lins) (Pernambuco)

3.ª Bda Cavalaria (Brigada Barbosa Pita)

6.º RC (1.ª Linha) (Maj Barbosa Pita) (Montevideu)
20.º RC (2.ª Linha) (Cel J. da Silva) (Porto Alegre)
Esqd. Cav. (Ten Cel Felipe Neri) (Bahia)

4.ª Bda Cavalaria (Cel Tomas da Silva)

3.º RC (1.ª linha) (Ten Cel Xavier de Souza) (São Paulo)
5.º RC (1.ª linha) (Ten Cel Felipe Neri) (Rio Pardo)

2ª Divisão de Infantaria (Divisão Sebastião Barreto)**1.ª Bda Infantaria (Bda Leitão Bandeira)**

3.º BI (Maj. Crisóstomo da Silva) (Rio de Janeiro)
4.º BI (Ten. Cel. Freire de Andrade) (Rio de Janeiro)
27.º BI (alemães) (Ten. Cel. Wood Yeasts) (Rio de Janeiro)

1.ª Bda Cavalaria (Bda Egidio Calmón)

1.º RC (1.ª linha) (Maj Silva Cabral) (Rio de Janeiro)
24.º RC (2.º linha) (Maj Severiano Abreu) (Missões)

2.ª Bda. Cavalaria (Bda Araújo Barreto)

4.º RC (1.ª linha) (Ten Cel Pereira Pinto) (**Rio Grande**)
40.º RC (2.ª linha) (Ten Cel Barbosa – Lunarejos) (Santana)
Esqd. Lanceiros (alemães) (Cap Von Quast) (Rio de Janeiro)

1ª Bda. de Cav. Ligeira (Cel Bento Manuel)

22.º RC (2.ª linha) (Cel Medeiros Costa) (Rio Pardo)
23.º RC (2.ª linha) (Maj Dutra) (Alegrete)
Companhia de Guerrilhas (irregulares) (Rio Grande do Sul)
Companhia de Lanceiros (irregulares) (Rio Grande do Sul)

2ª Bda. de Cav. Ligeira (Cel Bento Gonçalves)

21.º RC (2.ª linha) (Maj Soares da Silva) (Rio Grande)
39.º RC (2.ª linha) (Ten Cel Calderón) (Cerro Largo ou Mello)

Corpo de voluntários (Marechal Abreu)

Eram 560 civis mal armados, agrupados em 11 companhias de guerrilhas e recrutados nas regiões atuais de Torres, Osório, Santo Antônio da Patrulha e Gravataí pelo Marechal Abreu (muitos desertores de outras campanhas).

Artilharia (Cel Tomé Madeira)

1.º Corpo de Art. Montada (Cap Botelho e Melo) (Rio de Janeiro)
 (17 canhões e 2 obuses)
 1.ª Bateria
 1.ª peça (Cap Botelho e Melo)
 2.ª peça (Ten Correia Caldas)
 3.ª peça (Ten Delgado)
4.ª peça (Ten. Luiz Emílio Mallet)
 Corpo de Artilharia de Posição (Maj Mendonça) canhões (Santa Catarina)

Grupamento Logístico (Cel. Gomes Jardim)

Cerca de 550 homens (transporte, escolta, imprensa, comerciantes e particulares).

c) Efetivo estimado de combatentes em condições de participar de batalha de 20 Fev;

COMBATENTES	NÚMERO	%
Comando do Exército	70	
Infantaria (1ª Linha)	2400	32
Cavalaria (1ª Linha) 2.265 (50%)		
Cavalaria (2ª Linha) 2.245 (50%)	4500	68
Civis do Marechal Abreu	560	
Artilharia 12 peças	300	
TOTAL	7830	100

Estimativa com apoio em: SEWELOH, TITARA, RIO BRANCO, FRAGOSO e WIDERSPHAN p.220-225.

Exército Republicano de Alvear

- a) Efetivo estimado: 8.130 combatentes;
 b) Composição e valor;

1º Corpo (Gen. avelleja) (Uruguai)

Divisão de Cavalaria – Cel Mayor Laguna

RC (2ª linha) (Cel Oliveira – Maldonado)
 RC (2ª linha) (Ten Cel Reña – Paysandú)

Divisão de Cavalaria (Cel. Manuel Oribe)

9º RC (1ª linha) – (Cel Manuel Oribe)

Divisão de Cavalaria (Cel Servando Gomez)

RC de Dragões Orientais
Unidades de Guerrilhas avulsas

2º Corpo (Gen. Alvear) (Argentina)**Divisão da Cavalaria (Brandsen)**

1º RC (1ª linha) – (Cel Brandsen)
3º RC (1ª linha) – (Cel Ângelo Pacheco)
Esqd. Cav. (alemães) – (Cel Von Heine)

Divisão de Cavalaria (Zufriátegui)

8º RC (1ª linha) – (Cel Zufriátegui)
16º RC (1ª linha) – (Cel Olavarría)

3º Corpo (Gen Soler) (Argentina)**Divisão de Infantaria – (Olazabel)**

1º BI (Ten Cel Manoel Correia)
2º BI (Cel Ventura Alegre)
3º BI (Cel Eugênio Garzón)
5º BI (Ten Cel Antonio)

Divisão de Cavalaria (Cel Paz)

2º RC (1ª linha) (Cel José Maria Paz)
Esquadrão de Atiradores (2ª linha) (Ten Cel Medina)

Artilharia (Cel Thomaz Iriante) (16 peças)**Regimento de Artilharia Ligeira – Cel. Iriante**

1º Grupo – (Maj Argerich)
1ª Bateria (Cap Chilavert)
2ª Bateria (Cap Nazar)
2º Grupo – (Maj Vasques)
1ª Bateria (Cap Munõz)
2ª Bateria (Cap Pirã)

Grupamento Logístico – Cel (Frade) Luiz Beltrán.

c) Efetivo estimado de combatentes em condições de participar da Batalha em 20 Fev;

COMBATENTES	NÚMERO	%
-------------	--------	---

Comando do Exército	130	
Infantaria	1900	23
Cavalaria (1ª Linha) 3.600		
Cavalaria (2ª Linha) 1.800	5400	67
Civis guerrilheiros	200	
Artilharia	500	
TOTAL	8130	100

Ver FRAGOSO p. 248 – 249

Comentário: O Exército do Sul possuía o equivalente a 13 RC, 5 BI e 4 Bias de Artilharia. Dos 13 RC, mais de 50 %, ou 7 RC, eram tropas de milícias ou de 2ª linha, recrutados no Rio Grande do Sul. A maior contribuição veio do Rio de Janeiro: 3 BI, 1 RC (o atual RCG ou Dragões de Brasília), 1 Grupo de Artilharia e um Esqd de Lanceiros. Pernambuco foi representado pelo 13º BI; Bahia, pelo 18º BI e São Paulo, pelo 3º RC.

O Exército Republicano possuía o equivalente a 13 RC, 4 BI e 4 Bias de Artilharia. Dos 13 RC, mais de 50% eram tropa de 1ª linha.

Segundo FREJEIRO, **La Batalha** (p.108), no Exército de ALVEAR estavam representadas todas as províncias argentinas. Os soldados, em sua maioria, eram recrutados. Os oficiais, afora os alferes, ou eram reformados que retornaram à atividade de promovidos, ou eram originários do antigo Exército dos Andes que haviam retornado do Peru após Ayacucho. A Infantaria, em sua maioria, era constituída de velhos soldados negros.

O Exército de BARBACENA possuía uma superioridade em Infantaria de cerca de 2.400-1.900=500h sobre o Exército de ALVEAR, ou cerca de 26%.

ALVEAR possuía uma superioridade quantitativa em Cavalaria 5.400-4500=900h sobre BARBACENA, ou cerca de 20 %, além de qualitativa, no sentido da predominância de tropas de 1ª linha, 9 RC x 5 RC.

Interpretação sobre a Organização com apoio em: BALDRICH, **La guerra del Brasil**.; FREJEIRO, **La Batalha** p.108/110; FRAGOSO, **A Batalha**, p.242/251; WIEDERSPHAN. **A Campanha**, p.220/230.

B-Lideranças

Exército do Sul

Comandante: Tenente-General Felisberto Caldeira Brant Pontes, Marquês de Barbacena. Nasceu em 19 de setembro de 1772, no arraial de SÃO SEBASTIÃO- MG. Ao assumir o comando do Exército do Sul tinha 54 anos. Estudou em Lisboa, no Colégio dos Nobres e na Academia da Marinha. Após breve carreira na Marinha, transferiu-se para o Exército, como major, quando serviu 2 anos em Angola. Em 1801, com 27 anos, retornou a Lisboa de onde teve de voltar com a Família Real, em 1808. Em 1811 era Brigadeiro e Inspetor Geral da Guarnição da Bahia. Em 1817 era Marechal de Campo (Gen Div).

Em 10 de fevereiro de 1822, por atitude francamente favorável à independência, escapou por um milagre, com vida, de motim contra ele levado a efeito por militares portugueses.

Na Inglaterra, como diplomata, prestou relevante serviço à independência do Brasil, inclusive no recrutamento de militares que completassem os claros de nosso Exército.

De volta, foi Ministro do Interior, por duas vezes, e da Fazenda. Como comandante do Exército do Sul, foi nomeado senador por Alagoas. Segundo Plínio Carvalho, "Barbacena não conheceu antes o meio em que iria atuar e comandar". E foi hostilizado, como se verá.

Marechal Henrique Brown: Nasceu na Alemanha em 1775. Não frequentou a Academia Militar. Como coronel, a serviço da Inglaterra, lutou contra a Espanha. Como Marechal de Campo, lutou contra Napoleão a serviço de Portugal, ou a serviço da Legião Anglo-Alemã, para restaurar os Braganças em Portugal.

Foi contratado pelo Brasil em 1826 e enviado para o Rio Grande do Sul para assessorar diretamente o Marquês de Barbacena. E assumiu suas funções 11 dias antes da batalha e dele escreveu um oficial brasileiro:

"Todos os dias pela manhã e a tarde tínhamos exercícios, tanto de Infantaria como de Cavalaria. E começou o Chefe de Estado-Maior a tornar-se impopular pelas suas maneiras ásperas".

Brown tinha então 51 anos. Era profissionalmente competente, mas dispunha de pouco tempo para instruir o Exército. Além disso, sua ação encontrou forte barreira sociológica no Exército do Sul. Posteriormente, deixou o Exército do Sul, que inclusive comandou, por uma série de intrigas. Respondeu a Conselho de Guerra em que provou o acerto de suas medidas técnicas.

Brown, como Chefe do Estado-Maior, seria encarregado "de todas as providências relativas à disposição das tropas" e, segundo Soares Andréa, "**Brown em um dia em que ensaiava posições do Exército do Sul, entusiasmou-se tanto que lhe deu a impressão já ser o Comandante-em-Chefe, não tendo para com Barbacena atenção alguma.**"

Brown era um técnico em Infantaria e muito bom tático. Foi estudado em **Estrangeiros e descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: IEL, 1975.

Na campanha de Jaguarão, revelou muito boa visão estratégica.

Vieram com Barbacena do Rio de Janeiro, sem experiência militar no Teatro de Operações, os brigadeiros Soares Andréa, Cunha Matos e o Coronel Tomé Fernandes Madeira, este como comandante da Artilharia.

Posteriormente, a menos de 15 dias da batalha, recebeu o reforço do João Crisóstomo Callado, cunhado dos orientais Manuel e Inácio Oribe e hábil e competente comandante de Infantaria, conforme mostraria na batalha.

Como lideranças locais, contava-se com os marechais Sebastião Barreto e José de Abreu e com os coronéis Bento Gonçalves da Silva e Bento Manuel Ribeiro. Todos foram hábeis na guerra de guerrilhas na região desde o tempo do Exército de Observação da Banda Oriental em 1811. Foram estudados os coronéis Bento Gonçalves da Silva e Bento Manuel Ribeiro em **O Exército Farrapo e os seus chefes**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1992.v.1

Abreu, de tenente-coronel legendário por ocasião da Independência, após sua proclamação, foi guindado a marechal e comandante de Armas, funções que exigiam conhecimentos militares estratégicos que lhe faltaram, traduzidos pelos insucessos de Sarandi e Rincón de Las Galinas.

Exército Republicano

Comandante: Brigadeiro D. Carlos Maria Alvear. Tinha 39 anos na ocasião. Nascera em 1787, no ambiente fisiográfico em que conduziu o Exército Republicano. Ou seja, em Santos Angel de La Guardia, junto ao Sete Povos. Nessa condição, residiu alguns anos nas Missões Orientais Jesuíticas. Seu pai viera da Espanha com o General Cevallos em 1777 e, em 1783, foi nomeado demarcador espanhol da segunda partida.

Em 1801, quando Alvear tinha 14 anos, seu pai recolheu-se a Buenos Aires. Em 1814, com 27 anos, Carlos Alvear já comandava o cerco de Montevideú, em substituição a Rondeau, e movia guerra contra Artigas.

A seguir participou das operações do Exército do Alto do Peru. Atingiu o alto posto de Diretor Supremo do qual foi derrubado pela revolução de Alvarez Thomaz. Refugiou-se por longo tempo no Rio de Janeiro, onde conheceu muitos de nossos chefes, bem como a situação e o ambiente militar do Brasil.

Antes da invasão do Rio Grande, em 1826, vinha desempenhando o cargo de Ministro da Guerra da Argentina. Possuía, além de muito boa formação, vocação militar e admirável visão militar estratégica. Conhecia muito bem os argentinos e os orientais, identificando-se com as suas raízes.

Segundo Wiedersphan:

"No Exército Republicano se achavam os mais brilhantes oficiais das campanhas da Independência dos Andes e do Peru: Cel Olavárrria, Cel Olazabal, herói de Pechincha, 1822, Cel Brandsen herói das guerras de Napoleão I, por quem fora condecorado e ex-general do Peru e oficiais nascidos na França que haviam combatido com Napoleão e adquirido com ele valiosos conhecimentos de Arte e Ciência Militar que transferiram para o Exército Republicano".

Comentário: As lideranças do Exército Republicano estavam melhor preparadas para travar uma batalha clássica. Possuíam experiência adquirida em batalhas travadas nas campanhas dos **"Andes e do Peru, nas guerras de Independência"**.

Contavam, por outro lado, com o concurso de competentes oficiais que haviam participado, sob o comando de Napoleão I, de batalha clássica na Europa. Alvear era um profissional militar capaz de bem organizar, equipar, instruir e empregar um Exército, ao contrário de Barbacena, cuja vida militar resumira-se a problemas da guarnição de Salvador, onde fez sua carreira. Nele o empresário, o diplomata e o político falavam mais alto.

Brown não teve tempo de compensar essas deficiências em 11 dias de ação. Era estranho à área e aos seus costumes. Bento Gonçalves e Bento Manuel não tinham vivência de batalha clássica. Em Sarandi isso ficou evidenciado. O mesmo se poderia dizer de Barreto e de Callado, embora valentes oficiais e bons líderes táticos.

Francisco de Paula Massena Rosado substituiu o Marechal Abreu no Comando do Exército do Sul, após os desastres de Sarandi e Rincón de las Galinas, e nele permaneceu de 3 de fevereiro de 1826 a 11 de janeiro de 1827 (quase um ano). Viera para o Brasil como tenente-coronel comandante do 2º BC da Divisão de Voluntários de EI-Rei e, sob o comando de Lécor, invadiu e incorporou o atual Uruguai com a Província Cisplatina ao Reino Unido do Brasil, Portugal e Algarve, em 1821. Aderiu à Independência do Brasil e, auxiliado por alguns oficiais, desarmou seu batalhão que pretendia opor-se à Independência do Brasil, na Cisplatina. Como general, não esteve à altura da missão. Segundo Tasso Fragoso:

“Seu comando se caracterizou pela mais completa inépcia. Concentrou tropas junto a Santana do Livramento que denominou pomposamente Acampamento Imperial Carolina... (homenagem à princesa Leopoldina que possuía Carolina no nome). O Império não poupou esforços para ministrar a Rosado todos os meios. Mais parece que faltavam a ele, definitivamente, as qualidades próprias de um espírito organizador.”

Rosado e seu colega, o Brigadeiro Egídio Gordilho Veloso Barbuda, Presidente do Rio Grande do Sul, mantiveram comportamento funesto para o Exército do Sul e perderam tempo precioso em discussões estéreis, enquanto Alvear preparava, em Arroio Grande, o Exército Republicano, ao abrigo de magníficas instalações.

O comando de Rosado, segundo Machado de Oliveira, representou um ano de **“privações, dor e sofrimentos com inimitável constância e resignação, do que resultou um vazio considerável nas fileiras dos combatentes.”**

Barbacena, ao chegar ao Rio Grande para assumir o comando, o que efetivamente ocorreu 40 dias antes da batalha, escreveu a D. Pedro I dizendo o que encontrara:

“Um Exército nu, descalço e sem munição de guerra e boca (alimentos) sem remédios, cavalos e reduzidos, depois de um ano, à mais humilhante defensiva...”

C-Experiência anterior de combate

Exército do Sul

Somente as tropas da Província do Rio Grande possuíam alguma experiência recente de combate na região, adquirida na guerra contra Artigas, 1816-21, predominantemente de guerrilhas.

A Infantaria, no total de 5 BC, provinha da Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. Barbacena não tinha experiência de combate. O Marechal Abreu e os coronéis Bento Gonçalves e Bento Manuel Ribeiro haviam se destacado na guerra de guerrilhas contra Artigas, 1816-21, como já referido.

Exército Republicano

Alvear, como a maior parte de seus oficiais, possuía experiência de combate nas guerras da Independência (1808-1824). Os soldados eram recrutas. Ao assumir, em 26 de dezembro de 1825, o comando do Exército em Arroio Grande, Alvear, em sua proclamação, declarou:

"Confiar em que seriam vencidas as dificuldades pela coragem de todos, pois as grandes fadigas e sacrifícios eram estímulos poderosos para velhos soldados da Independência."

Muitos chefes haviam integrado os exércitos de Bolívar e San Martín.

Comentário: Predominavam, no Exército Republicano, oficiais com experiência em guerra convencional e soldados recrutados da região fisiográfica da Bacia do Prata, onde se situava a região da Batalha do Passo do Rosário. O mesmo não se verificava no Exército do Sul.

D-Instrução

Exército do Sul

Formou-se em marcha para a batalha. O contingente proveniente de Santana teve, por um ano, sua instrução completamente descurada por Massena Rosado. O contingente de civis de Abreu não recebeu nenhuma instrução, bem como o do Coronel Bento Manuel. A brigada de Bento Gonçalves foi instruída pelo então Major Caldwell.

O contingente proveniente de Pelotas recebeu alguma instrução ministrada por Brown.

“Somente a 6 Fev planejou-se nesta tarde uma manobra de todo o Exército do Sul, na posição de Palmas. Porém ela fracassou totalmente e isso me suscitou receosas apreensões para o dia da batalha”, segundo Seweloh.

Tal manobra conduzida pelo Marechal Brown, recém-chegado, causou negativa reação nos oficiais e na tropa, que desconheciam aquelas práticas e não se sujeitavam a medidas de coordenação e controle.

Segundo Paula Cidade:

“Naquela época os exercícios militares eram abominados, ao ponto de algumas unidades se amotinarem, alegando excesso de trabalho.

Os melhores comandantes formavam seus batalhões uma ou outra vez. Neste dia era um Deus nos acuda! Os oficiais, aos gritos, lançavam-se para frente e arrastavam os soldados pelo exemplo, para passar de uma formação para outra”.

A instrução de Infantaria consistia na execução de mudanças de formação, ordenadas por 10 ou mais vozes de comando diferentes, que deviam ser guardadas de cor. A Cavalaria obedecia aos mesmos esquemas, além de ao ataque em carga: carregar em ordem, atacar e recuar em desordem, reorganizar e voltar a atacar, e assim sucessivamente.

A tropa de Abreu não possuía instrução. A instrução da Artilharia consistia em engatar e desengatar as armas e atirar.

Os exercícios eram raros, e a falta de munições, crônicas. Somente no dia 6 de fevereiro, a 14 dias da Batalha de Passo do Rosário, foi possível tentar um exercício de conjunto do Exército do Sul para coordenar tropas tão desiguais que chegavam de diversos locais e se uniam em marcha para o combate.

Exército Republicano

As Províncias Unidas (Uruguai e Argentina) dispenderam mais de um ano para recrutar, organizar e instruir um Exército de cerca de 12.000 homens. O General Alvear, proveniente da função de Ministro da Guerra da Argentina, esteve à frente do Exército Republicano por 5 meses e 20 dias antes da Batalha do Passo do Rosário.

Esse tempo foi valioso para que oficiais veteranos transformassem soldados recrutas bisonhos em soldados com **"a nobre emulação da juventude guerreira, coberta já, com os louros das lutas da Independência"**, segundo Acevedo Dias.

Comentário: O Exército Republicano foi melhor instruído do que o do Sul. Alvear assumiu o comando quase 5 meses antes da batalha, ao contrário de Barbacena, que assumiu apenas 40 dias antes. Barbacena herdou de Massena Rosado uma tropa nas piores condições de moral e instrução, bem como de equipamento e cavalhadas.

Somente pôde reunir todo o Exército do Sul após 5 de fevereiro, faltando 15 dias para a Batalha do Passo do Rosário.

Portanto, o Exército Republicano teve 4 meses de vantagem de instrução, pelo respectivo comandante, sobre o do Sul.

Possivelmente aqui residiu o ponto mais forte do Exército Republicano e o mais fraco do Exército do Sul.

Colocados em confronto em Passo do Rosário, ou Ituzaingô, resultou em sensível vantagem para o Republicano. Barbacena não teve tempo para instruir o Exército do Sul. Massena Rosado não aproveitou o tempo em que permaneceu inativo em Santana para instruir o Exército do Sul.

Interpretação com apoio em: SEWELOH, **Reminiscências**, p.54; CIDADE, **Soldado de 1827 e Lutas no Sul**, p.280 e 287; FRAGOSO, **A Batalha**, p.204,207 e 250; FREJEIRO, **La Batalla**, p.108; SOUZA JUNIOR, **Caminhos**, p.52; AZEVEDO DIAZ, **Campanha del Brasil**, p.68.

E-Disciplina

Exército do Sul

Vigorava o regulamento de 1763 do Conde Lippe, abrandamento do de 1708. Um dos castigos mais violentos era o de surrar com a prancha da espada. O arbítrio dos comandantes, que aplicavam penas desde surras, prisão perpétua com correntes de ferro nos tornozelos, até pena de morte, foi limitado por julgamentos em Conselho de Guerra. As condições locais do Rio Grande Sul concorriam para abrandar a letra fria dos regulamentos. Em relação às deserções em lutas anteriores e mesmo na conjuntura vivida pelo

Exército do Sul, sob Barbacena não se registrou nenhuma execução de morte ou castigo mais violento. Segundo Cidade:

"A deserção já não acarretava perigo para o desertor, mas proporcionava lucros pela venda do cavalo com arreios e tudo. Os desertores chegaram a ser tão numerosos que era impossível processá-los.... as chicanas dos quartéis e influências político-partidárias promoviam as absolvições mais escandalosas".

Tudo isso era um incentivo à deserção impune. Na época, a primeira deserção era punida com 60 chibatadas e a Segunda, com 160, de acordo com a Portaria de 3 de setembro de 1825.

Exército Republicano

A deserção, em suas formas mais graves, era punida com fuzilamento ou degola. Segundo o **Diário do Exército** de 9 de janeiro, após julgamento verbal por Conselho, exposição durante horas à tropa, foram fuzilados 7 réus de deserção. No dia 2 de março, a cena se repetiu, quando foi fuzilado, independentemente de julgamento, réu reincidente.

Comentário: Havia maior rigidez disciplinar no Exército Republicano do que no do Sul. No primeiro, os crimes mais graves, incluindo deserção, foram punidos com fuzilamentos ou degola, após julgamento sumário e verbal em campanha, podendo os reincidentes ser condenados à morte sumariamente. No segundo, os mesmos crimes, além de processo escrito, mereciam, nos casos mais graves, surras de 60 a 100 chibatadas.

Observou-se que Alvear mais de uma vez foi contestado em suas decisões e autoridade por alguns de seus oficiais no Passo do Rosário, além de atuar na batalha com bastante independência e iniciativa, a ponto de Paz dizer que ela poderia chamar-se a "**Batalha da Desobediência.**" Por outro lado, em nenhum momento a autoridade do Marques de Barbacena foi contestada por seus oficiais.

F-Forças Morais

Exército do Sul

Os soldados do Exército do Sul e, particularmente, os rio-grandenses não viam com justa causa a guerra que travavam com o Republicano antes de ele invadir o Rio Grande. Há pouco o Brasil havia-se tornado independente. Não compreendiam terem de lutar

com a Província Cisplatina que procurava tornar-se independente.
Segundo Tasso Fragoso:

"Só utilizamos nossas armas com coragem e resolução, sob a inspiração de grandes idéias..."

Todo o país clamava contra o sentimento imperialista de D. Pedro I. Havia por toda a parte a mágoa do conflito e o desejo de lhe pôr termo. O povo desinteressava-se pela guerra nas paragens do Sul, onde ninguém desejava prestar o concurso de seu esforço e para onde muitos se encaminhavam recrutados pela violência. A guerra era positivamente impopular. Apenas se conseguiu reunir uma fração insignificante dos inúmeros recursos de que se dispunha, o que não aconteceria, se a nação inteira percebesse do conflito outros motivos que não o de disfarçada conquista territorial!!

Segundo Elizyo de Carvalho:

"Esta guerra não podia ser mais antipática aos brasileiros. A conquista da Cisplatina por D. João VI fora feita contra o sentimento dos brasileiros. E a atual guerra vai correr por contra de D. Pedro I, tendo contra si o protesto moral da nação."

Segundo o Marechal Andréa:

"A opinião pública do Brasil seguia com reservas e até com protestos a marcha dos acontecimentos militares... soavam vozes na imprensa contra os abusos do recrutamento e a situação indefesa da costa... tornava-se geral a impressão de que a Coroa insistia em lançar-nos em uma aventura contrária aos sentimentos de justiça e aos interesses reais do país".

O Marquês de Barbacena chegou ao Rio Grande, precedido de uma série de boatos fomentados por antigos generais portugueses radicados no Rio Grande e Cisplatina que haviam aderido à Independência e por alguns chefes rio-grandenses. Tornava-se difícil para alguém não inclinar-se para um desses partidos.

Barbacena "tinha que lutar com cada soldado, cada oficial e cada habitante, e a sua máxima preconcebida era a de não aceitar de nenhum morador nem uma colher de farinha, um ovo, uma galinha, uma refeição frugal, um convite, uma pousada, sem primeiro perguntar-lhe pelo preço e, princípio, pagar em contado. Isto afastou dele as simpatias dos hospitaleiros moradores do Rio Grande, levantando cada vez mais a muralha de separação, que nunca deveria ter surgido"

Dizia-se dele no Rio Grande:

“Faz pouco, além disso, das pequenas dádivas da nossa amabilidade hospitaleira. É mais orgulhoso do que o Imperador que não fazia isto.”

Segundo Seweloh:

“A atitude de Barbacena de querer indenizar tudo o que fosse fornecido pelos rio-grandenses foi mal interpretada. Existem no Rio Grande homens bastante abastados que, além de hospitaleiros, por tradição e natureza, sentiam-se ofendidos por julgar que Barbacena os confundia com taverneiros movidos somente por interesses de lucro.”

Esse sistema de Barbacena passou a ser censurado de todos os lados, e o não-entendimento da hospitalidade rio-grandense valeu-lhe grande impopularidade.

A idéia republicana estava mais profunda do que se pensa entre as lideranças militares rio-grandenses, particularmente as milicianas. Alvear era líder maçom da linha vermelha ou francesa, favorável à República Constitucional, que se opunha à linha azul ou inglesa, e à Monarquia Constitucional.

Na Argentina encontravam-se refugiados brasileiros da linha vermelha francesa, acusados de manobrem para que D. Pedro I fosse Grão-Mestre da Maçonaria do Brasil. Esse fato provocou o fechamento da Maçonaria na época e a prisão de alguns dos principais líderes brasileiros da linha francesa ou vermelha, seguida de evasão da prisão de alguns, como a do padre Antônio Caldas para a Argentina. Ali consta ter sido autor, para Alvear, de proclamações dirigidas aos brasileiros.

O padre Caldas, alagoano, estudou no seminário de Olinda. Na Revolução de 1817, em Pernambuco, impregnou-se do ideal republicano de inspiração da maçonaria vermelha ou francesa. Depois de destacada atuação na Independência em Alagoas, foi eleito deputado à Assembléia Constituinte. Junto com outros líderes maçons, criou sério incidente, que culminou com sua prisão e fuga para a Argentina e o fechamento da Maçonaria por D. Pedro I.

Em 1836, por ocasião da Proclamação da República rio-grandense, por líderes rio-grandenses da maçonaria vermelha ou francesa, o padre Antônio Caldas encontrava-se junto a Jaguarão, do outro lado da fronteira. E Jaguarão foi o primeiro a aderir à República rio-grandense através de sua Câmara.

Esse entendimento é importante, pois o ideal republicano, difundido no Prata através da maçonaria vermelha ou francesa,

inclusive por brasileiros, por ocasião da batalha do Passo do Rosário, germinava entre muitos rio-grandenses.

Ele acentuou-se após Passo do Rosário, na campanha de Jaguarão e na invasão das Missões por Rivera, conforme prova Wiedersphan em trabalho inédito.

O Regimento das Missões, que fez triste figura em Passo do Rosário, aderiu totalmente à idéia republicana mais tarde.

Isso explica a razão de San Martin haver-se retirado da reunião, em Lima-Peru, diretamente para a Europa, por ter sido voto vencido sobre o destino da América Espanhola. Ele defendia a linha inglesa ou azul - Monarquia Constitucional - e Bolívar a linha francesa ou vermelha - República Constitucional.

Pelo mesmo motivo os serviços de San Martin à Argentina, foram recusados quando da Guerra Cisplatina. Ainda segundo Wiedersphan, calcado em informações de brasileiros no Prata:

"As invasões do Rio Grande, por Alvear em 1827, e por Rivera e Lavalleja em 1828, esperavam contar com apoio e adesão de muitos rio-grandenses."

Isso está bem claro, segundo prova de Wiedersphan na invasão de Rivera nas Missões. O 24.º Regimento de Cavalaria de 2ª linha, de triste atuação em Passo do Rosário, aderiu ao ideal republicano nas Missões, com Rivera.

Esse estado de coisas influiu no moral do Exército do Sul, quando à justiça da causa pela qual lutava. Havia divisão de sentimentos. Apoiar-se o Brasil monárquico ou favorecer a Argentina republicana e, com o apoio desta, trazer a República ao Brasil.

E Barbacena, em sua parte de combate, assim referiu ao moral:

"O Exército Republicano devastava o país (Rio Grande) o que excitava os queixumes e a murmuração da Província do Rio Grande contra o Exército do Sul. Estas murmurações não contaminaram o Exército enquanto ele não atingiu 7.000 homens. Mas desde então, entrou uma espécie de frenesi geral por atacar o inimigo, tomando os soldados, contra a minha resistência, a medida de desertarem aos 20 por dia, dizendo que como eu não queria atacar o inimigo e defender o Rio Grande. Sendo assim, eles iriam defender as suas casas e famílias ... Julguei então acertado aproximar-se do inimigo, a fim de tirar partido de tanta valentia e boa

vontade, antes que me deixassem reduzido às tropas de linha.

A covardia no combate não correspondeu à arrogância anterior. No meio de tantos crimes brilharam os regimentos de Lunarejos e a Brigada de Bento Gonçalves.”

Barbacena em sua Ordem do Dia sobre a batalha diz ter havido 1.900 deserções no início da luta. Por outro lado, Seweloh descreveu que na hora da batalha **“deu trabalho conter o Exército do Sul, pois cada uma de suas unidades queria lançar-se isoladamente na batalha.”**

Exército Republicano

O moral do Exército Republicano era alimentado, basicamente, pelo ideal de independência como República do último país da América do Sul de língua espanhola a ser liberto, no caso, de um Império. Essa idéia-força contava com a simpatia velada de lideranças rio-grandenses do Exército do Sul e o apoio de brasileiros incorporados no Exército Republicano.

Havia entre os chefes do Exército Republicano animosidades contra Alvear, polarizadas por Lavalleja, Coronel Juan Gallo Lavalle, Brandsen, Pacheco e outros de menos expressão, tais como o Coronel Mansilla e alguns chefes provenientes dos exércitos libertadores de San Martin e Bolívar.

Essas animosidades estiveram exacerbadas em Bagé. Em 4 Fev 27, elas foram postas de lado. Em 19 Fev 27 elas atingiram o ponto crítico, quando o Coronel Lavalle propôs a destituição de Alvear do comando do Exército Republicano, mas foram superadas na hora da batalha.

Comentário: O moral do Exército Republicano podia ser considerado bom. Tudo indicava que havia convicção da justeza da causa pela qual lutava - A independência, como República de um Império, da última nação com língua espanhola na América do Sul.

O moral do Exército do Sul era afetado pela impopularidade da causa no Brasil, pelas dúvidas na justiça dessa causa e pela influência dos republicanos, difundida entre as lideranças militares rio-grandenses pela maçonaria vermelha.

Bento Gonçalves da Silva era dessa linha, bem como muitos rio-grandenses que, nove anos depois, liderariam a Revolução

Farroupilha. Mas Bento Gonçalves soube colocar o problema abaixo de seu sentimento de brasilidade.

Isso explica, antes da Revolução Farroupilha, o vai-e-vem do Conde Tito Lívio Zambecari entre Buenos Aires e Porto Alegre.

Alvear trouxe em seu Exército uma unidade simbólica constituída por brasileiros, animados do desejo de libertar o Brasil da Monarquia.

Para alguns, a apoiar o Brasil monárquico era preferível apoiar a idéia republicana cristalizada pela Argentina, estendendo, com apoio desta, a República a todo o Brasil.

O desastrado acampamento de Rosado, em Santana, afetou o moral das tropas brasileiras que lá estacionaram, bem como as murmurações gerais contra a liderança de Barbacena, impopularizado no Rio Grande por motivos já descritos.

Interpretação com apoio em: FRAGOSO, **A Batalha**, p.323 e 407; CIDADE, **Lutas ao Sul do Brasil**, p.288; WIEDERSPHAN, **A Campanha de**, p.134, 139, 147, 152, 163, 165 e 239; SEWELOH, **Reminiscências**; BARBACENA e BROWN, Partes de combate. In: FRAGOSO, **A Batalha**, p.406-412; BROWN Defesa e Relatório, **RIHGRGS**, 1926. p.197-294; TABORDA, **A invasão de Bagé**.

G-Cavalhadas

Exército do Sul

Segundo Seweloh:

"Tendo o Exército do Sul mais de 4.000 homens de Cavalaria, foram cortadas as orelhas direitas de 30.000 cavalos, sem que por isso tivéssemos cavalos bons de montaria, e nem por 8 dias uma montaria suportável. Os cavalos são conduzidos na vanguarda, flancoguarda e retaguarda do Exército do Sul e, nesta, em maior quantidade.

Eles não têm descanso nem espaço para encontrar alimentação suficiente. A grama por si só não ministra forças. Nenhum cavalo é tratado... Em poucos dias centenas deles ficam extenuados após percorrerem poucas léguas. E este mal progride de modo assustador.

Acostumados à grama, os cavalos emagrecem sensivelmente... Passam-se dias sem que recebam água e, quando a encontram, só bebem impelidos pela violência das bordoadas.

A guarda de cavalcadas exige numeroso pessoal que não participa dos combates, por estranho ao serviço militar, mas tem de ser reforçado, porque o adversário ataca as cavalcadas, em razão de sua importância...”

Seweloh conclui dizendo que:

“Usando o método de substituições sucessivas de cavalos em marcha, as cavalcadas do Rio Grande já teriam desaparecido, se desde o princípio tivessem manobrado naquela campanha exércitos do porte do Republicano e o do Sul.”

A certa altura, à luz dessa realidade, escreveu sobre os cavalcarios da região e a Cavalaria resultante à base de cavalos chucros:

“Admito serem bravos ágeis e adestrados os cavaleiros, mas ninguém chamará boa aquela Cavalaria que monta em animais chucros.”

Barbacena, ao assumir o Comando em Santana, encontrou a pé as tropas ali acampadas.

Em 14 Jan declarou em ofício: Dos 14.708 cavalos recebidos de Rosado, somente 18 encontravam-se em condições de serviços. Em 16 Fev no arroio Lexiguana, possuía 2.400 cavalos de reserva. Cinco dias após, no passo do Camaquã-Chico, após admitir ter requisitado cavalos a **“torto e a direito”**, declarou possuir uma reserva de 3.200 cavalos. Em carta de 2 de março de 1827 a Cunha Matos, Barbacena escreveu dizendo:

“Que apesar dos maiores esforços e mesmo algumas violências não conseguiu juntar mais que 4.000 cavalos. No Rio Grande tudo é às avessas. O general, em lugar de procurar lugar seguro par suas tropas é obrigado a procurar posição com pasto e água para os cavalos. O sistema de não de tratar os cavalos, obriga a ter, pelo menos 3 para cada soldado”.

Barbacena, na 1ª parte de combate de Passo do Rosário, reafirmou:

“Um general no Rio Grande é obrigado a sacrificar tudo ao sustento dos cavalos e que o importante não era buscar lugar seguro para a tropa, mas pasto e água para os cavalos.”

Em carta ao Ministro da Guerra Barbacena escreveu a certa altura:

“A Cavalaria do Rio (1º RC) e a da Bahia obrigam-me a distrair das tropas do Rio Grande, quem vá aprontar cavalos para elas e também para apanhá-los em marcha, quando fogem, após lançarem por terra os soldados.”

A remonta, em grande parte, era feita à base de cavalos baguais ou chucros. As tropas do Exército do Sul de Cavalaria, provenientes de locais fora do Rio Grande, não estavam habituadas ao processo de doma local.

A situação da cavalaria no Exército do Sul, no dia da batalha, não era das melhores.

Machado de Oliveira declarou que o Marechal Abreu, momentos antes da batalha de Rosário, pediu cavalos de muda ao Marechal Barreto e não foi atendido. Em consequência, teve de lutar com sua cavalaria, incapaz para uma ação mais séria por fraca e desgastada. Os homens de Abreu, ao operarem junção com o Exército do Sul, 7 dias antes da batalha, segundo Sewelton: **“Encontravam-se bem montados e mal armados.”**

Durante uma semana da ação intensa na vanguarda do Exército, a cavalaria de Abreu enfraqueceu, sem possibilidades de ser substituída. Abreu enfrentaria o peso da Cavalaria de Alvear com civis mal montados e armados. Não poderia haver bom resultado.

O segredo maior do sucesso operacional de Caxias na Revolução Farroupilha foi de ter-se apossado, gradativamente, das cavalhadas dos revolucionários, seja fechando a fronteira e comprando cavalos disponíveis no outro lado, seja se apossando e controlando as remontas dos revolucionários no corte do rio Camaquã, principalmente.

Ao assumir o comando, soube que o Exército estava a pé em Passo do São Lourenço, no Jacuí e que os revolucionários estavam com liberdade e mobilidade totais. Sua primeira manobra militar foi transportar do Rio Grande ao Passo São Lourenço enorme cavalaria.

Ao final da Revolução, estava excelentemente montado e os revolucionários, a pé.

Exército Republicano

Em 25 março de 1827, em nota reservada, Alvear declarou que deixara o acampamento de Arroio Grande com apenas 3 cavalos por homem e que esses cavalos logo se esgotariam nas preliminares da campanha.

Azevedo Dias refere-se a 50.000 cavalos, o que daria para 16.000 homens. Como conseqüência, haviam chegado a Bagé com um só cavalo de reserva por homem e, assim mesmo, fracos e extenuados.

Segundo Tasso Fragoso, após Alvear certificar-se da junção de Barbacena e Brown no arroio Lechiguana:

“Moveu-se para o norte com a cavalhada em péssimo estado, buscando meios de a bem nutrir e remontar.”

No itinerário de marcha, Alvear conseguiu remontar satisfatoriamente a sua cavalhada, ao custo da Província do Rio Grande.

Segundo o depoimento de Osório e de seu filho Fernando Osório, durante a invasão do Rio Grande foram arrebanhados

“2.000.000 de reses e milhares de cavalos.”

O coronel Baldrich atribuiu esse arrebanhamento a orientais que inundaram a Província do Rio Grande, à retaguarda do Exército Republicano, e transferiram para a Província Cisplatina **“cerca de 200.000 cabeças de gado e imensas crias de éguas”**, a despeito da orientação contrária de Alvear de respeito à propriedade.

Comentário: Nos dois exércitos predominavam as tropas de Cavalaria sobre as de Infantaria, acentuadamente no Republicano. A situação ideal da Cavalaria em cada exército, na base de 3 cavalos por homem, seria a de 15.000 no Exército do Sul e de 18.000 no Republicano.

No Exército do Sul, havendo a reserva de 4.000 no dia da batalha, estima-se ter existido 1,8 cavalos por homem. No Exército Republicano, estima-se que a situação foi bem melhor, entre 2 e 3 cavalos por homem. De outra forma, seria impossível sustentar o ritmo das cargas desferidas sobre os quadrados das divisões de Infantaria do Exército do Sul, por mais de 6 horas de batalha. A situação no Exército do Sul, nesse sentido, foi bastante inferior, a ponto de as tropas do Marechal Abreu terem de lutar com os mesmos cavalos que utilizaram desde a junção com o Exército do Sul.

Barbacena, ao operar em território pátrio, teve imensas dificuldades em remontar sua cavalhada. Ao assumir o comando em Santana, contava com somente 18 cavalos em condições. Alvear, ao contrário, teve melhores condições de proceder à remonta de seu Exército no Rio Grande, a concluir-se pela requisição feita pelo

Mansilla, em 15 março de 1827, na estância do Marechal Bento Correia da Câmara, no rio Santa Maria a qual consistia de:

“10.000 reses, 3.000 éguas de cria, cavalos, ovelhas e até cães da estância.”

A portaria assinada por Mansilla justificava aquela medida pela necessidade de atender à subsistência do Exército Republicano, procurando fundamentar-se no seguinte:

1. O Marechal Bento Correia da Câmara não se encontrava na estância, em razão de a mesma estar fora da garantia assegurada por Alvear;

2. O encarregado da estância havia afirmado que o Marechal Bento não se encontrava em serviço ativo, tentando assim enganar a Alvear, que não iria condenar alguém que estivesse servindo a seu governo;

3. Alvear, supondo ser o Marechal Bento um bom servidor do Imperador, ficaria muito satisfeito em poder dar, ao menos, prova de sacrifício;

4. Alvear supunha que o Imperador indenizaria o Marechal Bento, em razão de sua obrigação sagrada de proteger seus domínios.

E finalizava dizendo que as explicações dadas por Alvear por este ato deviam-se ao fato de ele ter pretendido dar uma prova do grande respeito que tinha pelas propriedades.

O fato de a Cavalaria proveniente do Rio de Janeiro (1º RCG), Bahia e São Paulo não estar habituada a operar com cavalos nas formas feitas no Rio Grande repercutiu negativamente para o Exército do Sul. O mesmo não aconteceu no Exército Republicano, superior em cavalaria no dia da Batalha.

H-Situação das Informações

Exército do Sul

Segundo Paula Cidade:

“O nosso Serviço de Informações deixava muito a desejar, pois não era coordenado convenientemente. Não havia órgãos especializados para fixar as informações necessárias. Desempenhavam um papel notável, nesse setor, certos indivíduos em funções diplomáticas, bem como as colônias estrangeiras radicadas no país inimigo. Muitos chefes, mal avisados a tal respeito, detestavam a

espionagem e não davam importância a contra-espionagem.

Barbacena parece que pertencia a esta categoria

Assumiam importância as informações fornecidas pela população local. Seweloh assim descreveu o trabalho de busca de informações realizado por guerrilhas.”

“Corpo de gente do Rio Grande, pouco disciplinada e exercitada. Fazem sempre a vanguarda em nossos movimentos. Causa prazer observar como desempenham todas as obrigações dessa tarefa, com uma perícia como se tivessem aprendido nas melhores escolas européias. Eles saíam pelos flancos a reconhecer todo o terreno à frente. Após se reuniam em pontos que serviam de observatório e ali ficavam até que seu corpo se aproximasse.

Combatem dispersos em atiradores de Cavalaria Ligeira. São tropas valentes que deveríamos louvar, se não toldassem o brilho de sua glória, muitas vezes, pela conduta indisciplinada e, principalmente, por uma grande sagacidade que não podem dominar.”

O Exército do Sul, ao lançar patrulhas em todas as direções, tinha imensa dificuldade em transpor as cortinas de contra-informações sobre o grosso do Exército Republicano, estabelecidas por sua vanguarda, retaguarda e flancoguarda.

Até a junção de Barbacena com Brown, a busca de informações sobre o Exército Republicano, realizada por patrulhas enviadas pelo Marechal Barreto e pelo Coronel Bento Gonçalves, foi eficiente. Embora não precisassem o valor Exército Republicano, desvendaram sua direção de marcha-Bagé. O valor aproximado só foi fornecido por Callado, proveniente de Montevideú, no arroio Lexiguana.

A partir daí, o Exército Republicano adotou eficientes medidas de contra-informações, inclusive fintas que iludiram por completo o Exército do Sul sobre suas reais intenções.

Julgando que o Exército Republicano fugia, não houve uma preocupação de Barbacena de confirmar a impressão. Bento Manuel foi levado a crer que o Exército Republicano retirava-se pelo passo S. Simão e transmitiu essa falsa impressão ao Exército do Sul, sem conferi-la.

Desse modo, o Exército do Sul foi chocar-se com o Republicano próximo ao Passo do Rosário, julgando tratar-se de vanguarda que protegia a travessia do grosso naquele passo.

E Bento Manuel, que havia induzido o Exército do Sul a crer que o Republicano fugia pelo Passo S. Simão, manteve-se do outro lado do Ibicuí, sem a preocupação de manter o contato com o Exército Republicano.

E o pior, privaria o Exército do Sul de seu concurso em passo do Rosário.

Exército Republicano

Em sua marcha de Arroio Grande até Bagé, sofreu muito com a falta de informações sobre o **Exército do Sul**, que era protegido por uma eficiente cortina de contra-informações, proporcionado pelas colunas de Barreto e Bento Gonçalves. Alvear adotou muitas atitudes em função de falsas impressões sobre o Exército do Sul que tinha uma noção mais precisa de seus movimentos e objetivos.

A partir de Bagé, seu sistema de informações e contra-informações esteve mais eficiente. A retaguarda era protegida por Lavallega. E o restante do grosso era acompanhado por um exame de patrulhas que, além de colherem informações precisas sobre os movimentos do Exército do Sul, formavam um círculo de contra-informações impenetrável, no interior do qual deslocava-se, à vontade, o grosso do Exército Republicano, guiado, inclusive, por vaqueanos brasileiros do Rio Grande. Segundo Wiedersphan:

“O maníaco e endiabrado Major da Milícias Alexandre Luís de Queiroz e Vasconcelos (1772-1833).

Este rio-grandense de tendências republicanas, pan-americanistas e antimonárquicas foi, desde 1803, nomeado coronel republicano e comandante do Regimento de Libertadores de Continente Del Rio Grande, unidade de existência precária, mas preciosa como fonte de informações de combate.”

Comentário: Até a junção de Brown com Barbacena, as informações no Exército do Sul, dentro das peculiaridades da época, conseguiram definir as intenções e o objetivo do Exército Republicano.

Em conseqüência da euforia resultante da falsa impressão de que o Exército Republicano fugia para além do rio Santa Maria, as informações foram relaxadas. Disso resultaria, em grande parte, a surpresa do Exército do Sul em 20 Fev 1824, ao encontrar todo o Exército Republicano em posição, das cochilhas adjacentes ao Passo do Rosário, quando o julgava, um dia antes, atravessando o Passo S.

Simão e, na manhã de 20, atravessando desesperado o Passo do Rosário, sob a proteção de uma fraca vanguarda, nas colinas adjacentes ao mesmo passo.

O Exército Republicano, através de medidas de contra-informações e informações eficientes, conseguiu surpreender o do Sul, ao apresentar-se diante desta com toda a sua força menos a Brigada Bento Manuel, na manhã de 20 de fevereiro, em Passo do Rosário.

De tudo pode-se concluir que, apesar de operar em seu território, o sistema de informações e contra-informações do Exército do Sul mostrou-se bastante inferior ao do Exército Republicano, particularmente de 5 a 20 de Fev de 1827, ao ser levado pela falsa impressão de que o Exército Republicano fugia desesperado.

I-Armamento e munição

Exército do Sul

O hábito de a Cavalaria, no Brasil, usar armas de fogo ao invés de armas brancas era criticado. Brown procurou, em parte, corrigir isso. A 2ª Brigada de Cavalaria, constituída do 4º RC de 1ª linha (**Rio Grande**), 4º RC (Lunarejos - **Santana**) e Esquadrão de Lanceiros Alemães, usaria o processo de combater à espada, em Passo do Rosário.

A Infantaria estava equipada com carabina mod. 1822, e a Cavalaria com clavina mod. 1822, ambas de pederneira, de alcance em torno de 250 a 300 metros. Havia também pistolas de mesmo sistema.

A carabina possuía 18 mm de calibre e 1.082 m de comprimento. Era de carregar pela boca. Seu acionamento era consequência do impacto do cão de sílex contra uma peça de ferro (**caçoleta**). Isso produzia faísca que incendiava a pólvora colocada numa concha exterior (**fogão**), cujo fogo produzido comunicava-se por um orifício à câmara no cano, produzindo, então, a detonação.

Para carregá-la, era necessário retirar a parte superior do cartucho com os dentes e colocar um pouco da pólvora no fogão, cobrindo-a com a **caçoleta**. A seguir, colocar o restante da pólvora no cano, comprimi-la com a bucha de papel, com o auxílio da vareta, colocar a bala e, finalmente, mais outra bucha.

Tudo isso demorava muito. O êxito do tiro estava muito ligado às condições de umidade atmosférica. Quando Barbacena assumiu o comando em Santana, dos 277.400 cartuchos existentes, grande parte se achava em mau estado.

Sabe-se que uma das causas de Barbacena haver ordenado a retirada, em Passo do Rosário, foi a insuficiência de munições após mais de 6 horas de combate intenso.

Exército Republicano

A Infantaria estava com bons fuzis. Não possuíam cartucheiras apropriadas, e sim improvisadas, o que dificultava a corrida e danificava os cartuchos, além de não resguardar as munições com eficiência, da água e do fogo. Não dispunha de pólvorins, que aumentavam a rapidez dos fogos e proporcionavam melhor conservação para munições durante o combate.

A Cavalaria, ao que parece, estava equipada com bons fuzis, porém tinha as mesmas limitações da Infantaria. O 1º Regimento de Cavalaria do Coronel Brandsen e o 3º, do Coronel José Maria, dispunham, além de lança, como o restante da Cavalaria, de sabre largo e **couraça**. O pior armamento era o das milícias orientais.

Comentário: O armamento e a munição de ambos os exércitos equivaliam-se qualitativamente. O Exército Republicano registrava uma pequena vantagem, resultante do uso de **couraças** por dois de seus regimentos de linha, de assinalada atuação na batalha de Passo do Rosário, as quais, além disso, dispunham de clavinhas e espadas.

J-Artilharia

Exército do Sul

A Artilharia, quando Barbacena assumiu o Comando compunha-se de 12 bocas de fogo transportáveis, das quais 12 obuses com 45 tiros e 10 canhões com 557 tiros.

Exército Republicano

Dispunha de 16 peças de Artilharia superiores às do Exército do Sul, em alcance e outras condições balísticas.

Comentário: A superioridade quantitativa e qualitativa da Artilharia do Exército Republicano sobre o do Sul foi flagrante. O Coronel Madeira, comandante da Artilharia do Exército do Sul e herói de lutas em Portugal entrou em pânico. Barbacena, ao surpreendê-lo em posição fetal debaixo de um carro de munição, onde fora buscar proteção contra a Artilharia adversária chamou-lhe a atenção e teve lugar este diálogo:

-**“Que quer V. Excia. que eu faça aqui?**

- **Que faça fogo , Diabo!**

- **O calibre do inimigo é muito maior que o nosso”,
respondeu o coronel.**

Nessa batalha somente duas peças sob comando do Tenente Emílio Luiz Mallet apoiavam quantitativa e qualitativamente. A do Exército Republicano fora habilmente empregada pelo comandante que a treinava, ao contrário da do Exército do Sul, cujo comandante se incorporara há pouco no Exército, proveniente do Rio de Janeiro, com fama de herói em guerras na península ibérica.

A Artilharia do Exército Republicano, além de superior, quantitativa e qualitativamente, à do Exército do Sul por imposição do terreno, seria usada dispersa.

L-Engenharia

Exército do Sul

Não dispunha de tropas especializadas nesse setor. As transposições de rios, como o Camaquã-Chico em Jan 27, foram realizadas com a improvisação de recursos locais – **pelotas de couro**. Para evitar-se obstáculos representados pelo rios, era costume marchar-se no dorso dos divisores d’água, vias de acesso naturais sobre as quais desenvolviam-se direções estratégicas. O Exército do Sul venceu com galhardia o único obstáculo sério que teve de enfrentar: o Passo do Camaquã-Chico. Talvez aí tenha vivido o maior momento da campanha.

Exército Republicano

Não dispunha de tropas especializadas nesse setor. Por falta de meios de transposição, não conseguiu a travessia, no dia 19 Fev 1827, do Passo do Rosário, por estar este acima do nível normal.

Comentário: Nenhum dos exércitos possuía meios de Engenharia. O Exército do Sul soube vencer melhor o obstáculo que encontrou pela frente, em momentos críticos - o Camaquã-Chico. Usou inclusive laços como cabos guias para os soldados não serem levados pela correnteza, como o caso de um soldado que o Ten Osório (hoje patrono da Cavalaria) conseguiu salvar agarrando-o pelos cabelos.

O Exército Republicano, ao contrário, teve que contramarchar do Passo do Rosário para o local onde se travaria a batalha de mesmo nome, por não conseguir transferir todo o Exército para o outro lado sob penas de ficar, de um lado, com a Cavalaria e Artilharia e, de outro, com a Infantaria e Serviços.

M-Alimentação

Exército do Sul

Alimentava-se, basicamente, de carne de gado vacuum sob a forma de churrasco, muito abundante no Rio Grande e de fácil aquisição. Além disso, constituía-se num alimento auto-transportável, pois podia ser levada junto com os exércitos e obtida pelo simples abate do gado necessário. Complementava-se com a erva-mate e a cachaça, ou aguardente de cana. Desde 29 abril 1823, o Exército havia estabelecido 4 rações distintas:

Primeiro tipo: Farinha de trigo 1/40 de alqueire (medida do Brasil)

Carne fresca, 1/2 libra
Sal, 1 onça **SUL**
Lenha, 24 onças

Segundo tipo: Farinha de trigo, 1/40 do alqueire
Carne seca, 6 onças **NORDESTE**
Lenha, 24 onças

Terceiro tipo: Farinha de trigo 1/40 do alqueire
Arroz, 1/4 de libra
Banha ou toucinho, 1 onça
Sal, 1 onça

Quarto tipo: farinha de trigo, 1/46 do alqueire (medida do Brasil)

Feijão, 1/32 (alqueire – medida de Lisboa)

Sal, 1 onça

Lenha, 24 onças.

No Rio Grande, basicamente, deveria ser usado o primeiro tipo, mas a farinha de trigo esteve sempre ausente. Para substituírem o pão, os oficiais usavam carne torrada ou fígado torrado; o pão, em Santana, atingiu preços proibitivos.

A alimentação fora da tabela era adquirida dos vivandeiros, comerciantes que se deslocavam na retaguarda do Exército.

Exército Republicano

Tinha o mesmo sistema alimentar, ou seja, à base do gado vacum que transportavam e encontrado em abundância. Em Bagé, **“no saque dos armazéns abundantemente sortidos”**, o Exército Republicano se refez. Ao sair de Bagé, alimentou-se de ovelhas, galinhas e toda sorte de alimentos encontrados na região. Em São Gabriel, conseguiu outros reforços de alimentação nos armazéns locais.

Comentário: Não se pode dizer que algum dos Exércitos levasse desvantagem quanto à alimentação. As campanhas por onde cruzaram eram pródigas em gado vacum. Se desvantagem houve, foi relativamente às tropas do Exército do Sul, formada de alemães, pernambucanos, baianos, cariocas e paulistas que tiveram de aderir, por força das circunstâncias, ao que a região oferecia – churrasco. E a isso o Exército Republicano estava habituado. Ademais, em Bagé e São Gabriel, conseguiu suprir-se de gêneros essenciais.

N-Uniformes

Exército do Sul

O fardamento era feito nos arsenais do Rio e de Porto Alegre, sendo distribuídos com atraso. Havia muita improvisação: mistura de trajes civis, particularmente gaúchos, mais cômodos e apropriados. Segundo Siedler, tenente do 27º BC alemães:

“Os uniformes azuis que sua unidade recebeu no Rio, em menos de 4 semanas se tornaram cor de raposa, as

costuras se desfaziam e os sapatos, com toda a boa vontade, não era mais possível usá-los. Nem D. Pedro I podia obviar esta desordem e roubalheira.”

Watch Rodrigues estudou os uniformes dessa época e os reconstituiu na forma ideal, ou planejada. A realidade era bem diversa!

Exército Republicano

Segundo Antônio Díaz, havia grande falta de fardamento:

“O par de sapatos que a Infantaria havia recebido em Arroio Grande, havia se gastado após 8 dias de marcha. O restante da campanha foi realizado a pé.”

Comentário: Em ambos os exércitos, a situação foi ruim quanto a uniformes. Para o Republicano, longe de sua base de partida, parece ter sido pior.

O-Equipamento de campanha

Exército do Sul

Não foi uma só vez que o Marechal Barreto censurou publicamente os coronéis Felipe Néri, comandante do 5º RC (**Rio Pardo**) e Pereira Pinto, comandante do 4º RC (**Rio Grande**) durante a Campanha de Jaguarão, após Passo do Rosário:

“Sempre cá se faz a guerra sem cantis, barretinas e malas. Nada disso aqui serve, assim com a limpeza dos arreios, esporas, estribos e outras impertinências, senão para sobrecarregar e descontentar os soldados”.

O Coronel Felipe Néri, com suas impertinências conseguiu excelente desempenho de suas tropas em Passo do Rosário. O equipamento devia incluir a barraca, mas ela raramente existiu no Exército do Sul. O que era muitas vezes assim chamado, eram ramadas ou ranchos de capim. Se uma força devia passar algum tempo em algum lugar, surgiam verdadeiras aldeias de ranchos de palhas, que abrigavam a tropa do sol, da chuva e do frio.

Exército Republicano

O Coronel Paz referiu outra grande falta para a Infantaria:

“Era a de cantis (caramaíolas) para água, equipamento de todo importante para o Exército operando numa região deserta e de clima quente no verão.”

Comentário: As deficiências se equivaliam nos dois exércitos, mas eram consideradas normais.

P-Transportes (vide em conclusão do estudo)

CONCLUSÕES FINAIS

A-Quanto ao Terreno

A posição ocupada pelo Exército Republicano era contínua. Possuía no centro um contraforte da **coxilha do Olho d'Água**, dominando com vistas e fogos o centro da posição do Exército do Sul, formado por uma depressão que dissociava no centro a referida posição.

Era imprópria para ser ocupada por nossa Artilharia e Infantaria, por ser pobre em campos de Observação e Tiro. Por outro lado, a posição do Exército Republicano era superior taticamente nos seguintes aspectos:

1) Em Cobertas e Abrigos - razões:

- Existência, na contra-encosta do saliente da cota 133, de depressão junto à frente, coberta e abrigada, que seria usada para as montagens de ataques e contra-ataques de flanco, à base de Cavalaria.

- Vale da Sanga do Branquilha, escondido das vistas do Exército do Sul.

2) Em Observação e Campos de Tiro - razões:

- Maiores altitudes de sua posição, relativamente às do Exército do Sul.

- Existência de salientes no centro da posição (cota 133), dominando depressão central dissociadora da posição do Exército do Sul.

- Dominância de vistas e fogos de cota 144, sobre os caminhos que demandavam o Passo do Rosário e que nela se reuniam.

3) Em Acidentes Capitais - razões:

- Por serem em maior número e de menor grau de acessibilidade para o Exército do Sul, à base de Infantaria.

4) Em vias de Acesso - razões:

- Por possuir duas vias de acesso paralelas (Via 1 e Via 2), ideais para o máximo rendimento de sua superioridade em Cavalaria. Uma incidia sobre o flanco esquerdo da posição do Exército do Sul, e a outra, no centro deste, onde era dissociada pela depressão. Essas duas vias de acesso eram curtas, bem orientadas, possibilitavam impulsão às cargas de Cavalaria, sem interferirem no apoio de fogo de Artilharia. Foram usadas efetivamente na batalha.

- A melhor via de acesso para o Exército do Sul, à base de Infantaria, apesar de longa e mal orientada, era a Via-4 (Norte) desde que combinada com um ataque de fixação, através da Via-3. A utilizada efetivamente foi a Via-2, dominada por toda a posição adversária, atacando de cima para baixo e flanqueada, pelo norte, pela Artilharia, colocada maciçamente no saliente da contra-encosta dessa cota.

Acredita-se que, se o Exército do Sul tivesse ocupado a posição entre as cotas 129 e 152, ao norte da entrada para Cacequi, teria minimizado as vantagens táticas conferidas pelo Terreno ao Exército Republicano e tirado, inicialmente, numa defensiva e, após, numa ofensiva, as vantagens que a referida posição oferecia à sua superioridade em Infantaria.

Mas como o dispositivo inicial foi tomado na presunção de combater-se com uma pequena vanguarda, num ataque em larga frente, não houve tempo para a tomada do dispositivo ideal.

Por outro lado, se o Exército do Sul, ao constatar que todo o Exército Republicano se encontrava em posição à sua frente, tivesse retraído e adotado atitude defensiva em sua posição inicial, melhores seriam os resultados obtidos, particularmente, se articulasse a Brigada Bento Gonçalves na sua posição planejada anteriormente. Ou seja: à esquerda do Exército do Sul e os 560 civis do Marechal Abreu à direita, ocupando o vácuo deixado pela Brigada Bento Manuel.

B-Quanto às condições meteorológicas

O incêndio do Campo de Batalha e suas conseqüências (Acompanhar o Mapa 03).

Sobre a posição do Exército do Sul soprava o vento, ora do norte, ora do noroeste. Em conseqüência ela atuaria na batalha como valioso General **VENTO** do Exército Republicano. Durante a batalha, cavalariáos do Exército Republicano atearam fogo na frente, nos flancos e na retaguarda da posição na cota 135, defendida pela 2ª Divisão de Infantaria do General Callado. O fogo teve papel decisivo na retirada, à procura de melhores posições do Exército do Sul, por envolver a referida Divisão e os trens do Exército à sua retaguarda e ameaçar a 1ª Divisão de Infantaria do General Barreto.

Sobre o incêndio referiu Barbacena:

"Sendo o lugar falto de água e estando os pastos ardentes em chamas, o Exército fez sua retirada na direção que prometia maiores vantagens para ulteriores movimentos, por inútil continuar um combate que nenhuma probabilidade oferecia de bom resultado".

O General Callado, o maior atingido pelo incêndio dos pastos, fez a seguinte referência:

"Princípio a minha retirada a exemplo da 2ª Divisão, levando a minha Infantaria em quadrado... sustentado contínuo fogo contra meus perseguidores que haviam incendiado o pasto, sendo o nosso campo um vulcão que éramos obrigados a trilhar..."

Segundo o coronel argentino Antônio Diaz:

"O fogo posto às ervas, macegas e pastos secos, estimulados pelo vento norte dominante e aumentado pelos incêndios provocados por nossas tropas à retaguarda do inimigo durante a batalha e, após ela, na frente e flanco dos quadrados em retirada, havia se estendido por aqueles campos desertos, abarcando imensa extensão".

E prossegue em outro ponto:

"No meio daquele mar de chamas por todas as partes que formava o horizonte, viu-se às 20:00 horas, num pequeno recanto de campo não queimado, vários feridos brasileiros abandonados em marcha. Moviam-se penosamente de um lado para outro, procurando, em vão, livrarem-se do suplício lento com o qual o fogo os ameaçava. Naquelas circunstâncias não podíamos socorrê-los, pois as chamas que os rodeavam formavam uma barreira impenetrável".

Sobre o material deixado pelo Exército do Sul no campo de Batalha, Antônio Paz menciona:

“No dia 21 foi impossível recolher do campo de batalha armamentos e mais materiais deixados pelo Exército do Sul, em razão do incêndio haver devorado tudo o que era combustível na posição que ocupara durante a batalha do dia anterior, enquanto que a ocupada pelo Exército Republicano só o foi na sua frente, à altura do centro”.

A violência do fogo foi tanta junto à posição brasileira que, segundo observou Antônio Diaz, em 21 de fevereiro, no leito da **sanga do Barro Negro**, não atingida pela chamas, foram encontrados, em considerável número, cadáveres de bravos dos 2 exércitos, feridos na batalha que ali procuraram refúgio das chamas e vieram a morrer. Acredita-se que muitos morreram por asfixia.

Ferido por um golpe de lança, foi atingido pelo incêndio e após resgatado com grandes queimaduras, sob o efeito das quais morreria 10 anos após, o Alferes **Friedrich Wilhelm, Conde Von Hoonholtz**, pai de herói de nossa Marinha – o Barão de Tefé.

Como foi provado, o vento soprado em direção adversa ao Exército do Sul, em 20 fev. 1827, combinado com o incêndio ateado no campo de batalha, teve influência marcante. Esse fator **Imponderável de combate** foi motivo decisivo para Barbacena ordenar a Retirada do campo de batalha para evitar ser destruído pelos grandes generais, **Vento** e **Fogo** do Exército Republicano.

Referidas influências não têm sido analisadas e consideradas em profundidade. O fogo ateado à retaguarda do Exército do Sul iria favorecer a sua retirada, seja pelo obstáculo que ofereceu à perseguição, seja pela cortina de fumaça que o protegeu das vistas do inimigo.

C-Quanto à Missão

A missão do Exército Republicano era mais realista.

Na impossibilidade da travessia do Passo do Rosário de todo o Exército e, após, de oferecer combate a Barbacena na várzea contígua ao Passo, por imprópria para sua Cavalaria, decidiu, como única alternativa, contramarchar e tomar posição na coxilha do Olho d'Água, reconhecida na noite anterior, e ali oferecer batalha a Barbacena, caso este se apresentasse com essa disposição.

A missão do Exército do Sul era irreal, por calcada em falsas informações e na crença de que o Exército Republicano fugia em vergonhosa e precipitada fuga. Ou seja:

Atacar em dispositivo linear, em toda a frente, sem reserva e sem concurso da Brigada de Bento Manuel, a pequena retaguarda que, na **coxilha do Olho d'Água**, cobria a travessia em curso do Exército Republicano, no Passo do Rosário.

Disso resultaria a constatação de o Exército do Sul, após desfechado um ataque em toda a frente, de que todo o Exército Republicano o aguardava na **coxilha do Olho d'Água** com dois corpos do Exército em 1º Escalão e outro em 2º, ou reserva, e com toda a sua artilharia postada ao centro, em excelente posição.

Acredita-se, que, se Alvear tivesse desejado combater desde o princípio na **coxilha do Olho d'Água**, a teria ocupado, parcialmente, desde a noite de 19 Fev, evitando marchar até o Passo do Rosário e após contramarchar para a referida coxilha.

D- Quanto à situação dos dois Exércitos

- O Exército Republicano possuía cerca de 300 combatentes a mais que o do Sul e no dia da batalha cerca de 1.400, considerada a ausência da Brigada de Cavalaria Ligeira do Cel Bento Manuel Ribeiro. Sua Cavalaria, além de melhor qualificada, apresentava superioridade numérica de cerca de 540 sobre a do Sul. Na Batalha, com a ausência da Brigada de Bento Manuel, esse número elevou-se para cerca de 1.600 homens, ou uma superioridade de cerca de 28,5%. Essa característica era importante para uma batalha travada em local plano.

- O Exército do Sul era superior quantitativamente em Infantaria, em torno de 500 homens, cerca de 20% sobre o Republicano. Essa vantagem era importante para a batalha travada em terreno com características de serra. O Exército Republicano possuía 200 homens de Artilharia e 4 peças a mais que o do Sul.

- Alvear tinha mais experiência e conhecimentos em Arte e Ciência Militar do que Barbacena, inclusive experiência de guerra que o último não possuía.

As demais lideranças do Exército Republicano estavam mais bem preparadas e integradas com o seu Exército.

Possuíam mais experiência com o tipo de batalha clássica, adquirida nas campanhas dos Andes e do Peru e na própria Europa com Napoleão, na parte referente a alguns líderes militares franceses a serviço do Exército Republicano.

- No Exército Republicano a maioria dos soldados foi recrutada no ambiente fisiográfico onde se travaria a batalha, ao contrário do Exército do Sul, no qual a totalidade de sua Infantaria provinha do Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia. Eram estranhos à área o 1º Regimento de Cavalaria-Rio, o 3º Regimento de Cavalaria-SP e dois esquadrões, um do Rio e outro da Bahia.

A Artilharia em sua totalidade provinha do Rio de Janeiro e parte da Ilha de Santa Catarina, onde guarneciam seus velhos fortes. A maior parte dessas tropas não tinha experiência em lutas externas.

- Quanto à instrução, Alvear dispôs de 6 meses antes da batalha para ministrá-la. Barbacena dispôs somente de 40 dias desde que assumiu o comando, ocasião em que encontrou, em Santana, o Exército nas piores condições. Somente 15 dias antes da batalha foi que dispôs de todo ele reunido. Nesse item residiu um ponto forte do Exército Republicano e uma grande deficiência do Sul.

- Havia maior rigidez disciplinar no Exército Republicano. Nele os crimes de deserção eram punidos com fuzilamento ou degola, após julgamento sumário e verbal em campanha.

No Exército do Sul, a punição do desertor exigia processo formal e se fazia na forma de 60 chibatadas e 160 para os reincidentes.

O processo do desertor era um incentivo à deserção, pois, por tão numerosas, era impossível processar todos.

- O moral do Exército Republicano era bom. Tudo indica que havia convicção na justiça de causa pela qual lutavam, a independência, como República, do último povo com língua espanhola da América do Sul. O moral do Exército do Sul não era bom em conjunto, pelas seguintes razões:

a) Sacrifícios e privações passadas na desastrosa concentração do Exército em Santana, fruto de desinteligência entre o Presidente da Província e o Governador das Armas.

b) Impopularidade da luta no Brasil. Falta de apoio popular dos rio-grandenses até que o invasor penetrasse em seu território.

c) Rivalidade entre oficiais brasileiros e portugueses que foram incorporados ao Exército após a Independência.

d) Idéias republicanas difundidas, a partir de Buenos Aires, entre lideranças militares do Rio Grande, pela maçonaria vermelha.

e) Disputas entre a Assembléia e o Imperador, para o controle e emprego das tropas.

f) Murmurações, no seio das milícias e rio-grandenses, contra Barbacena, tornando-o injustamente impopular.

Durante a batalha, as tropas da 1ª linha se comportaram com grande bravura, registrando-se deserções entre as tropas milicianas, como o 24º RC de Milícias das Missões, responsável pelo recorde em baixas fatais verificadas no 1º Regimento de Cavalaria, atuais Dragões de Independência de Brasília, então sob o comando do bravo coronel João Egídio Calmon. O 24º RC das Missões, posteriormente, nos Sete Povos, aderiu à efêmera República lá proclamada por ocasião da invasão de Rivera.

- No dia da batalha, o Exército Republicano dispôs de cerca de 2 a 3 cavalos por homem, enquanto, no do Sul, essa proporção girou em torno de 1,8 cavalos por homem.

- Para o exército invasor foi mais fácil a requisição de cavalos em nosso território do que para o do Sul.

Alvear, ao iniciar sua marcha desde o Arroio Grande, dispôs de cerca de 50.000 cavalos. Barbacena, ao contrário, ao assumir o comando em Santana declarou haver recebido cerca de 15.000 cavalos, dos quais somente 18 em condições de serviço.

O Marechal Abreu com seus 560 civis mal montados, em razão de seus cavalos terem se extenuado numa semana da ação intensa na vanguarda e não ter sido possível a sua substituição no dia da batalha, teve seu triste fim na avalanche de cavalarianos do Lavalleja, em razão da sua cavallhada não ter força nem para escapar do golpe desferido.

- O Sistema de Informação do Exército do Sul, até a junção com Brown nas serra do Camaquã, mostrou-se mais eficiente que o do Republicano. Conseguiu definir as intenções e os objetivos deste. A isso se deve o magnífico trabalho de cobertura realizado pela 2ª Brigada de Bento Gonçalves. Após, conseqüência da euforia resultante da falsa impressão, não-confirmada, de que o Exército Republicano fugia vergonhosa e precipitadamente para além do Santa Maria, a procura de informações sobre ele foi relaxada. **Aqui residiu a maior vulnerabilidade do Exército do Sul e o fator responsável pela surpresa** do dia 20 Fev 1827, ao defrontar-se, nas coxilhas adjacentes ao Passo do Rosário, com menos uma de suas importantes

peças de manobra, com todo o Exército Republicano, e tudo com base em informações fornecidas pela 1ª Brigada de Cavalaria Ligeira sob o comando do Coronel Bento Manuel Ribeiro, na vanguarda: Ou seja:

1º) Em 19 Fev atravessando o passo S. Simão, a montante do Passo do Rosário;

2º) Em 20 Fev, pouco antes da batalha, atravessando precipitadamente o Passo do Rosário, sob a proteção de uma pequena cobertura na **coxilha do Olho d'Água**.

O Exército Republicano, ao contrário, a partir de São Gabriel, protegido pela cortina proporcionada pela retaguarda sob o comando da Lavalleja, por um enxame de patrulhas em torno do grosso e por uma flancoguarda ao comando de Mansilla, conseguiu mascarar seus movimentos e objetivos, iludir o coronel Bento Manuel Ribeiro de seus objetivos reais e manter-se informado de todos os movimentos do Exército do Sul, em seu encalço.

Essa, lamentavelmente, é a realidade dos fatos. Que dela se retire preciosa lição.

- Quanto ao armamento e munições, equivaliam-se quantitativa e qualitativamente nos dois exércitos. O Republicano tinha uma ligeira vantagem no sentido de possuir dois regimentos de Cavalaria de 1ª linha, dispondo de couraças e armados de clavinas e espadas.

A Artilharia do Exército do Sul recebeu seu comandante poucos dias antes, e o terreno foi-lhe adverso, impedindo-a de ser usada concentradamente. Distinguiu-se sobremaneira na batalha, no comando de duas peças, o então Tenente Emílio Luiz Mallet, grande herói de nossas lutas no Sul e atual Patrono da Artilharia do Exército.

Quanto ao apoio de Engenharia, este era improvisado. O Exército do Sul revelou ser maior com o uso de cabos guia de couro sovado e pelotas de couro cru.

Venceu com galhardia o rio Camaquã-Chico e interpôs este aos dois exércitos, assegurou condições para a junção de Barbacena com Brown nas serras do Camaquã, a salvo de interferência do Exército Republicano.

Já o Exército Republicano, ao defrontar-se com o rio Santa Maria, não teve condições de transpor sua Infantaria e Trens. Esse fato o obrigou a contramarchar e oferecer batalha em condições não ideais, surpreendendo, desse modo, o Exército do Sul.

Quanto a alimentação, uniforme e equipamentos, os dois exércitos não apresentavam diferenças notáveis. Quanto a

transportes, o Exército Republicano possuía muitos carros apropriados, ao contrário do Exército do Sul, que dispunha de carretas civis, com eixos de madeira, que eram muito lentas, com reflexos negativos na mobilidade do Exército.

Ensinamentos

Os estudos futuros da Batalha do Passo do Rosário deverão levar em conta todos os elementos adversos resultantes do presente estudo dos fatores de decisão.

Apesar de tudo, a maior parte de nossas tropas e chefes comportaram-se com honra, bravura e grande valor, durante 6 longas horas de combates conforme testemunham as partes de combate e o elevado número de baixas em ambos os Exércitos.

E como fato novo a determinar a retirada do Exército do Sul do campo de batalha, registre-se o efeito do incêndio, avivado por ventos adversos, o qual, após 6 horas do início da retirada, envolveu quase toda a posição que o Exército do Sul ocupara anteriormente.

O Exército do Sul que lutou em Passo do Rosário foi o resultado de uma improvisação para uma emergência. Constituiu-se numa mistura de tropas de linha, vindas de fora do Rio Grande, milicianas gaúchas e estrangeiras contratadas, e de civis. O Exército Brasileiro participou com 56% do seu efetivo.

Essa improvisação era o resultado das atitudes hostis e antimilitaristas de lideranças de segmentos influentes da Sociedade Brasileira, logo após a Independência, adeptos das **"políticas de erradicação"** do Exército e da Marinha, partindo das seguintes premissas:

"Forças Armadas numerosas e permanentes são uma ameaça:

- À liberdade
- À democracia
- À prosperidade econômica
- À paz."

No esforço de constitucionalizar-se a monarquia em 1823, três anos antes de Passo do Rosário, projeto nesse sentido procurava reduzir o Exército à posição mais insignificante, confiná-lo nas

fronteiras e no litoral para segurança externa, afastá-lo dos centros de decisões políticas e descentralizar o seu controle entre a Assembléia Legislativa e os Presidentes de Província.

Os últimos possuíam capacidade presumida, auxiliados por milícias encarregadas da segurança interna, de neutralizar qualquer ação do Exército, em caso grave de conflitos entre poderes, e de tentar recompor, no Executivo ou no Imperador, a Unidade Nacional ameaçada (2).

A abdicação de D. Pedro I forneceu os argumentos para aquelas mesmas lideranças, 4 anos após Passo do Rosário, para erradicar o Exército, sob a acusação de indisciplina que elas próprias fomentaram, criar uma Guarda Nacional mais forte que o Exército e servir a interesses menores de grupos, se comparados com o interesse nacional.

Para adeptos influentes da erradicação do Exército, no 1º Império, isso significava desarmar o Poder Central ou o Imperador, para que não viesse a usar a força contra movimentos de autonomia regionais e tentativas de subverter o regime monárquico.

O ciclo revolucionário 1831-1841, em que a Unidade Nacional foi seriamente ameaçada, foi uma conseqüência da malfadada política de erradicação do Exército que, assumindo formas claras ou sutis, perdurou por mais de um século e ainda perdura.

Daí pode-se tirar o seguinte ensinamento da História, como mestra das mestras:

A expressão militar do Poder Nacional não pode ser improvisada. Ela exige um esforço de toda Sociedade, como o seu braço armado no sentido de bem organizá-la, equipá-la, motivá-la e adestrá-la. Enfim uma Doutrina Militar dinâmica que assegure o seu eficiente emprego e, sobretudo, resultados positivos.

O salto da evolução operacional do desempenho de nosso Exército em Canudos e na Itália demonstra, por si só, o valor de uma Doutrina Militar e o esforço meritório de todos que participaram da Reforma Militar no Brasil 1898-1945, que promoveu essa notável evolução do Exército Brasileiro.

Barbacena, ao acreditar que "**Alvear fugia em vergonha e precipitada fuga**" contrariou o seguinte princípio das Informações Militares:

"Resistir a ser influenciado por um clima de opinião generalizada sobre as intenções do inimigo".

Em data mais recente, a sua inobservância foi responsável por grandes surpresas militares da História. Exemplos:

Ataque japonês a Pearl Harbour, Intervenção da China na Coreia-1950 e contra-ofensiva nazista pelas Ardenas, quase ao final da II Guerra.

No Brasil, o envolvimento através do Chaco das forças paraguaias que guarneciam a linha fortificada do Piquicirí e a retomada de Corumbá aos paraguaios por atacá-los na hora da sesta, são exemplos de surpresa militar.

(2) Com apoio em COELHO, Edmundo Campos. **Em busca de identidade: O Exército e a política na Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Forense, 1976.

3ª Parte

**O Anjo da Vitória
Marechal José de Abreu**

O ANJO DA VITÓRIA - MARECHAL JOSÉ DE ABREU

A atuação intrépida e legendária do Marechal José de Abreu nas guerras contra Artigas, em 1816 e 1821, e a sua morte trágica e heróica em Passo do Rosário, em 20 Fev 1827, impressionaram por longos anos os gaúchos e distraíram muitas noites de rodas de galpão.

O Capitão da Guarda Nacional, J. Simões Lopes Neto, assim colheu a versão popular, na tradição gaúcha, da Batalha do Passo do Rosário e a figura de José de Abreu, o Anjo da Vitória, que ele imortalizou entre os tradicionalistas gaúchos com muita veracidade histórica no conto O Anjo da Vitória, em seu livro **Contos e Lendas do Sul**, Porto Alegre (1949). Li essa obra com emoção como aluno do 1º Científico do Colégio Gonzaga, em Pelotas, onde tive por professor de Literatura o hoje consagrado historiador dos lassalistas, Irmão Jacob José Parmagnani (Ex-irmão Benildo Amadeu). E escreveu J. Simões Lopes Neto (3):

“Foi depois da batalha de Ituzaingô, no Passo do Rosário, prá lá de São Gabriel, do outro lado do banhado Inhatium. Você não sabe o que é inhatium ? É mosquito: bem posto nome!

Banhado de Inhatium... Vige Nossa Senhora!...mosquito, aí, fumaceira, no ar!

Eu era gurizote: teria, o muito, uns dez anos; e andava na companhia do meu padrinho, que era capitão, para carregar os seus **pequelos** e os **avios** do chimarrão.

As coisas da **peleia** não sei, porque era menino e não guardava conversa dos grandes; o que eu queria era **haraganejar**; mas, se bem me lembro, o meu padrinho dizia que nós estávamos mal acampados, e **estransilhados**, pensando **culatrear** o inimigo, mas que este é que nos estava nos **garrões**; não havia **bombeiros** nem ordem, que o exército vinha num **berzabum**, e que o general que mandava tudo, que era um tal Barbacena, não passava de um **presilha**, que por andar um dia a cavalo já tinha que tomar banhos de salmoura e esfregar as assaduras com sebo...

O meu padrinho era um gaúcho mui **sorro** e acostumado na guerra, desde o tempo das Missões, e que mesmo dormindo estava com meio ouvido, escutando, e meio olho, vendo...; mesmo

ressonando não desgrudava pelo menos dois dedos dos copos da **serpentina...**

Num escurecer enquanto pelo acampamento soldados carneavam e outros tocavam viola e cantavam, ou dormiam ou **charlavam**, o que sei é que nesse escurecer o meu padrinho mandou pegar os nossos cavalos; e encilhamos até a **cincha**; e depois nos deitamos nos pelegos, com os pingos pelas rédeas, maneados: ele armado mateando; eu, enroscadito no meu **bichará**, e o ordenança, que era um **chirú** ombrudo, chamado Hilarião, **pitando**.

Eu, como criança, peguei logo a cochilar.

Amigo! Vancê creia; o coração às vezes, trepa, dentro da gente, o mesmo que **jaguarica** por uma árvore acima !...

Lá pelas tantas, ouviu-se cornetas e clarins e rufos de caixa..., mas o som dos toques andava ainda galopeando dentro do silêncio da noite quando desabou em cima de nós a **castelhanada**, a gritos e já nos foi fumegando bala e bala !...

Numa arrancada dessas é que o coração trepa, dentro da gente, como o gato...

- Desmaneia e monta! gritou o meu padrinho; ele que falava, eu e o chirú já estávamos enforquilhados nas garras.

E por entre as barracas e ramadas; por entre os fogões meio apagados, onde ainda havia fincados espetos com restos de churrasco; por entre as carretas e as pontas de bois mansos e lotes de **reíúnos**; no lusco-fusco da madrugada, com uma cerraçãozita o quanto-quanto; por entre toques e ordens e chamados, e a choradeira do **chinarredo** e o vozerio do comércio, já no cheiro da pólvora, e em cima dos primeiros feridos, formou-se o entrevero dos atacantes e dos dormilhões.

E cantou o ferro...e choveu bala !...

O meu padrinho levantou na rédea o azulego, e de espada em punho, o chirú, com uma lança de meia-lua - e eu entre os dois, enroscadito no meu bichará - nos botamos ao grosso do rodaminho, para abrir caminho ao quartel-general do dito Barbacena.

Como lá chegamos, não sei!

A espada do meu padrinho estava torcida como um cipó, e vermelha, e o **azulego** tinha uns quantos lanhos na anca; o Hilarião tinha um corte de cima a baixo na japona, e eu levei um lanço, que por sorte pegou no malote do poncho.

Mas **varamos**.

2002 - 175 Anos da Batalha do Passo do Rosário

No quartel do Barbacena ninguém se entedia.

A oficialada espumava, de raiva, e um **cutuba**, baixote, já velho, botava e tirava o boné e metia as unhas na calva, furioso, de raiar sangue!...

Esse, era um tal General Abreu..., valente como as armas, guapo como um leão ... que a gauchada daquele tempo - e que era **torenada macote** ! - batizou e chamava de - Anjo da Vitória!

Esse, o cavalo dele não dava de rédea para trás, não! Esse, quando havia fome, apertava o cinto, com outros e ria-se!

Esse, dormia como quero-quero, farejava como cervo e rastreava como índio ...; esse, quando carregava, era como um **ventarrão**, abrindo claros num matagal.

Com êsse ... castelhano se **desguaritava** por essas coxilhas o mesmo que **bandada de nhandu**, corrida a **tiros de bolas**!...

Era o Anjo da Vitória, êsse!

Dáí a pouco apareceu um novo oficial, mocetão bonito, que era coronel. Este chamava-se Bento Gonçalves, que depois foi meu general, nos farrapos.

Os dois se conversaram, apalavraram os outros e tudo e montaram para rumos diferentes. No acampamento estrondeava a briga. Já tinha amanhecido.

Eu andava colado ao meu padrinho, como carrapato em costela de **novilho**. Por onde ele andou, andei eu, passou, passei; carregava fazia cara-volta, eu também.

Naquelas correrias, o meu **bicharózito**, às vêzes, enchia-se de vento, e voava, e batia aberto, que nem bandeira cinzenta...

O Coronel Bento Gonçalves formando a Cavalaria, agüentava como uma **taura** as cargas dos inimigo, para ir entretendo, e dar tempo à nossa gente de quadrar-se, unida.

Os castelhanos, mui ardilosos, logo que aqueitou o sol tocaram fogo nos macegais onde estava o **carretame**; o vento ajudou, e enquanto êles **carcheavam** o seu gosto, uma fumaça braba tapou tudo, do nosso lado !

Então o General Abreu no alto do coxilhão formou os seus esquadrões: o meu padrinho comandava um dêles.

Formou, fez uma fala à gente e carregou, ele na frente, montado num tordilho, salino, ressolhador.

Oh! Velho temerário! Firme nos estribos, com o boné levantado sôbre o cocuruto da cabeça, a espada apontada com um dedo, faiscando, o velhito ponteou aquela tormenta, que se despenhou pelo **lançante** abaixo e afudeou-se e entranhou-se na massa cerrada do

inimigo, como uma cunha de nhanduvai abrindo em dois um moirão grosso de guajuvira... E deixando uma estiva de estrompados, de mortos, de **atarantados**, de feridos e **morrentes** - como quando rufa um rodeio xucro... vancê já viu? - Varou para o outro lado, mandou fazer - alto, cara - volta! - e mal que reformou os esquadrões, os homens **charlando** e rindo, a cavalhada, de venta aberta, bufando ao faro do sangue e trocando orelhas, pelo alarido, o velho já se **bancou** outra vez na testa, gritou - Viva o Imperador! - e mandou - Carrega! E a tormenta da valentia rolou, outra vez, sobre o campo.

Mas nesta hora, a fumaça maldita nos rodeava e cegava; e mal íamos dando lance à carga - eu **folheirito**, abanando no mais o meu bichará prá o Hilarião - rebentou na vanguarda e num flanco a fuzilaria, e vieram as baioneta... e uma **columbrina**, que nos tiroteavam donde não podia ser !....

A nossa Cavalaria se enrodilhou toda, fazendo uma **enrascada** de mil diabos... e enquanto o tiroteio nos estraçalhava, que os ginetes e os cavalos caíam, varados, e que, por fim, os próprios esquadrões já iam **rusgando** uns com os outros - aí, amigo andei eu ás **pechadas** ! - Enquanto isso ... veio uma rajada forte de vento, que varreu a fumaça, limpou a vista de todos e mostrou que era a nossa Infantaria que nos tinha feito aquela desgraça....

Então, por cima dos mortos e dos feridos houve um silêncio grande, de raiva e de pena... como de quem pede perdão, calado... ou de quem chora de saudade, baixinho...

Lá longe, os castelhanos, enganados, tocaram a retirada. O nosso quartel general também tocou a retirada.

Pegou a debandada; dispersava-se a gente por todos os lados, aos punhados, botando fora das perdeneiras, as patronas; muitos **sotretas** fugiram de cambulhada com o **chinarío**....

Metade de batalhões **arrinconavam-se**, outras encordoavam marcha.

Os ajudantes galopavam conduzindo ordens... mas parecia que toda a força ia fugindo duma batalha perdida, que não era, porque tudo aquilo era da indisciplina, somente.

O Anjo da Vitória lá ficou, onde era a frente dos seus esquadrões, crivados de balas, morto, e ainda segurando a espada, agora quebrada.

Campeei o padrinho: morto, também, caído ao lado do azulego, arreventado nas paletas por tiro de peça; ali junto apertando

ainda a lança, tôda lascada, estrebuchava o Hilarião, sem dar acordo, **aiando**, só **aiando** ...

Deitado sobre o pescoço do cavalo, comecei a chorar.

Peguei a chamar: Padrinho! Padrinho! Hilarião! Meu padrinho!

Apeei-me, vim me chegando e chamando – padrinho!... padrinho!... e tomei-lhe a bênção, na mão, já fria... puxei na manga do chirú, que já nem bulia...

Sem querer fiquei vendo as forças que iam-se movendo e se distanciando... e num tirão, quando ia montar de novo, sem saber pra quê... foi que vi que estava sozinho, abandonado, **gaudério** e guacho, sem ninguém para me cuidar!

Foi então que, sem saber como, já de a cavalo, enquanto sem eu sentir as lágrimas caíam-me e rolavam sobre o bichará, os olhos se me plantaram sobre o tordilho salino... sobre o coto da espada... sobre um boné galoado...

E o cabelo me cresceu e fiquei de chorá parado... e ouvi, patentemente, ouvi bem ouvido, o velho macota, O Anjo da Vitória, morto como estava, gritar ainda forte - Viva o Imperador! Carrega!

O meu bicharázito se empantufou de vento, desdobrou-se, batendo como umas asas... **o mancarrão** bufou, recuando, assustado... e quando dei por mim, andava **enancado** num lote de fujões...

Comi do ruim... Vê vancê que eu era guri e já corria mundo..."

(3) Para melhor entendimento geral do texto damos a seguir o significado regionalista gaúcho das palavras em negrito usadas pelo autor:

Peçuelos: mala de garupa ou alforges; **Avios**: chaleira, cuia de chimarrão, faca etc.; **Peleia**: briga, luta; **Haraganear**: cavalgar sem destino certo; **Estranzilhados**: cansados, estafados; **Culatrear**: andar na retaguarda do inimigo; **Garrões**: andar nos calcanhares ou perto de alguém; **Bombeiro**: espião, informante, aquele que observa os movimentos do inimigo; **Berzabum**: confusão, balbúrdia, tumulto; **Presilha**: aquele que anda agarrado a alguém, como a presilha do laço junto ao laçador; **Sorro**: pessoa manhosa, esperta, astuta; **Serpentina**: espada; **Charlar**: conversar; **Cincha**: cinta que prende os arreios a barriga do cavalo; **Bichará**: Poncho artesanal feito de lã de ovelha; **Chirú**: caboclo, índio, companheiro; **Pitando**: fumando; **Jaguarica**: gato do mato; **Castelhanos**: espanhóis e descendentes na Bacia do Prata; **Reiúnos**: cavalos pertencentes ao Governo, ou tudo que é propriedade do Governo; **Chinaredo**: mulheres da vida que acompanhavam os exércitos em campanha; **Dormilões**: que acordaram fora da hora; **Azulego**: pêlo de cavalo; **Varamos**: atravessamos; **Cutuba**: forte, valente, destemido; **Torenada macote**: soldadesca das mais testemidas; **Ventarrão**: vento muito forte; **Desguaritava**: desgarrava-se ou se extraviava do seu Exército; **Bandada de nhandu**: Bando de avestruzes; **Tiro de bolas**: usar boleadeiras; **Novilho**: um boi jovem ou tourito; **Bicharázito**: um ponche de lã para menino; **Taura**: valente, bravo, destemido; **Carretame**: carretas do Exército; **Carcheavam**: roubavam, pilhavam, saqueavam;

Ressolhador: olhos sensíveis luz forte do sol; **Lançante:** descida; **Atarantado:** confuso, tonto; **Morrentes:** agonizantes; **Chalrando:** falando; **Bancou:** assumiu o comando; **Folheirito:** despreocupado, alegre; **Columbrina:** arma de fogo; **Enrascada:** confusão; **Pechadas:** esbarrões com os inimigos; **Sotretas:** pessoas de pouco mérito e conceito ou ruins; **Chinario:** conjunto das prostitutas ou chinas; **Arrinconar-se:** estacionar, Acantonar; **Aiando:** se lamentando de dor; **Campeei:** de campear, procurar no meio do campo; **Gaudério:** Pessoa de vida errante sem atividade fixa; **Mancarrão:** cavalo manco ou claudicante; **Enancado:** andar atrás de um grupo a cavalo, ou perto das ancas dos mesmos.

Mal José de Abreu e Barão do Serro Largo (1775-1827)

Nasceu em Povo Novo - Rio Grande, em território então ocupado pela Espanha de 1763-1776.

Ingressou como soldado no Regimento de Dragões do Rio Grande em Rio Pardo/RS -" A tranqueira invicta!"

Em 14 Nov 1802, depois de haver participado da guerra de 1801, foi promovido a Alferes de Dragões e porta-bandeira do Regimento.

Em 20 Jul 1811, foi promovido a capitão graduado e em 20 Jan 1813, promovido a Ten Cel, foi nomeado comandante do Regimento de Milícias de Guaranis do Distrito Militar dos Sete Povos das Missões que fora incorporado a Portugal em 1801. Tomou parte destacada nos Sete Povos das Missões da Campanha Pacificadora da Banda Oriental em 1812.

Em 19 Ago 1819, foi promovido a Brigadeiro (Gen Bda) por sua atuação destacada e valorosa na Guerra contra Artigas, de 1816. Ele exercia desde 1814 o comando militar do Distrito de Entre Rios, situado entre os rios Uruguai, Ibicuí, Santa Maria e Quaraí, onde hoje se situam os municípios de Santana, Quaraí, Uruguaiana, Alegrete e parte de Rosário do Sul.

A incorporação deste território de Portugal muito está a dever à sua atuação militar ali na Campanha Pacificadora da Banda Oriental, em 1812, e nas Guerras contra Artigas 1816-17 e 1820-21. Sua intrépida atuação nessas duas guerras como comandante legendário de Cavalaria lhe valeram a promoção a marechal graduado em 1º Mar 1820 e, em 12 Out 1824, a marechal de campo efetivo (atualmente, general-de-divisão).

Proclamada a nossa Independência, ele foi nomeado Governador das Armas da Província do Rio Grande do Sul (atual 3ª

RM) onde foi alcançado pela Guerra Cisplatina, 1825-1828, tendo comandado sem sucesso uma invasão ao atual Uruguai, numa conjuntura extremamente adversa para o Brasil.

Destituído do comando, caiu em desgraça.

Em 1827, à frente de civis que recrutara em cima da Serra- no Rio Grande do Sul, participou da Batalha do Passo do Rosário, guarnecendo com sua cavalaria cansada e seus paisanos mal armados o flanco esquerdo do Exército do Sul, por onde os argentinos e uruguaios conduziram o Ataque Principal a base de Cavalaria.

E ele tombou morto, vítima dos tiros da Divisão Brasileira do Gen Callado contra o qual a sua fraca tropa foi jogada e, assim, vítima do fogo cruzado entre os infantes brasileiros e os cavaleiros uruguaios.

Sua morte heróica comoveu o Brasil. O seu maior admirador foi o Barão do Rio Branco, que o biografou, circunstância que lhe abriu muito jovem as portas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Seu corpo foi enterrado no próprio campo de batalha onde ele tombou como um bravo. E ali ele até hoje é lembrado em monumento erigido em sua memória. Estudou-o também Francisco de Paula Cidade, na obra **Dois ensaios de História**, Rio de Janeiro: Forense, 1976.

LISTA PARCIAL DAS PRINCIPAIS FONTES BRASILEIRAS, ARGENTINAS E URUGUAIAS SOBRE A BATALHA DO PASSO DO ROSÁRIO OU ITUZAINGÔ (20 FEV 77)

[Relacionadas pelo autor e publicadas em seu livro **Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro**. Brasília: EME/EGGCF, 1978, 1ª Ed. (Apêndice 2) e 2000, 2ª Ed. (Apêndice 3) e complementadas com os números 100 a 103].

FprA: Fonte primária argentina.

FPrB: Fonte primária brasileira.

1. ANDRÉA, Francisco José Soares de, Gen. Respostas ao Questionário do IHGB, em 17 Ago 1854. **RMB**, Nº 3 e 4, 1924. p.450.

2. ANDRÉA, Francisco José Soares de, Gen. Parte de Combate da Batalha do Passo do Rosário como Ajudante - General do Exército do Sul; in: FRAGOSO. A Batalha; 2ª ed. p. 412-413 - (**FPrB**).

3. AZEVEDO, Walfrido, Maj. Guerra Cisplatina. **DN**, Nº 596.
4. AGUIAR, Antônio Augusto de. **A Vida do Marquês de Barbacena**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1896 (Contém muitas fontes primárias sobre a Batalha).
5. ALVEAR, Carlos Maria. **Exposición que hace el General Alvear, para Contestar el Mensaje de el Gobierno de 14 Set 1827**. Buenos Aires: Imprensa Argentina, 1827 - (**FPrA**).
6. (____). Exposición que Hace el General Alvear..., Buenos Aires: Luiz Bernardes, 1903 (Edição Biblioteca del Oficial, anotada por BEVERINA, Juan, Ten Cel) - (**FPrA**).
7. (____). Parte da Batalha de Passo do Rosário; in: FRAGOSO. **A Batalha**, 2ª ed, p. 419-420 e in: FREJEIRO, **Batalha de Ituzaingô** (**FPrA**).
8. BALDRICH, J. Amadeu, Ten Cel. História da 1ª Guerra del Brasil. Buenos Aires: Imprensa La Harlem, 1905 (**FPrA**).
9. BARBACENA. Marquês de. Cartas ao Cel Bento Manoel Ribeiro de 11 Jan, 10, 12, 13, 26, 27 Fev e 9 e 11 Mar 1827. **RMB**. Jan/Jun, 1924, p. 145-152 (**FPrB**).
10. (____). Ofício ao Presidente do Rio Grande do Sul sobre a Batalha do Passo do Rosário. **RMB**, Jul/Dez 1824, p. 443-464 (**FPrB**).
11. (____). Partes de Combate Nº 1 e 2 da Batalha do Passo do Rosário ao Ministro da Guerra; in: FRAGOSO. **A Batalha**, 2ª ed. p. 405-408 (**FPrB**).
12. (____). Ordem do Dia sobre a Batalha do Passo do Rosário; in: FRAGOSO. **A Batalha**, 2ª ed. p. 409-410 (**FPrB**).
13. BARRETO, Abeillard. **Bibliografia Rio-Grandense do Sul**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1973, (v1) e 1976 (v2). 2v.

14. BEVERINA, Juan, Cel. **La Guerra Contra el Império do Brasil**. Buenos Aires: Ed. Biblioteca del Oficial, 1927. p. 231, 341, 342 e 346, (Referências a (**FPrA**)).
15. (____). La Guerra Contra el Império del Brasil. Buenos Aires:Taller. Gráfico de Luiz Bernard, 1927, 2v.
16. (____). Batalha de Ituzaingô. **La Nación**. Buenos Aires: 16Set 1923.
17. BENTO, Cláudio Moreira, Ten Cel. **Estrangeiros e Descendentes na História Militar do RGS**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1976.
18. (____). Ten Cel. Uma Testemunha dos Grandes Momentos de nossa História. **RMB**, Nº 1 e 2, Jan/Jun 72. p. 105-111.
19. BOESCHE, Eduardo Theodoro. **Quadros Alternados**. São Paulo: Tip. Casa Garraux, 1929 (Tradução de QUEIRÓZ, Vicente de Souza e prefácio de TAUNAY, Affonso de E.). (**FPrB**).
20. BRANDSEN, Cel. Diário de Campanha; in: FREJEIRO, **La Batalha de....**p. 247; (Brandsen morreu em ação nesta Batalha) (**FPrB**).
21. BRITO, Antônio Elisiário de Miranda, Ten Cel. Parte da Batalha do Passo do Rosário, como Quartel-Mestre-General; in: FRAGOSO, **A Batalha**, 2ª ed.p. 412-415 e em TITARA, Memórias, 2ª ed (**FPrB**).
22. BROWN, Gustavo Henrique, Mal. Parte de Combate da Batalha do Passo do Rosário, do Chefe do EM do Exército do Sul; **in**: FRAGOSO, **A Batalha**, 2ª ed. p. 410-214 e in: AGUIAR. A Vida (**FPrB**).
23. (____). Mal. Defesa e relatório perante o Conselho de Guerra. **RIHGRGS**, 1926 I e II Trim. p. 197-294 (**FPrB**).
24. CALADO, João Crisóstomo, Gen. Parte de Combate sobre a Batalha do Passo do Rosário, como Comandante da 2ª Divisão de Infantaria, in: TITARA, **Memórias**. FRAGOSO, **A Batalha**. p. 416-418 e CIDADE, **Dois Ensaios**, p. 156-157 (**FPrB**).

25. CARNEIRO, David. **História da Guerra Cisplatina**. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1940.
26. CAXIAS, Marquês de. Resposta ao Questionário do IHGB sobre a Batalha do Passo do Rosário. RIHGRGS, I e II trim 1857. p. 327-334. (Caxias não assistiu a Batalha, mas ouviu muitas testemunhos sobre a mesma). (Publicada na **DN**, 777, 1997 pelo autor).
27. CARVALHO, Elysio. **Os Bastiões da Nacionalidade**. Rio de Janeiro: Almanaque Laemmert, 1922.
28. CIDADE, F. de Paula, Gen. **O Centenário da Batalha do Passo do Rosário**. 20 Fev 1927. **DN** Nº 12, p. 60-62.
29. (____). Gen. **O Soldado de 1827**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1827. Estuda o perfil sociológico e psicológico do soldado brasileiro em Passo do Rosário. (**FPrB**).
30. (____) O Marquês de Barbacena e as Promoções no seu Tempo. **DN** Nº 159, 1927, p. 83-84 (**FPrB**).
31. (____). Uma Brigada de Cavalaria na Cobertura. **RMB**, Out/Dez 1930. p. 5-58 (Brigada Bento Manoel).
32. (____). **Lutas ao Sul do Brasil com Espanhóis e seus descendentes**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1948, p. 215-323.
33. (____). **Síntese de Três Séculos de Literatura Militar Brasileira**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1959. (Ver referências p. 107-117-130-108-110-270-372-447-374-388- 563-395 e 509).
34. (____). **Dois Ensaios de História**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1966 (Biografia do Mal José de Abreu).
35. CORREIA NETO, Jonas, Maj. Batalha do Passo do Rosário. **RIGHMB** Nº41, p. 101-114.
36. CRUZ, Alcides. O Campo de Batalha de Ituzaingô. **Boletim do EME**. Nº 3, março 1916, p. 169-175.

37. CUNHA, Euclides da. **A Margem da História**. Porto: Liv. Chardron, 1909, p.300.
38. DANIEL, Alejandro, Maj. Autobiografia. **Revista Nacional**, Nº 27, 1888, p.49 (F Pr A - Depoimento).
39. DEIRÓ, Eunápio. História da Campanha do Sul, em 1827. Batalha de Ituzaingô. **RIHGB**, 1886, p. 289-544.
40. DIAS, Eduardo Azevedo. Épocas Militares de los Países del Plata. s/1, s/ede. s/d. (Referência de FRAGOSO, **in**: A Batalha).
41. DIAS, Antônio, Gen. **in**: DIAS, Épocas Militares de los Países del Plata. (Referência **in**: FRAGOSO. **A Batalha**) (**FPrA**).
42. (____). Diário **La Nacion**, Buenos Aires: 20 Fev 1892. (**FPrA**).
43. DOCCA, E. F. Souza, Maj. Mal Bento Manoel Ribeiro. **Boletim Mensal do EME**, Abr/Set, 1923, p. 355-371.
44. ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. Guerra Cisplatina. **Boletim Mensal do EME**, Dez 1912 e Mar, Ago e Dez 1913, e Mar e Jul 1914. (Contém **FPrB**).
45. FARIA, Octávio A. de. **Dicionário Geográfico Histórico e Estatístico do RGS**. Porto Alegre: Liv. Globo, 1914, p. 180-182.
46. FIGUEIREDO, José Lima de, Cap. Em Continência ao Barão do Serro Largo. **DN**, p. 272, 1937.
47. FRAGOSO, Tasso, Gen. **A Batalha do Passo do Rosário**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1951, 2ª ed.
48. (____). **A Batalha do Passo do Rosário e a Crítica de MaxFleiuus**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar. 1923.
49. (____). FRAGOSO, Tasso, Gen. **Os Sofismas e contradições do Dr Max Fleiuus**. Rio de Janeiro: Imprensa Militar. 1924.

50. FRANCO, Afonso Arinos de Mello. **Um Soldado do Reino e do Império**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1941 (Estuda a vida do Marechal Calado).
51. FREJEIRO, Clemente. **La Batalha de Ituzaingô**. Buenos Aires: J.Menendez,1919 (**FPrA**).
52. GODOI, Juan Silvano. Uma Página sobre Ituzaingô. **RMB**, Jun/Mar 1925, p.155-156 (Transcrito de **O Liberal**, Assunção, 27 Fev 1925).
53. HISTÓRIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO. Guerra Cisplatina. Rio de Janeiro: EME, 1972, p. 529-562.
54. HOMEN, J. S. Torres, Cel. **Anais das Guerras do Brasil com os Estados do Prata e Paraguai**. Rio de Janeiro: Imp. Nac. 1911.
55. IRIARTE, Tomas de Rivadávia, Gen. **Monroe y la Guerra Argentino-Brasilena**. Buenos Aires: Edições Argentinas, 1845 (**FPrA**).
- 56.(____). Memórias; in: BALDRICH. **Históriade la Guerra**, p. 342.
57. JOBIM, Rubens Mário. Batalha do Passo do Rosário (em versos). **DN** Nº38, p. 89-90.
58. KERST, Samuel Gottfried. Fragmento de Minha Viagem do Rio de Janeiro ao Rio Grande de São Pedro, em 1826, e uma Curta Exposição da retirada do Exército Brasileiro, depois da Batalha de Ituzaingô. in:**Neues Magazin der neusten Reisebeschreibungen**. Berlin: 1832, p. 333-362 (Testemunho ocular da Batalha do Passo do Rosário) (**FPrB**).
59. LEENHOFF, Barão, Carl Von, Cap. **Contribuições para a Guerra entre oBrasil e Buenos Aires**. Rio de Janeiro: Pap. Velho, 1938. (Tradução KLINGER, Bertholdo, v2 (**FPrB**).
60. LEVENE, Ricardo. **História de la Nación Argentina**. Buenos Aires: Academia Nacional de La História, 1949.

61. LOPES, Vicente Fidel. **Campaña del General Alvear em la Guerra del Brasil em 1826-27**. Buenos Aires: Imprensa e Liv. de Mayo, 1894 (Estuda a Batalha do Passo do Rosário).
62. MANTELLA, Manuel F. El Tratado de los Alemanes al Servicio del Brasil. **Nueva Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, 1881, t.2, p. 156.
63. MATOS, Cunha, Brig. (Artigos). **Expectador Brasileiro**. Rio de Janeiro, Mar/Mai 1827, Nº 30, 31, 53, 54, 55 e 56.
64. MONTEIRO, Jonathas do Rego, Cel. Achegas para a História Militar do Brasil. **RMB**, Nº 1 e 4, Jan/Dez 1937.
65. OLIVEIRA, Felipe Neri, Cel. Resposta, em 06 Mai 1827, a questionário reservado do Marquês de Barbacena sobre o desempenho da cavalaria em Passo do Rosário. **in**: ANTUNES, De Paranhos, Cel. **Dragões do Rio Pardo**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1954, p. 187-191 (FPrB).
66. OLIVEIRA, J. J. Machado d'. **Recordações Históricas da Campanha de 1827. RIHGB**, 1860, v23, p. 497 (Contém FPrB).
67. OSÓRIO, Manoel Luiz, Mal. Depoimento sobre a Brigada Bento Manoel **Osório**. Rio de Janeiro, Luzinger, e filhos, 1894 (FPrB).
68. PACHECO, Angel, Ten Cel. Diário de Campanã; **in**: FREJEIRO. **La Batalha (FPrA)**.
69. PASCOAL, Antônio Deodoro. **História de la República Oriental 1810-1852, baseada em documentos originales**. Paris: Tahn. Dussesois, 1864, v1 (Descreve a batalha com apoio em fontes primárias colhidas no Brasil e Uruguai).
70. PAZ, José Maria, Gen. Carta a Um Amigo. Buenos Aires, 1828 (Exemplar na BN).
71. (____). **Diário de Marcha. Arquivo General de La Nación**. Buenos Aires: Kraft Ltda, 1938 (FPrA).
72. (____). Apuntes para la História... **in**: FREJEIRO. **La Batalha - (FPrA)**.

73. PINO, José del. **Diário de La Guerra del Brasil**. Montevideú: 1956 (**FPrA**).
74. PINTO, Sebastião Barreto Pereira, Gen. Parte de Combate da Batalha do Passo do Rosário como comandante da 2ª Divisão de Infantaria; in: TITARA. **Memórias** e FRAGOSO, **A Batalha**, 2ª ed. p. 414-416 (**FPrB**).
75. QUESADA, Ernesto. La batalla de Ituzaingô. **Revista Nacional**, Buenos Aires: 1893, t.18.
76. QUESADA, Vicente Gregório. La Guerra entre el Império del Brasil y la República Argentina. **Nueva Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires: 881, t.2, p. 49-79.
77. REVILLO, Joaquim. Apuntes para la História de la Guerra del Brasil. **Revista História** Nº 8. Montevideú, Dez 1910, p. 80-833. (FREJEIRO. **A Batalha** o transcreve parcialmente).
78. RIO BRANCO, Barão do. As Vitórias Argentinas de 1827. Vacacaí, Ombu, Ituzaingô e Herval. **RMB**, Jul/Dez 1924, p. 479-508 (Transcrições de **A Nação**, Rio de Janeiro, 27 e 29 Dez 1872 e 12 Fev 1874).
79. ROTTJER, Enrique I, Maj. Las Operaciones de la Guerra del Brasil y la Batalha de Ituzaingô. **Revista Militar**, Buenos Aires: 1927, p. 24-30.
80. SAN MARTIN, Olyntho. **Bento Manuel Ribeiro**. Porto Alegre, Tip. do Centro, 1935.
81. SANTOS, Amilcar Salgado, Ten. Monumento aos Heróis de Ituzaingô. **DN**, Nº 12, p. 173-174.
- 82 (____). Ten. Ituzaingô e o Marquês de Barbacena. **DNN**º 13, p. 94-101.
- 83.(____). O Centenário da Batalha de Ituzaingô. **DN**, Nº 12, p. 200-201.

84. SANTOS, Francisco Ruas, Cel. **Coleção Bibliográfica Militar**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1960.
85. SANTOS, Francisco Ruas, Cel. Índices da **DN** e **RMB** existentes no C Doc Ex. QG Exército - SMU - Brasília. (Possuímos exemplares)
86. SCHILICHTHORST. **O Rio de Janeiro como é 1824-26**. Rio de Janeiro: Ed. Getúlio Costa, 1943. (Trad: BARROSO, Gustavo e DODT, Enny) (**FPrB**).
87. SEIDLER, Carlos. **Dez Anos de Brasil**. São Paulo: Liv. Martins, 1941. (Trad: KLINGER, Bertoldo e notas de CIDADE, F. de Paula, Cel).
88. SEWELOH, A. A. F., Maj. **Reminiscências da Campanha de 1827**. Rio de Janeiro: Imp. Mil, 1936. (Trad: KLINGER, Bertholdo, Gen, e notas de CIDADE, Cel) (**FPrB**).
89. SILVA, Luiz Manuel de, Mal. **Anais do Exército Brasileiro** (Guerra Cisplatina 1825-28). **RIHGRGS**, Porto Alegre, 1987, I e II Trim (**FPrB**).
90. SIMÕES, Lopes Neto. O Anjo da Vitória (Conto); in: **Contos Gaúchos - Lenda do Sul**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1949 (Versão popular da Batalha do Passo do Rosário).
91. SOARES, José Carlos de Macedo. **Os Falsos Troféus de Ituzaingô**. São Paulo: Ed. O Livro, 1920.
92. SOUZA JUNIOR, Antônio, Gen. **Caminhos Históricos da Invasão**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1951 (Bom estudo histórico-militar sobre a Batalha).
93. (____). Reconstituição da Batalha do Passo do Rosário. **DN** Nº 459, 1952.
94. TABORDA, Tarcísio. **A Invasão Argentina de 1827**. Bagé: FUnBA, 1972.
95. TITARA, Ladislau dos Santos, Maj. **Memórias do Grande Exército Aliado....** Rio de Janeiro, BIBLIEX 1950, 6ª ed. (Publica partes de combate da Batalha do Passo do Rosário, de CALADO,

BARRETO, ANDRÉA e ELIZIÁRIO BRITO e outras fontes primárias) (FPrB).

96. TODD, José Maria, Cel. **Recuerdos de Salta y de la Guerra del Brasil**. Imp. Independente, 1877 (FPrA).

97. (____). Recuerdos del Ejército de Operaciones contra el Imperador de Brasil. Salta: La Velocidad, 1892. (Descreve São Gabriel e seu hospital argentino- brasileiro criado por Alvear) (FPrA).

98. WIEDERSPHAN, Henrique, Ten Cel. **A Campanha de Ituzaingô**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1961. (O mais completo trabalho no Brasil sobre a Batalha do Passo do Rosário).

99.(____) Das Guerras Cisplatinas às Guerras contra Rosas e o Paraguai: **in: Rio Grande Antigo**. Canoas: Ed. Regional,1956, p.151-257.

Atualização de fontes

100. BENTO, Cláudio Moreira. Os fatores da decisão militar em Passo do Rosário. **DN**, 772,2 trim 1977 p. 63-110.

101. (____). Marchas estratégicas dos exércitos para a batalha do Passo do Rosário. **DN**, 680, Nov/Dez 1978 p. 71/88.

102. (____). Interpretação da batalha do Passo do Rosário pelo Duque de Caxias. **DN** 777, Jul/Set 1997p. 54

103. COSTA. Paulo Sérgio Muniz. A Batalha do Passo do Rosário - o triunfo incompreendido. **DN**, 777, Jul/Set 1997, p. 69/98.

Academia de História Militar Terrestre do Brasil

Foi fundada em Resende, em 1º de março de 1994, data do aniversário do término da Guerra do Paraguai e do início do ensino militar na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende. A Academia de História Militar Terrestre do Brasil destina-se a desenvolver a História das Forças Terrestres do Brasil: Exército,

Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Forças Auxiliares e outras forças que as antecederam desde o Descobrimento. A novel entidade, com sede e foro em Resende, mas de amplitude nacional, tem como patrono o Duque de Caxias e, como patronos de cadeiras, historiadores militares terrestres assinalados, por vezes também ilustres chefes militares, como os marechais José Bernardino Bormann, José Pessoa, Leitão de Carvalho, Mascarenhas de Moraes, Castelo Branco e os generais Tasso Fragoso, Alfredo Souto Malan e Aurélio de Lyra Tavares. Foram consagrados em vida como patronos de cadeiras, em razão de notáveis serviços prestados à História Militar Terrestre do Brasil, os generais A. de Lyra Tavares (falecido), Jonas de Moraes Correia (falecido), Francisco de Paula Azevedo Pondé (falecido), Severino Sombra, o Almirante Hélio Leôncio Martins e os coronéis Francisco Ruas Santos, Jarbas Passarinho e Hélio Moro Mariante da Brigada Militar RGS. Figuram como patronos os civis Barão do Rio Branco, Dr Eugênio Vilhena de Moraes Gustavo Barroso e Pedro Calmon pelas contribuições assinaladas à História Militar Terrestre do Brasil. A Academia, uma ONG, tem como 1º presidente de Honra o Exmo. Sr. Gen Ex Gleuber Vieira. Comandante do Exército, empossado: 2º Presidente de Honra o Exmo Sr Gen Ex Gen Ex Gilberto Barbosa Figueiredo, Chefe do Departamento de Ensino e Pesquisa empossado na ECEME; 3º presidente de Honra o Exmo. Sr. Gen Bda Cayres Minati, comandante da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) empossado e 4º cel Antônio Esteves Presidente das Faculdades D. Bosco. Entre os fatores da escolha de Resende, ressalta ser a AMAN a maior consumidora de assuntos de História Militar que ministra curricularmente a seus cadetes, no 2º, 3º e 4º anos, através de sua cadeira de História Militar, o único núcleo contínuo e dinâmico de estudo e ensino de História Militar no Brasil. A Diretoria da Academia(AHIMTB) está assim constituída através de suas funções elegíveis: Presidente - Cel Cláudio Moreira Bento; 1º Vice-Presidente - Cel Arivaldo Silveira Fontes; 2º Vice-Presidente - General Arnaldo Serafim; Conselho Fiscal: coronéis Helios Mallebranche Freres, Alceu Vilela Paiva e Edgard Fonseca. A primeira posse como acadêmico foi a do Gen Carlos de Meira Mattos, e, na cadeira de marechal, J.B. Mascarenhas de Moraes e aos dois muito se deve a preservação da Memória da Força Expedicionária Brasileira. A segunda posse como acadêmico foi a do Gen Plínio Pitaluga e, na oportunidade, o Gen Ex Tácito Theophilo Gaspar de Oliveira, distinguindo assim chefes que combateram na FEB . A Academia participou, de 23 a 25 de setembro de 1997, do Seminário Comemorativo da Guerra de Canudos na

Câmara Federal e, em 25 de setembro, na Globo News, sobre o mesmo tema, defendendo a participação das Forças Terrestres no Trágico Episódio que, via de regra, vinha sendo deturpada, quando em realidade a responsabilidade moral e política fora da Sociedade Civil da época que ordenou a destruição de Canudos. A Academia possui como órgão de divulgação o jornal O GUARARAPES, que é dirigido a especialistas no assunto e a autoridades com responsabilidade de Estado pelo desenvolvimento deste assunto de importância estratégica como gerador da perspectiva e identidade históricas das Forças Terrestres do Brasil e, principalmente, pelo desenvolvimento de suas doutrinas militares. Divulgação que potencializa, através de sua Home page – <http://www.resenet.com.br/users/ahimtb>, a pioneira entre as entidades do gênero no Brasil, onde implantou vários livros e artigos tais como as As batalhas dos Guararapes, relacionadas com o Dia do Exército, e Caxias e a Unidade Nacional, relacionada com o Dia do Soldado. E irá procurar de futuro explorar mais esse meio de comunicação. A Academia desenvolve seu trabalho em duas dimensões: 1ª) clássica, como instrumento de aprendizagem em Arte Militar com vistas ao melhor desempenho constitucional das Forças Terrestres, com apoio em suas experiências passadas, etc; 2ª) com vistas a isolar os mecanismos geradores de confrontos bélicos externos e internos para que, colocados à disposição das lideranças civis, estas evitem futuros confrontos bélicos com todo o seu rosário de graves consequências para a Sociedade Civil Brasileira.

A Academia dá especial atenção à juventude masculina e feminina, estudando os sistemas de ensino das Forças Terrestres Brasileiras, com vistas a promover o encontro dela com as velhas e as atuais gerações de historiadores militares terrestres e soldados terrestres, além de tentar despertar no turbilhão da hora presente, no insondável 3º milênio, novas gerações de historiadores militares terrestres, especialidade hoje em vias de extinção por falta de apoio e, sobretudo, de estímulo editorial. Constatar é obra de simples raciocínio e verificação! É assunto que merece, salvo melhor juízo, séria reflexão da parte de lideranças das Forças Terrestres com responsabilidade funcional de desenvolver a sua identidade e perspectiva histórica e as suas doutrinas militares expressivamente nacionalizadas, calcadas na criatividade de seus quadros e em suas experiências históricas bem-sucedidas, o que se impõe a uma grande nação, potência, ou grande potência do 3º Milênio. No desempenho de sua proposta, ela vem realizando sessões solenes junto à

juventude militar terrestre brasileira, a par de posses de novos acadêmicos do Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica e Polícias Militares que vem progressivamente mobilizando e integrando em sua cruzada cultural e centralizando subsídios em seu Centro de Informações de História Militar Terrestre do Brasil em Resende, junto à AMAN.

Outra finalidade da Academia é enfatizar para os jovens com os quais contata a importância da História do Brasil e a de sua subdivisão - A História Militar Terrestre do Brasil. A primeira, como a mãe da identidade e perspectiva histórica do Brasil, e a segunda, como mãe da identidade e perspectivas históricas das forças terrestres brasileiras no contexto das do Brasil e, como em todas as grandes nações, potências e grandes potências mundiais, isso acontece por ser subsidiária de soluções táticas, logísticas e estratégicas militares brasileiras que, nos últimos 500 anos foram responsáveis, em grande parte, pelo delineamento, conquista, definição e manutenção de um Brasil de dimensões continentais. Soluções capazes de contribuir para o desenvolvimento da doutrina militar terrestre brasileira, com progressivos índices de nacionalização, com que sonharam o Duque de Caxias e os marechais Floriano Peixoto e Humberto Castelo Branco etc..

Complementarmente, procura a Academia apontar aos jovens, seu público alvo, os homens e as instituições que lutam patrioticamente, a maioria das vezes sem nenhum apoio, para manter acesas e vivas as chamas dos estudos de História do Brasil e seus desdobramentos com o apoio na análise racional e não-passional de fontes históricas, íntegras, autênticas e fidedignas, que com grandes esforços garimpam, ao invés das manipulações históricas predominantes entre nós, fruto das mais variadas paixões, fantasias e interesses, o que Rui Barbosa já denunciava em seu tempo. Confirmar é obra de simples verificação e raciocínio. E se os jovens disso se convencerem e exercerem o seu espírito crítico, será meia batalha ganha.

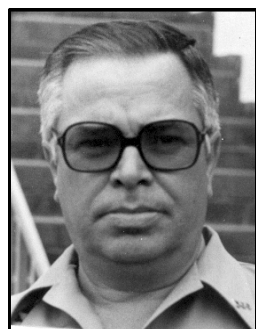
A Academia vem atuando, em escala nacional, com representantes em todo o Brasil em suas várias categorias de sócios. Já mantém em funcionamento, em Brasília, junto ao Colégio Militar, a Delegacia Marechal José Pessoa e instalou no Colégio Militar de Porto Alegre a Delegacia General Rinaldo Pereira Câmara; em Fortaleza, a delegacia Cel José Aurélio Câmara; no Rio de Janeiro, no IME, a Delegacia Marechal João Baptista de Matos; a delegacia General Luiz Carlos Pereira Tourinho, no CM de Curitiba e, na Polícia Militar de São

Paulo, a Delegacia Cel PM Pedro Dias Campos. Em outros locais estabelece sócios correspondentes. Comemorou festivamente seu 6º aniversário com sessão solene, na Fundação Osório, em 1º de março 2002.

Sobre o autor

Currículo cultural do Cel Cláudio Moreira Bento Natural de Canguçu-RS onde nasceu em 19 de outubro 1931. Filho de Conrado Ernani Bento e Calicida Moreira Bento. Esta descendente dos primeiros povoadores de Canguçu das famílias Mattos, Borba, e Gomes. Iniciou sua carreira como soldado na 3ª Cia Com em Pelotas-RS. Asp. de Eng. em 15 fev 1955 da Turma Aspirante Meiga. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá - MG 1981-82 e dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985-90, tendo como oficial de Estado-Maior servido no Comando Militar do Nordeste, Estado-Maior do Exército, Departamento de Engenharia e Comunicações, Comando Militar do Sudeste, Academia Militar das Agulhas Negras, 1ª Região Militar.

Historiador Militar consagrado com mais de 40 títulos publicados e cerca de mais de 1000 artigos em periódicos civis e militares do Brasil e Estados Unidos, sobre História Militar e em especial a do Exército. Seu artigo Participação das Forças Armadas do Brasil na 2ª Guerra publicado em inglês na Military Review do Exército dos EUA esta acessível na Internet. Integra as principais instituições nacionais de História: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro 1978 (sócio emérito); Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (membro benemérito); Academia Brasileira de História (patrono gen Tasso Fragoso) e as academias de História de Portugal, da Real de Espanha e da Argentina e o Instituto Histórico e Geográfico do Uruguai, o Instituto Bolivariano do Rio de Janeiro e o Marechal Ramon Castilha Brasil- Peru. Fundou em 1986 e preside o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e fundou as academias Canguçuense, Resendense e Itatiaense de História, das 2 últimas é presidente Emérito e, da 1ª Presidente. Idealizou a de Itajubá - MG da qual é Presidente de Honra.



Presidiu a fundação da Academia Barramansense de História da qual é acadêmico cadeira Mal Floriano Peixoto. Pertence aos institutos históricos dos RS, SC, PR, SP, MG, MT, RJ, PB, RN, CE e das cidades de São Luiz Gonzaga, São Leopoldo, Pelotas e Sorocaba - SP e Petrópolis. É correspondente das academias de Letras do Rio Grande do Sul e Paraíba e da Academia Petropolitana de Poesia Raul Leoni.

Fundou em 1º de março de 1996, em Resende - A Cidade dos Cadetes - a Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) com o apoio cultural da Associação Educacional D. Bosco. Academia que tem como patrono O Duque de Caxias e entre seus patronos de cadeiras 2 ex-comandantes da AMAN, os marechais José Pessoa e Mascarenhas de Moraes e os civis Pedro Calmon, Barão do Rio Branco e Vilhena de Moraes, biógrafo do Duque de Caxias e Gustavo Barroso .

Foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-80 onde, com apoio do Estado-Maior do Exército (EME) editou o manual Como Estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro que desde 1978 vem sendo adotado na AMAN e ECEME, particularmente no tocante a metodologia de pesquisa histórica. Coordenou então a edição dos livros textos História da Doutrina Militar e História Militar do Brasil com apoio em recursos do EME e desde então livros textos na Academia Militar das Agulhas Negras. (Há 20 anos).

Coordenou o projeto, a construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, inaugurado em 19 abr 1971, ocasião em que foram lançadas suas obras A Grande Festa dos Lanceiros (relacionando o Parque Histórico Mal Osório inaugurado e o Parque Guararapes) e As batalhas dos Guararapes - descrição e análise militar, sobre a qual se manifestaram, elogiosamente, por escrito, Pedro Calmon, Câmara Cascudo Gilberto Freyre, José Américo de Almeida, Mauro Mota, Nilo Pereira, Leduar Assis Rocha etc, e os historiadores militares generais Aurélio Lyra Tavares, Antônio Souza Junior, Carlos de Meira Mattos, coronel Ruas Santos entre outros. Trabalho no qual foram baseados a Maquete e mapas explicativos das batalhas, constantes de Sala sob o Mirante dos Guararapes, inaugurada em 20 de abril de 1998, pelo Exmo Sr Ministro do Exército Zenildo de Lucena, conforme consta dos referidos mapas e foi anunciado pelo mestre de cerimônia na inauguração do Mirante. Participou em 14-15 abril do I Simpósio Guararapes onde abordou na SUDENE, o tema As Batalhas dos Guararapes e foi distinguido pelo Comando Militar do Nordeste para ali hastear a bandeira nacional em homenagem a seu pioneirismo há 29 anos na idéia do 1º Parque Histórico Nacional, hoje concretizado, e lançamento de seu livro sobre as batalhas o qual ajudou a que a 1ª batalha dos Guararapes, em 19 abril 1648, fosse considerado pôr decreto presidencial o Dia do Exército que ali despertou seu espírito junto com o de nação brasileira.

Foi coordenador científico, em 1971, do Projeto Rondon dos Guararapes que contou com a participação de 5 cadetes da AMAN e alunos e alunas universitários de Ciências Humanas vindos de diversos locais do Brasil, para pesquisarem a Insurreição Pernambucana, com vistas a construção do Parque Histórico Nacional dos Guararapes citado, do que resultou o livro por eles escrito O Projeto Rondon nos Guararapes que foi editado pela SUDENE, com apoio de seu Superintendente, o então Gen Bda Tácito Gaspar Theophilo Gaspar de Oliveira. Os estudantes retornaram na inauguração do Parque, em 19 de abril de 1971 trazendo as bandeiras de seus estados que hastearam no Morro do Telégrafo e a do Brasil e a de Portugal, hasteadas respectivamente por um cadete da AMAN e um cadete de Engenharia de Portugal Experiência que inspirou a criação pelo cel Bento da Academia de História Militar Terrestre do Brasil voltada para a juventude militar freqüentando as escolas do Exército e as das Forças Auxiliares.

Foi adjunto da Presidência da Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército que editou a História do Exército Brasileiro em 3 volumes, cabendo-lhe, como historiador convidado abordar as guerras holandesas. História ora reeditada com apoio da Odebrecht e relançada no Forte do Brum em 20 de abril de 1998, em cerimônia presidida pelo Exmo Sr Ministro do Exército Zenildo de Lucena a com a denominação de O Exército Brasileiro na História do Brasil, com novas ilustrações e coordenada pela DAC/BIBLIEx. Presidiu: Comissão que editou Revista do Exército comemorativa do bicentenário do Forte de Coimbra; a que resultou na escolha do Forte de Copacabana como Museu do Exército e sua conseqüente criação no final dos anos 80, além de haver cooperado no texto relativo ao Salão Império do Museu; Comissão de História Militar de A Defesa Nacional na administração da BIBLIEx do cel Aldílio S. Xavier. Revista de que foi conselheiro editorial por longo tempo.

Possui 7 prêmios em concursos literários no Brasil e Estados Unidos onde se destacam: Pela BIBLIEx, 1º lugar com o Exército e a Abolição e o Exército na Proclamação da República e, O Negro na Sociedade do Rio Grande do Sul 1º lugar em Concurso Nacional. 1º lugar pela Military Review com a pesquisa O Exército no desenvolvimento - o caso brasileiro e 2º prêmio com O Gaúcho fundador da Imprensa Brasileira, pela Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul e Associação Rio Grandense de Imprensa e 2º lugar em concurso nacional com a obra Estrangeiros e descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul ,comemorativo ao Biênio da Colonização e Imigração para o Rio Grande do Sul em 1975-76. Foram destaque especial em 1989 e 1990 pela Associação Brasileira de Comunicação Empresarial(ABERJ) sua obras Quartéis Gerais das Forças Armadas do Brasil e A Guarnição Militar do Rio de Janeiro na Proclamação da República editadas pela FHE-POUPEX, e premiado com a Monografia A Produção de Estimadas em concurso Argus promovido pela EsNI em 1976, A duas obras, antepenúltima e penúltima, e mais seus álbuns Escolas de Formação de Oficiais das Forças Armadas (FHE-POUPEX) e A História do Brasil através de seus fortes decoram paredes de comandos e tropas espalhados por todo o Brasil.

Sua bibliografia consta do Dicionário de historiadores brasileiros v.1 do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do Dicionário Biobibliográfico Gaúcho. Martim Livreiro e do site www.resenet.com.br/users/ahimtb. Produziu e foram lançadas em 1995 no Rio Grande do Sul as seguintes obras suas dentro do Projeto O Exército na Região Sul; História da 3ª Região Militar 1809-1995 e Antecedentes em 3 volumes, que traduz a História Militar do Exército no Rio Grande do Sul e que foi completada com Comando Militar do Sul - 4 décadas de História 1953-95 e Antecedentes.

Já lançou História da 8ª Bda Inf Mtz, a História da da 6ª DE e a História da 3ª Bda C Mec e desenvolve bem adiantadas as histórias da 6ª Bda Inf Bld, AD/6 e 2ª Bda C Mec.

Coordenou o 13º Simpósio de História do Vale do Paraíba que teve por tema pioneiro A Presença Militar no Vale do Paraíba realizado de 3-5 julho de 1996 na Fundação Educacional D. Bosco, na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende e Centro Sargento Max Wolf em Itatiaia e que contou com a presença de ilustres historiadores militares e civis.

O Cel Bento se dedica a História Militar Terrestre do Brasil dentro do seguinte contexto definido pelo marechal Ferdinand Foch o comandante da vitória Aliada na 1ª Guerra Mundial:

“Para alimentar o cérebro(comando) de um Exército na paz para melhor prepará-lo para a eventualidade indesejável de uma guerra ,não existe livro mais fecundo em lições e meditações do que o da HISTÓRIA MILITAR.”

Isto por considerar também a História Militar como o Laboratório de Táticas e Estratégias e, por via de conseqüência, contribuir para o desenvolvimento doutrinário militar dos Exércitos. Acaba de ser lançada pela Biblioteca do Exército sua obra A Guerra de Restauração do Rio Grande do Sul aos espanhóis 1774-76 baseada no Diário de Campanha inédito em português do ten gen Henrique Bohn que comandou o Exército do Sul 1774-77, que reconquistou o Rio Grande do Sul aos espanhóis e que liberou as terras de Pelotas e Canguçu para povoamento por Portugal.

Possui as seguintes condecorações: Comendador do Mérito Militar, Medalha Militar de Ouro com passador de platina por mais de 40 anos de bons serviços ao Exército. Pacificador, Oficial da Ordem do Mérito das Forças Armadas, Ordem do Mérito Tamandaré pela Marinha, Medalha de Honra da Inconfidência, Medalha Santos Dumont, Marechal Mascarenhas de Moraes, Mérito Cívico pela Liga de Defesa Nacional e Comenda Conde de Resende e J. Simões Lopes Neto pelas Câmaras de Resende e Pelotas etc.

Historiador Emérito pela 8ª Bda Mtz em Pelotas, cuja denominação histórica mal Manoel Marques de Souza pesquisou e instruiu processo de concessão.

Teve transcrito nos Anais da Assembléia Legislativa de Goiás seu artigo em 1972 do Correio Braziliense - Um filho de Goyáz, herói da Integridade e da Independência do Brasil (mal Xavier Curado), bem como na Câmara Federal, trabalho seu sobre o centenário de morte do Duque de Caxias, em 1980, por proposta do deputado federal pernambucano Dr. Lucena. E na Câmara de Recife trabalho alusivo ao centenário do Patrono da Artilharia mal Mallet no Comando das Armas de Pernambuco e, nas câmaras de Resende e de Diamantina, respectivamente, seu discurso sobre o Conde de Resende no aniversário da cidade em 1992 e outro sobre O diamantinense que foi o cérebro da Revolução Farroupilha na Assembléia Legislativa de Minas Gerais. Por indicação do sr Ministro do Exército e apoio logístico de sua assessoria parlamentar, participou de Simpósio na Câmara Federal comemorativo do Centenário de Canudos tendo ali defendido a Força Terrestre de manipulações que a apresentavam ao Povo, injustamente, como a responsável pela Tragédia de Canudos, em realidade uma responsabilidade da Sociedade Civil da época, ou de todos os avós e bisavós dos brasileiros. Idêntica postura transmitiu em entrevista pela Globo News em que as falsas e manipuladas acusações vieram a tona e foram rebatidas sem contestação. Idêntica postura em reportagem de O Globo e oferecida ao outras publicações brasileiras.

Assinou o Livro de Honra do Corpo de Cadetes em 1955, p.42,18a linha por haver realizado seu curso de oficial sem nenhuma punição. Em 1993/94 foi o Diretor Cultural da SORAAMAN (Sociedade Resendense de Amigos da AMAN) quando publicou a plaqueta 1994 - Jubileu de Ouro da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende. Sociedade constituída de civis e militares destinada a estreitar os laços de amizade entre as comunidades resendense e a acadêmica.

Foi o Diretor Cultural e da Revista do Clube Militar no centenário do Clube, tendo colaborado e coordenado e Revista do Clube Comemorativa e enriquecido o seu museu com quadros históricos que promoveu e fez as legendas. Integrou a Comissão do Exército do centenário da República e da Bandeira, tendo colaborado e coordenado O Caderno da Comissão do Exército Comemorativa dos centenários da República e Bandeira, publicado em parceria pela BIBLIEX e pelo SENAI, este presidido então pelo Cel Arivaldo Silveira Fontes que também editou livro do Cel Bento O Exército na Proclamação da Republica 1989 que fora premiado pela BIBLIEX e lançado na ECEME e distribuído amplamente na AMAN.

Publicou com apoio da Odebrecht: A Participação da Marinha Mercante e das FFAA do Brasil na 2ª Guerra Mundial comemorativo aos 50 anos do Dia da Vitória e distribuído amplamente na AMAN E a pedido do cel Sérgio Westphalen Echegoyen, comandante das CIAS SUL, elaborou pesquisa sobre os 68 sargentos heróis da FEB, para emular os alunos daquela Escola de Sargentos. Trabalho que difundiu em palestra na Escola de Sargentos das Armas, a convite de seu comandante e as unidades as quais pertenceram os bravos heróis e que participaram da 2ª Guerra Mundial.

Possui várias distinções civis onde se destacam a de cidadão itajubense por unanimidade pela Câmara de Vereadores em 1982, a de Comendador da Ordem J. Simões Lopes Neto pela Câmara de Pelotas, a de Irmão da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, brasão de Canguçu, em reconhecimento "AO FILHO ILUSTRE PELA RECONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA COMUNITÁRIA". set 91, orador oficial na Câmara de Resende no aniversário de Resende quando resgatou a memória do Conde de Resende em cujo estudo esta se apoiou para criar a Comenda Conde de Resende. Câmara que acaba de aprovar, por unanimidade, Moção Congratulatória por sua atuação de 1991-97 para o resgate e divulgação da História de Resende e Itatiaia. Foi orador em 13 de abril na cerimônia de inauguração no Batalhão Escola de Engenharia em Santa Cruz - RJ do

Memorial ao Patrono da Arma de Engenharia o Ten Cel Vilagran Cabrita. Integra a Confraria dos Cidadãos de Resende voltada para o culto da cidadania, na função de Tribuno.

Pois desde 1991 tem escrito sobre a História de Resende onde se destacam seus livros A Saga da Santa Casa de Misericórdia de Resende: 1994-Jubileu de Ouro da AMAN em Resende (já citado); "Os puris primitivos habitantes do Vale do Paraíba: "Lenda resendense do Timburibá"; História Militar do Vale do Paraíba e, Resendenses na Guarda de Honra de D. Pedro na proclamação da Independência em 7 setembro de 1822, etc.. Foi distinguido pela Câmara de Resende com Voto de louvor pela brilhante participação da Academia de História Militar Terrestre do Brasil dos 200 anos de Resende em 2001.

Conferencista Emérito da ECEME, EsAO, EsIE e, Instituto Militar de Engenharia onde, em 15 abr 98, pronunciou para os corpos docente e discente palestra de 2 horas sobre As Guerras Holandesas em comemoração aos 350 anos da 1ª batalha dos Guararapes e 4º ano do Dia do Exército. Tem pronunciado palestras na AMAN e em especial sobre a História da mesma aos novos cadetes logo que nela ingressam. De igual modo tem atendido alunos da ECEME e em especial seus ex alunos na AMAN, para ajudá-los com fontes históricas na elaboração de suas monografias, gravando para os mesmos seu pensamento e interpretações, o mesmo acontecendo em relação a pesquisas históricas de cadetes e da própria AMAN no seu arquivo pessoal sobre a história da mesma e antecessoras. Como diretor do Arquivo Histórico do Exército 1985-91, promoveu sessões comemorativas de centenários de generais brasileiros, resgatando expressivamente as memórias dos mesmos e suas preciosas lições.

Vem acompanhando e divulgando na mídia civil e castrense fatos expressivos recentes ocorridos na AMAN relacionados com o culto das tradições da mesma. Estudou de 1938-44 no Colégio N. S. Aparecida de Canguçu, de 1945-50 no Ginásio Gonzaga de Pelotas tendo se bacharelado no Curso Ginásial, com destaque, em 15 de dezembro de 1948. Concluiu o Científico, com destaque, em Porto Alegre na Escola Preparatória de Cadetes no Casarão da Várzea. Como aspirante, 2º tenente, 1º tenente e capitão serviu em São Leopoldo 1955-57, em Bento Gonçalves 2 vezes 1957-59 e 1961-66 e em Cachoeira do Sul 1959-61. Como presidente do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul presidiu encontros da entidade em Pelotas, Porto Alegre, Caçapava do Sul São Gabriel, São Borja, Santana e Lavras.

Possui alentada produção histórica sobre a Zona Sul do Rio Grande do Sul na antiga Coluna Querência do Diário Popular de Pelotas bem como no jornal Tradição de Porto Alegre, órgão de divulgação do MTG. no qual é considerado autoridade tradicionalista.

Passou sua vida nos seguintes locais: Canguçu-RS 1931-44; Em Pelotas 1945-50; em Porto Alegre 1951-52; em Resende-RJ 1953-54; em São Leopoldo 1955-57; em Bento Gonçalves e Veranópolis (destacado no vale dos rios da Prata e das Antas) 1957-59; em Cachoeira do Sul 1959-61; em Bento Gonçalves 1962-66 (sendo que no 2º semestre de 1964 no Vila Militar no Rio de Janeiro); no Rio de Janeiro 1967-69 (na Praia Vermelha); no Recife 1970-71; em Brasília 1972-75; em São Paulo 1976-77; em Resende 1978-80; em Itajubá - MG 1981-82; no Rio de Janeiro 1983-85 no EM 1ª RM e de 1985-91 no Arquivo Histórico do Exército quando passou para a Reserva, passando a residir em Resende onde construíra casa de campo em 1980 e para onde se fixou em definitivo em 1991 a sombra de sua mãe profissional a AMAN.

Residiu destacado quando no 1º Btl Ferroviário sucessivamente em Jaboticaba, junto a ponte ferroviária sobre o Rio das Antas (Bento Gonçalves); Rio da Prata (em Veranópolis junto a Gruta do Paco); no km 2, na altura do Passo do Governo (Bento Gonçalves) e na Linha Marechal Hermes (Virolândia) em Veranópolis e próximo de

Muçum-RS. E tudo na construção do Tronco Ferroviário Sul, considerado serviço de natureza nacional relevante, conforme registram suas alterações. Foi pioneiro em 1963 como capitão, na perfuração do maior túnel ferroviário da América do Sul, o Túnel 19 Boca Norte, no qual revolucionou o rendimento de perfuração de no máximo 8 metros por, semana para até 21 metros, tendo em consequência sido distinguido pelo seu comandante de Batalhão, cel Dirceu de Araujo Nogueira, com a caminhonete Aero Willys que até então usara, até adquirir outra para cumprir promessa feita junto ao então coronel Rodrigo Otávio Jordão Ramos, atual denominação histórica do 2º GEC em Manaus.

Revisou com o concurso da AMAN e ampliou e condensou, num só volume, os originais de projetada reedição de As Batalhas dos Guararapes análise e descrição militar com apresentação de S. Excia gen Ex Zenildo de Lucena e por sua Excia instruído a BIBLIEx a publicá-lo. Obra em implantação em disquete no WEB do C.Com.SEx para apoiar estudos e pesquisas que se estenderão até 19 de fevereiro de 1999, 350 anos da 2ª Batalha dos Guararapes.

Produziu para o Sistema de Ensino a Distância para preparação para a ECEME os trabalhos Lutas internas no período monárquico e a ação pacificadora do Duque de Caxias e, Conflitos externos e lutas internas na consolidação da República 1889-97.

Produziu cerca de 8 anos para FHE-POUPEX, pesquisa original sobre Os patronos nas Forças Armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica) ilustradas pelo pintor Newton Coutinho e que se destinariam a distribuição no seio da juventude militar brasileira, estudando em escolas das FF.AA e potencialmente futuros associados à FHE-POUPEX. Lamenta o autor a falta de recursos para dar prosseguimento ao projeto que cobriria lacunas biográficas referentes a personalidades exemplares para a juventude militar tão carente de obras sintética e ilustradas do gênero.

É também autor da obra inédita Moedas de Honra que consolida a bibliografia sobre Ordens de Cavalaria vindas de Portugal até as atuais honoríficas a nível federal e condecorações militares. Obra inicialmente encomendada pelo G.B.O Ex, na antepenúltima administração e não honrada pela penúltima, em relação a atual, que nem sequer indenizou o sofrido investimento intelectual e financeiro do autor. É obra essencial para o conhecimento do assunto pelos recipiendários. É importante disciplina auxiliar da História Militar e Civil do Brasil e esta sendo implantada na Internet no Site da AHIMTB <http://www.resenet.com.br/users/ahimtb> que a cada dia que passa, vem sendo enriquecida com livros e artigos sobre História Militar Terrestre do Brasil.

Em 1972 foi autor do parecer solicitado ao EME pelo Ministério dos Transportes sobre o verdadeiro local da descoberta do Brasil, se em Porto Seguro ou Cabralia, opinando sobre a descoberta em Cabralia, do que resultou a decisão governamental de estender a rodovia federal até lá, conforme consta da obra; MAIA, Rocha. Do Monte Pascoal a Cabralia. Rio de Janeiro, MT, 1993. p.25-26.

Sua projeção atual na historiografia nacional e internacional resultou de seu desejo de escrever a História de Canguçu sobre a qual produziu os seguintes trabalhos entre outros:

Canguçu reencontro com a História, 1983. História da Real Feitoria do Linho cânhamo do Rincão do Canguçu, 1783-89. Município de Canguçu formação histórica: 200 anos da Igreja N.S da Conceição de Canguçu. Apresentação do livro de Ilka Neves Primeiros povoadores e batismos de Canguçu 1800-13. Colaborações na antologia anual do CIPEL: Canguçu na Revolução federalista; Guerra à gaúcha; As Pedras das Mentiras; A Educação em Canguçu - evolução; Canguçu aspectos da Comunicação Social até o advento da radiodifusão e apreciável volume de artigos em O Diário Popular de Pelotas e no o Liberal de Canguçu.

Possui as principais fontes da História de Canguçu reunidas no Arquivo Conrado Ernani Bento, seu pai, iniciador da preservação das referidas fontes históricas. Arquivo que será colocado à disposição da pesquisa na sala da Casa da Cultura destinada a Academia Canguçuense de História.

Acaba de ser agraciado pela Câmara de Vereadores de Resende com a Comenda Conde de Resende. Esta produzindo para o Jornal da SASDE(2ª DE -SP), passagens da História Militar de São Paulo.

É colaborador da Revista Eletrônica da AHIMTB no site www.militar.com.br
Endereço Rua Florença 266 Jardim das Rosas Itatiaia-RJ 27.580-000, Email bento@resenet.com.br, Fone 0xx24/3542988

Convenções

AHEX - Arquivo Histórico do Exército
AHIMTB - Academia de História Militar Terrestre do Brasil
BI - Batalhão de Infantaria (equivalente na época , aos Batalhões de Caçadores).
BIBLIEX - Biblioteca do Exército.
C Doc Ex - Centro de documentação do Exército.
DI - Divisão de Infantaria.
DN - Revista A Defesa Nacional.
EME - Estado-Maior do Exército
E.Pr. A - Fonte Primária Argentina
E.Pr.B - Fonte Primária Brasileira
H E B - História do Exército Brasileiro
I H G B - Instituto Histórico Geográfico Brasileiro.
IHTRGS- Instituto de História e Tradições do RGS
Imp. Mil. - Imprensa Militar.
SGeEx - Secretaria Geral do Exército - Rio de Janeiro - RJ.
RC - Regimento de Cavalaria.
RIHGB - Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.
RIHGMB - Revista do Instituto Histórico e Geográfico Militar Brasileiro.
RIHGRGS - Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Em princípio serão obedecidos quanto às abreviaturas, símbolos militares e convenções cartográficas o previsto no MANUEL DE CAMPANHA C-21-30. **Abreviatura, Símbolos e Convenções Cartográficas.** Rio de Janeiro Ministério do Exército. 1963.

